N.º 264 — 11.º ano

A VIRGEM E O MENINO (Quadro de Murillo)

6-DEZEMBRO-1936

PREÇO

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 264 — 11.º 16-DEZEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

NATAL

SÃO decorridos dois mil anos sôbre a vinda de Jesus a êste Mundo mísero e perverso.

Nos salutares ensinamentos do divino nazareno poderia a humanidade ter encontrado a tão suspirada redenção, e, no entanto, nada conseguiu até hoje!

Jesus surgiu numa época de despotismo feroz, e, não obstante ter aconselhado que «a César fôsse dado o que a César era devido», o seu verbo flamejou como um açoite de fogo contra o egoismo, contra a perversidade e contra a tirania Prègou o bem, exortou as multidões à prática da caridade, derramou a fé e a esperança nos corações oprimidos e torturados, nimbou o Mundo num clarão de bondade infinita, chegando a perdoar a quem o matou.

Como se compreende que, na posse dum tal evangelho, a humanidade persista em ser cada vez mais perversa? O seu grau de civilização, de que tanto se ufana dar lhe-à ainda o direito de ser perdoada por não saber o que faz?

Mais uma vez se comemora o Natal de Jesus.

Neste momento, em que os vários credos se chocam numa fúria carniceira, bom seria que todos os homens pensassem que Jesus, ou Deus ou Homem, foi o redentor da humanidade. Foi supliciado por ter prègado a humildade e o bem, por ter amado os simples, por ter levado confôrto aos lares desventurados, por ter afagado as criancinhas, por ter contraditado os escribas e os fariseus, por ter discutido com os doutores da lei, por ter interpretado, em suma, na sua candura de visionário, a letra das Escrituras.

Portanto, ou Messias, ou simples rabbi, descendente da nobre estirpe de David ou plebeu humilde, era bem aquele que, segundo as profecias, haveria de surgir, um dia, a trazer a redenção da humanidade com o seu verbo de luz, o seu exemplo e o seu martírio. Perante o sacrifício do Grande Mártir, deflagrou a reação dos oprimidos. E assim se cumpriram as formosas bemaventuranças do sermão da Montanha:

«Bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão saciados...»

Cristo será, pois, para todos os mortais o Redentor da Humanidade, quer seja aureolado pelo clarão vivíssimo da Fé, quer seja observado à luz fria da Razão.

O seu verbo era cristalino como a água do poço de Sicar que a Samaritana lhe oferecera da sua ânfora de barro vermelho E, assim, como todos os sedentos poderiam ir ali encher a concha da sua mão, todos os rudes poderiam compreender os ensinamentos singelos e encantadores que, no rebordo dêsse poço, fôram dados ao Mundo inteiro.

— É chegado o momento — dissera êle — de acabarem os ódios entre os homens!

Estava lançada a semente da Fraternidade. A grande seara ergueria, em breve, as suas messes fecundas, e entre o verde esperança da vegetação, brotariam as papoilas a que o sangue do Mártir daria côr mais viva.

Porque não o compreendeu ainda a Humanidade?

Porque festeja ainda o Natal de Jesus, do Redentor, cujos ensinamentos despreza?

A ABDICAÇÃO DE EDUARDO VIII

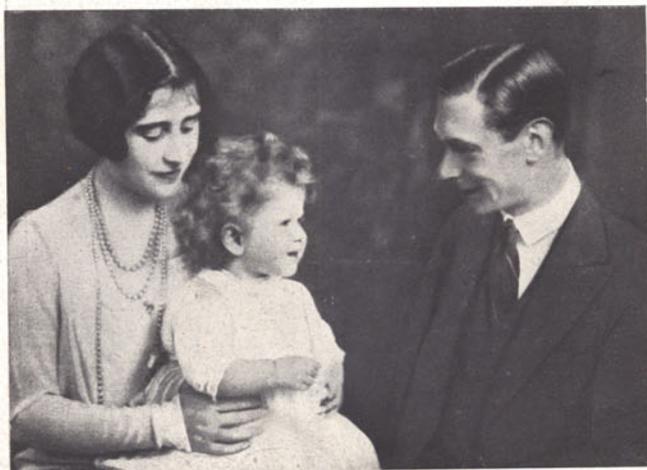
Como um soberano se despede do seu povo

O rei Eduardo VIII acompanhado por seu irmão, o duque de York, actual soberano da Inglaterra, no dia do funeral de seu pai, Jorge V

A Inglaterra, ainda há pouco enlutada pela morte do rei Jorge V, tem um novo soberano — Sua Majestade Imperial o rei Jorge VI. Desta vez, porém, a sucessão não foi provocada por crepes funerários, mas porque o rei Eduardo VIII, aliás adorado pelo seu povo, decidiu abdicar no seu irmão duque de York, e dar livre curso aos impulsos do seu coração amoroso.

Ao despedir-se do seu povo, o ex-rei Eduardo VIII proferiu um discurso que todo o Mundo ouviu e decorou.

O ex-soberano falou do Castelo de Windsor, tendo o locutor anunciado: «Vai falar Sua Alteza Real o Príncipe Eduardo.»

Eis o discurso do grande rei que «aspirava à felicidade imensa de ter um lar feliz com mulher e filhos»:

«Depois dum longo silêncio posso agora, eu próprio, dizer algumas palavras. Nunca desejei ocultar nada, mas a Constituição não me permitia que falasse. Há algumas horas deixei o cargo de rei e imperador. Sucede-me nesse cargo meu irmão, o duque de York, e quero que as minhas primeiras palavras sirvam para declarar que o reconheço como meu rei. Digo isto com todo o meu coração. Todos vós conheceis as razões que me levaram a renunciar ao trono, mas desejo fazer-vos compreender a minha decisão e mostrar-vos que não esqueci nem o país nem o Império que, como príncipe de Gales e mais tarde como rei, procurei servir durante 25 anos. Deveis acreditar-me quando declaro que considerei impossível continuar a minha pesada responsabilidade e a cumprir, como queria, os meus deveres de rei sem o auxílio e o amparo da mulher que amo.

A princesa Isabel, herdeira do trono britânico

«Quero dizer-vos que a minha decisão foi tomada sòzinho e assumo a sua responsabilidade. Só a mim competia julgar. A pessoa que, juntamente comigo, estava mais interessada tentou até ao último minuto persuadir-me a que mudasse de decisão. Tomei esta resolução — a mais séria da minha vida — porque se me afigurou melhor para todos. Foi ajudada pela convicção de que meu irmão, graças à sua longa experiência dos negócios públicos e às suas belas qualidades, seria capaz de me suceder no trono, sem prejuízo para a vida e o progresso do Império.

«A felicidade imensa que muitos dentre vós conheceis e que até êste dia me não foi dada — ter um lar feliz, com mulher e filhos — é o que desejo.

«Durante êstes dias difíceis fui confortado por Sua Majestade a Rainha, minha mãe, e pela minha família. Os ministros da Corôa e, particularmente, Baldwin tiveram para mim tôdas as deferências. Nunca houve litígio entre mim e êles acêrca da Constituição, como não houve entre mim e o Parlamento. Educado por meu pai no respeito das tradições constitucionais, nunca consentiria que surgisse semelhante litígio. Desde o dia em que fui príncipe de Gales e depois, enquanto fui rei, nunca deixei de ser tratado com a maior bondade por tôdas as classes do povo britânico. Em tôda a parte onde vivi ou me levaram as minhas viagens — na Inglaterra, como no resto do Império — sempre senti essa grande amizade e desejo agradecê-la.

O duque de York, actual rei da Inglaterra

«Abandono agora, para sempre, os negócios públicos e deponho o meu fardo. Poderá passar algum tempo antes que regresse ao meu país natal, mas a minha sorte permanecerá ligada à da raça britânica, à do Império, e se alguma vez no futuro, meu irmão, a título privado, apelar para o meu auxílio estarei pronto a responder a êsse apêlo.

«Agora temos um novo rei. Do fundo do meu coração desejo a êle e a vós todos, que sois o seu povo, felicidade e prosperidade. Deus vos abençoi a todos e que Deus guarde o rei».

O duque de York com sua esposa e a princesinha Isabel quando esta tinha apenas três anos de idade

Um belo retrato da princesa Isabel aos três anos de idade

Que maior elevação poderia ser exigida a um rei do nosso tempo?

Falou-se num escândalo que afectava a rigidez macissa da tradição britânica, visto que o rei desejava casar-se com a senhora Simpson que não tinha nas veias o indispensável sangue real.

Que lhe importava êsse requisito, se era ela a mulher que amava?

Poderia acaso admitir-se que os reis não fôssem de carne e ôsso, que não tivessem sangue e nêrvos como qualquer dos seus subditos mais humildes, e que, por isso, estivessem isentos duma alma que vibrasse, dum coração que sentisse e duma vontade que os conduzisse para o oasis das suas aspirações mais gratas?

Recordando agora as lindas histórias que, há muitos anos, a nossa avòsinha nos contava acêrca de príncipes encantados que se apaixonavam por pastorinhas humildes, temos a impressão de que a santa velhinha não era tão fantasiosa como, mais tarde, chegamos a calcular... Ainda há príncipes encantados nêste Mundo!

Pois Eduardo VIII não vacilou em cortar o nó górdio, e com tanto carácter e grandeza de alma, que ficaram, à mesma altura, êle a Pátria.

Póde dizer-se que nunca foi maior, mais humano, um Rei-Imperador e nunca foi maior a Inglaterra, que, pela impassível majestade da Lei, impõe sempre, como supremo, o interêsse nacional.

O ex-rei Eduardo VIII, actual duque de Windsor

A senhora Simpson

A MORTE DO GUNGUNHANA

No dia 23 do corrente passa o 30.º aniversário da morte do Gungunhana que, dez anos antes, havia sido preso no Chaimite.

Embora se dissesse que o famoso soberano vátua era ambicioso e sanguinário, chegando a afirmar-se que, por morte de seu pai, o poderoso Muzila, mandara assassinar o irmão mais velho que lhe fazia sombra, e se proclamara rei, não nos parece que fôsse tão mau como para aí se espalhou.

É certo que, ao apoderar-se da soberania, trocou o nome de Mudungaz, que então usava, pelo de Gungunhana, com que eram designadas umas furnas das montanhas de Cherinda, em Mussurize, onde eram massacrados os condenados à morte.

E daí talvez tivesse escolhido êsse nome sinistro para se fazer respeitar.

Que matara o irmão para se apoderar do trôno?

Mesmo que assim fôsse, quem poderia censurar o régulo vátua que, dando largas aos instintos ferozes que a sua vida selvagem mais lhe excitava, quando tantos soberanos europeus não tiveram escrúpulo em sacrificar irmãos ou qualquer membro da família que lhe podessem servir de obstáculo?

O que fez o nosso D. Pedro II, que não só usurpou a corôa ao irmão, como fez o mesmo à mulher?

E' possível que o Mudungaz, ao tomar o nome de Gungunhana, tivesse mandado assassinar o seu irmão Mafemane que lhe disputava a soberania, mas, se assim procedeu, é porque não era tão selvagem como parecia.

A nosso vêr, o Gungunhana era leitor da História Universal, tendo aprendido nas suas páginas, salpicadas de crimes hediondos, a maneira mais prática de suceder a seu pai Muzila.

Depois, entregue aos carinhos das suas sete esposas, a Namatuco, a Fussi, a Patihina, a Muzamussi, a Maxaxa, a Xesipe e a Dabondi, ia vivendo o melhor que podia e sabia, procurando deixar um bom futuro ao seu filho Godide.

Por sua vez, o tio Molungo que o criara de pequenino, e o Zichacha faziam todo o possível por lhe tornar a vida feliz.

Zichacha, Molungo, Godide e o Gungunhana quando chegaram a Lisboa em 1896

Após a sua captura, o Gungunhana foi levado para Lourenço Marques, e de lá conduzido para a Europa. Quando chegou a Lisboa, todos o quizeram vêr, e, pelo rápido passeio que deu, de carruagem, através das principais ruas da Baixa, o desventurado régulo pôde convencer-se de que, se uma multidão enorme manifestava uma natural curiosidade em reconhecer êsse inimigo vencido, que tanto dinheiro e sangue custara aos portugueses, não encontrou a mais leve manifestação que magoasse a sua desgraça. Tôda aquela gente contemplava aquêle negro obeso, atarracado de olhos maliciosos e feições grosseiras que lhe era mostrado como se fôsse um animal curioso.

O receio, que o Gungunhana tantas vezes patentiou durante a viagem, de que chegando a Portugal lhe cortariam a cabeça, dissipou-se seguramente ante a atitude benévola e até sorridente que a população lisboeta mostrou ao presenciar o desfile.

Quando o mandaram para Angra do Heroismo, o Gungunhana pretendeu exibir as imunidades do pôsto de coronel que lhe fôra concedido por ocasião dos tratados que celebrou com Portugal, mas nada impediu que seguisse com a remuneração e comida de sargento.

Essa desventurada família até o nome perdeu: o Gungunhana passou a chamar-se Reinaldo, o Godide ficou sendo António, o Molungo tomou o nome de José, e o Zichacha o de Roberto. E assim se extinguiu a dinastia dos vátuas.

No dia 23 de Dezembro de 1906, cêrca das duas horas da tarde, encontrando-se como de costume, a fazer pequenos cestos que vendia, chamou o filho, e disse-lhe:

— Môrro hoje... O braço e a perna direita já não os posso mexer...

Gungunhana, Godide, Molungo e Zichacha, em Angra do Heroismo, em Janeiro de 1904

Fôra acometido dum ataque de paralisia. Conduzido ao hospital militar, ali faleceu oito horas depois.

Seu filho Godide, o tio Molungo e Zichacha choraram sôbre o cadáver durante largo tempo, não tendo tomado parte no funeral que levou apenas os condutores do caixão e um padre.

Por ocasião da morte do Gungunhana, os jornais de Lisboa traçaram-lhe uma larga e elogiosa biografia, chegando a censurar que o amesquinhassem.

O "Diário de Notícias", por exemplo, dizia, entre outras coisas, o seguinte:

"Exaltar o vencido, enaltece o vencedor, mas nós, olvidando que êsse homem concorreu com a sua derrota para glorificar mais uma vez as bandeiras do nosso exército, amesquinhamo-lo e consentimos que morresse a fazer cestos para vender!

Depois, salientando o infortúnio do desventurado régulo, continuava no mesmo tom compassivo:

"Merecia um pouco mais o desventurado velho no derradeiro quartel da sua vida.

"Nunca se tornou cruel como os seus avoengos zulos e vátuas, e foi para nós um inimigo tão leal que até permitiu que os nossos oficiais do Estado Maior percorressem os seus domínios para melhor conceberem o plano da campanha que o havia de aniquilar, chegando a fornecer-lhes guias.

"Estando abertas as hostilidades, e tendo na sua mão o actual ministro da Marinha (Aires de Ornelas) um oficial de cavalaria e trinta soldados brancos, o que em tôda a parte civilizada constituiriam excelentes refens, não só os mandou em paz, como lhes proporcionou ainda mantimentos para o pessoal e gado.

"Não tornou a vêr a sua terra, e quem conhece a saúdade infinita que o preto sente pela liberdade absoluta do mato e pelas extensas languas por onde jornadeia à solta, mesmo quando não dispõe do poder enorme e despótico de que o régulo estava investido, ha de compreender a aflitiva amargura da sua derradeira hora.

"Paz ao vencido que encheu na nossa História militar uma grande página!"

Já lá vão trinta anos! Parece que foi ontem!

O POETA RAMADA CURTO

Que o incontestável talento do dr. Ramada Curto pudesse dar ao seu feliz possuidor a fama de um festejado dramaturgo sem o afastar da monotonia da vida forense em que ocupa um dos mais altos lugares, toda a gente compreenderia, à fôrça de o ouvir através dos grandes julgamentos e de o aplaudir durante o desempenho das suas peças teatrais. Mas que o dr. Ramada Curto fôsse um poeta da mais delicada sensibilidade, é que ninguem estaria disposto a acreditar nêstes prosaicos tempos que vão correndo. Não acreditariamos se não tivessemos a prova provada que, por um feliz acaso, veio caír-nos na mão.

Pois é verdade! O aplaudido dramaturgo Ramada Curto, sendo um ilustre advogado, embora não aplaudido porque o ambiente severo dos tribunais não permite tais efusões, é também um poeta inspiradissimo que se preparava, ao que supômos, para fazer uma surpresa aos seus admiradores, em obra póstuma.

Ora, como desejariamos saboriar, quanto antes, um livro de versos de Ramada Curto, e como fazemos votos porque viva ainda muitos anos e bons, eis a razão de nos atrevermos a penetrar furtivamente na sua Torre de Marfim com a ideia preconcebida de lhe quebrarmos o encantamento.

Dr. Ramada Curto

Acusamos Ramada Curto de fazer versos deliciosos.
Eis o corpo de delito:

A UMA CORTINA

Domingo. Manhã doirada.
Entreaberta a janela,
Vejo a cortina bordada,
Decerto do quarto dela,
Do ninho da minha fada.

Jesus! O que eu adivinho!
De repente, vejo-a a Ela,
Mas é só um bocadinho,
Como o rasto duma estrela...
E eu fico triste e sòsinho,
Com a vista deslumbrada.
Apagou-se a luz doirada,
Já não ha sol no caminho...

Só a cortina bordada,
Me encanta p'lo que adivinho.

A emoção dá-me cansaço...
Mas eis que então o seu braço,
Afasta nú a cortina
— Jaspe rosado a brilhar —
E a sua mão pequenina,
Branca e rósea, linda e núa,
Faz o gesto de deitar.
Qualquer coisa para a rua.

Eu nem posso respirar,
E' um encanto, uma delícia!
Que pena não ser polícia,
Só para a poder multar!

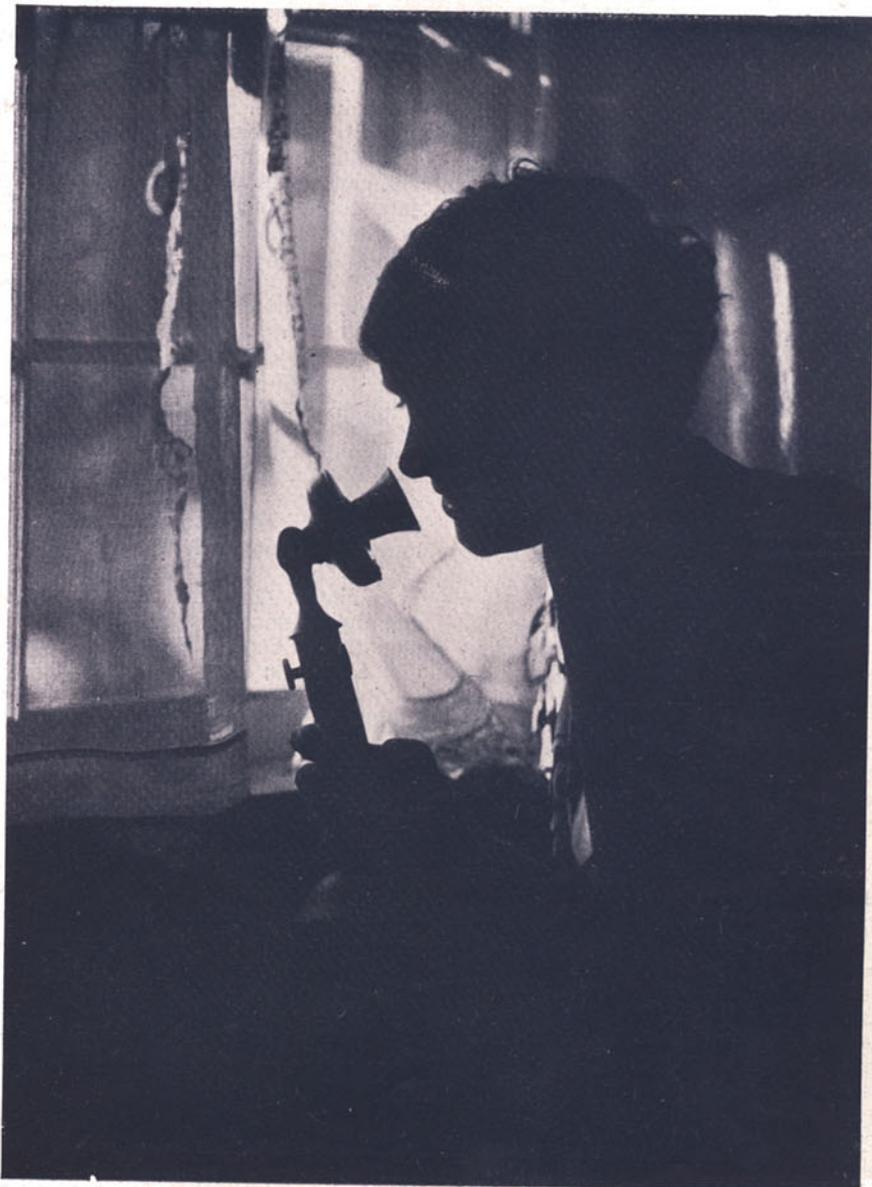
Que isto é modo de falar
Da minha loucura oculta...
Quando eu a fôsse autuar,
Rasgava o papel da multa,
E punha-me a gaguejar.

A sério, ha só a alegria
De ter visto a bem amada
— Já hoje ganhei o dia,
Já não preciso mais nada!

Que maravilha estaria,
Por traz da branca harmonia
Dessa cortina bordada?

Ramada Curto.

No centenário de Ramalho Ortigão

UMA CARTA A GOMES MONTEIRO

Ramalho Ortigão

Meu querido Amigo

Que quer Você que eu lhe diga de Ramalho Ortigão?

Escrever de um tão grande homem, no seu centenário natalício, pede vagares; exige socêgo de ânimo que não tenho, e, de certo modo, requer atitudes solenes e de convenção, que não são do meu gôsto. Demais, oficiando nesta consagração, seria de lealdade notar que todos os louvores que eu tribute a Ramalho são suspeitos; sem haver sido nunca da sua roda, mal o tendo conhecido em carne e osso, sou-lhe, todavia, tão adicto como se fôsse meu avô, e posso dizer-me dos seus: não penso na sua vida e na sua obra sem me sentir da sua intimidade — tão amigo como admirador.

E tão estrictamente dependente pelo espírito, e tão devotado pelo coração, qualquer juizo crítico sôbre a sua personalidade não me será vedado?

Abreviando, para ser mais explícito: eu sou um fanático de Ramalho, e se tentasse um ensaio sôbre o escritor, sair-me-ia uma composição apologética, coisa bem deplorável, onde se requer só equilíbrio de justiça, imparcialidade da impassível razão.

Não me será, então grato falar dele? Sim, mas em desataviadas palavras, despreocupado de qualquer veleidade literária, como quem, nestas noites de inverno, á lareira brandamente converse, e se console da velhice, recordando...

N'aquela tarde, Siciliani apareceu-me tão triste, tão perturbado!

Ha um mez que chegára a Mortágua uma companhia ambulante de teatro, constituida por seis figuras, que não se me apagarão mais da memória: êle e seu irmão Salvador, seu pai, sua mãi e duas irmãs, a mais nova de quinze anos...

Por circunstâncias fortuitas, esta pobre gente, desde que acampara na vila, não pudera dar mais que uma récita: o Salvador e o pai iam acudindo á família com compósitos espectáculos — ginásticas de *clown*, peloticas e prestidigitação — no Largo do Município: uma noite, a mãi de Siciliani tocou harpa, e cantou ao luar de Janeiro, com os seus longos cabelos soltos á açoitante nortada, como numa cêna shakespeariana...

Entretanto, o meu amigo entretinha-se comigo, passeiando pelos campos e recitando Junqueiro: era um forte rapaz de 18 anos e a sua cultura literária atraira-me desde que nos conhecemos; apesar da desigualdade de idade (eu era uma criança) ficámos dois camaradas, ligados logo por profunda simpatia.

A primeira récita dera-se na casa de aula — uma Escola Conde de Ferreira — onde um grupo de amadores da terra armara um palco, anos antes; haviam surgido, porém, graves apreensões: — poderia êle ser calcado por comediantes vagabundos, comprometendo a dignidade oficial dum estabelecimento de ensino?

A bondosa intervenção do meu velho professor Bernardo Jacinto, mestre-escola e antigo sargento de caçadores, fizéra, emfim, baixar de Coimbra o *placet* da Inspectoria: as récitas iam proseguir. Era tempo: a *troupe* teatral morria, literalmente, de fome!

Agora, porém, Siciliani chorava: a sua irmã mais nova acabava de adoecer, ardia em febre, e estava tudo perdido; não havia quem a substituisse...

A piedade estrangulava-me: perante a catástrofe eu não encontrava palavras de consolação, e desatei tambem a chorar. Subitamente, relampagueou-me no espírito uma ideia:

— Querido amigo, todos os papeis de tua irmã são de rapaz?

— Sim, são todos de rapaz...

— Então, eu posso substitui-la!

Claro que eu nunca representara, mas vira já uma vez representar — não era coisa impossivel.

As nossas lágrimas estancaram. Era a um sábado, pelas 3 horas da tarde; a récita estava anunciada para as 8. Eu tinha treze anos, mas era espigado como se tivesse quinze.

Iam duas comédias nessa noite, e outras duas na noite seguinte; numa delas eu seria o protogonista, um estudante — lembra-me que se chamava Carlos.

Siciliani correu a buscar-me os papeis — os papeis, não as peças...

A's 8 horas subiu o pano; alguem, no palco, começou a falar, e, daí a pouco, Bernardo Jacinto, generoso contra-regra, empurrou-me para a cêna. Eu era o noivo da filha do dr. Sovina...

E fui recitando o meu papel, que decorara macissamente, sem suspeitar sequer o assunto, enrêdo ou desenlace, sem a mais leve noção do diálogo, de interrupção ou cesura. Mas como? Era o dr. Sovina, êle próprio, quem me ia indicando, por gestos combinados, a minha vez. Em certa altura, voltei com a minha noiva, que era a pequena mais crescida; nós tinhamos enganado o velho, e vinhamos pedir-lhe perdão. Patéticamente, ajoelhámos: pois eu ajoelhei, de chapéu na cabeça!

Caiu o pano, e a casa não me caiu em cima, com pateada...

A piedade, que tocara tão fundo o meu coração, tocava agora o coração do público, e envolvia a infeliz *troupe* errante e a mim: cobriram-nos de aplausos.

Quando acabou a segunda comédia, em que fiz de valente marujo, batendo e praguejando, Bernardo Jacinto, a quem o coração adivinhava, se não sabia, que eu só estava ali por ajudar a pobre gente, disse, abraçando-me: — Has de ser um homem!

Ao outro dia, no papel de estudante, eu tinha de sobraçar um livro; ora, no momento, o livro faltou, mas supriu a falta certo espectador, que, por sorte, trazia um na algibeira. Acabado o espectáculo, quando todos se foram embora, eu tinha ainda o livro na mão... Levei-o para casa: era um dos volumes da 2.ª edição das *Farpas*, de Ramalho Ortigão. A madrugada rompeu, e eu lia ainda!

Depois desta noite em claro, eu era outro: não era mais uma criança. . Não descansei enquanto não li tôda a obra, e, ao acabar, senti — o que são ilusões do alvorecer da puberdade! — acreditei, firmemente, que com as lições do meu mestre Jacinto e as do meu mestre Ramalho, eu ia ser o que se chama verdadeiramente — um homem!

As *Farpas* são, além de uma obra de arte, do maior relêvo em muitas das suas páginas, um verdadeiro curso de educação e cultura; julgo que em nenhuma outra literatura se realisou esforço comparável para acordar, para desentorpecer o espírito dum povo.

A colaboração de Eça n'*As Farpas* (ainda que sejam, indubitàvelmente, devidas à sua iniciativa) fórma um corpo subalterno na grande construcção; a campanha de ironia inicial, alarga-a Ramalho a um sério combate; por fim é um apostolado. O génio de Eça só me foi dado conhecê-lo e amá-lo mais tarde...

Quando entramos na vida, o fundo da nossa natureza intelectual é duma grande simplicidade, tomamos tudo a sério; é de gravidade austera todo o nosso pensamento: a linguagem do sarcasmo, a troça, a irrisão não nos agradam. Aprender e amar ocupam tôda a nossa actividade psíquica: tôda a alma bem formada se desprende, então, ao saír da infância, diremos da animalidade, numa ascensão religiosa, em que as emoções mais altas modelarão o ser social humano.

Momento augusto êste, de que depende, em todos nós, o futuro! Erguendo-se então os lineamentos gerais do carácter, tôda a sugestão inferior, tôda a influência deprimente, mesmo qualquer antecipação da acção educativa, perturbará a eclosão expontânea da individualidade, quebrando o equilíbrio da solidariedade afectiva, da unidade moral em que há de gerar-se, num ritmo mental autónomo e progressivo, o nosso destino no mundo.

A compreensão destas verdades deu à missão de Ramalho uma importância inesperada; ela atingiu, embora assente tôda sôbre realidades tangiveis, um alcance transcendente.

A nenhum outro escritor deveu tanto Portugal no novo ciclo histórico: a sua clara e vibrante linguagem, o seu luminoso estilo, a sua sinceridade, o seu fervor na propaganda, o seu empenho ardoroso de educar a mocidade, tornaram-no capaz de, sòsinho, levar a cabo a mais vasta emprêsa de transformação pedagógica, dando à Grei a consciência das possibilidades da renovação das suas energias e da utilisação das aptidões da raça no concêrto da Civilização, da qual tantos e tão nefastos elementos de dissociação, paralisando-nos ou enervando-nos, nos tinham, há muito, separado.

Iconoclasta? Subversivo? Mas êle não abate, sem logo construir: no terreno da velha cidade que abalava, nada ficava em vasio; se produzia um terramoto de ideais e de crenças, era só por necessidade de implantar novos princípios, novas fórmas de idealidade. Assim, nenhum esmorecimento trazia, não infundia nenhuma desesperança, e um alento mais profundo para a acção, com uma fé mais viva, nos avigorava.

Não há, no século XIX, quem se avantage a este trabalhador das letras na missão de ensinar: Ciências, Artes, Política, Moral, reune-as num só feixe deslumbrador de luz, incidindo sôbre a Vida, e transfigurando-a; a alegria de viver; o sentimento da dignidade; a integração da actividade individual, só por si estéril, na fecunda solidariedade da família, da pátria, da humanidade; a certeza duma finalidade superior dos nossos esforços, dos nossos sacrificios, dos nossos próprios anceios — tudo se concentra na sua obra, transitando do positivismo analítico à síntese filosófica por um pragmatismo intelectual, gerado numa assombrosa ordenação lógica da vida.

Sai-se da convivência de Ramalho, engrandecido; instinctivamente, aproximamos o nosso ombro do do bom gigante, e sente-se que subimos alguns palmos da rasura mesquinha dos egoismos, em que o nosso ser tende a afundar-se na diuturna luta pela existência. Tôda a má acção nos repugnará depois de o ter lido: a franqueza, a lealdade, a coragem, e, mais que a coragem, a intrepidez, respiram-se nas páginas que nos deixou — são tanto do seu ambiente moral como o oxigénio e o azoto, da atmosfera.

É, por isso, que quem admira o Escritor, não poderá deixar de amar o Homem.

E nenhum título de honra seria para mim mais subido do que ser considerado como um discípulo, um filho espiritual de Ramalho Ortigão.

Se a minha bôa sorte me trouxe ás mãos *As Farpas*, no instante preciso em que a sua lição poderia ser-me mais salutar, ela não foi tão prodigiosa que me deparasse, naquela vilóriasinha da Beira onde eu vivia, tôda a obra do grande escritor. Lutei com a minha pobreza para possuir, mas em breve possui, todos os livros, que até então publicara, sem excepção dos mais raros!

Foi primeiro o *John Bull*, cuja *ouverture* é uma maravilha, e onde o vigor da descripção do Museu de Kensington se acrescentava, em poder de observação e de técnica pictural, ás páginas que dedicara à galeria Daupias e ao inolvidável programa do cortejo rural, a quando da visita do Príncipe de Gales a Lisboa.

Um parente meu mandou-me do Brasil as *Notas de Viagem*, que são um friso de impressões vivas e pitorescas, *gouaches*, apontamentos rápidos, liando-se, por vezes, a estudos mais vastos e a intenções profundas de reforma cultural do nosso atrazado país, sobretudo nos domínios da pintura, da esculptura, da música, do teatro, bem como das ciências aplicadas, das indústrias: visa a apresentar, a propósito da Exposição de Paris de 1878, o cosmorama do mundo progredindo, perante Portugal — imovel.

Depois *A Holanda*, assombro de composição — geografia, história, arte, política, costumes, païsagem — livro de filósofo e de turista, tão actuante pelas idéias como pelos sentimentos, panejado em vastos quadros, nos quais a vida inteira dum povo, no seu presente e no seu passado, se desdobra, dinâmicamente — desde a evocação da trágica luta contra os elementos da Natureza, disputando ao Mar o solo da pátria, criando a sua Terra, argamassando-a pela rijeza dos seus músculos e pela tenacidade da sua vontade, ao drama da sua constituição nacional, das emprezas heroicas da guerra, da formação da sua arte, da sublime defêsa, conjuntamente, da sua religião e da sua liberdade. E, através das descripções mais impressivas, das narrações mais cheias de bonhomia, de reflexões singelas como dos mais lúcidos raciocínios; documentando, enumerando, classificando; enunciando, provando, concluindo; e tudo envolvendo na visão simpática da sua cordealidade, tudo repassando da íntima luz do seu humorismo, tudo aproveitando como lição e como ensino, perpassam a vida das cidades, das aldeias, o labor dos campos e das fábricas, o tumultuar dos portos e a faina da pesca e da navegação de longo curso, e avultam a organisação do comércio e da colonização e as bases largas, sólidas, quasi inamovíveis, das suas instituições políticas — definindo a originalidade, a força, a alma victoriosa duma grande Nação.

Ramalho Ortigão — académico

A *Holanda* é uma obra verdadeiramente clássica de viagens. Nela se encontram tôdas as qualidades relevantes de Ramalho: o equilíbro do pensamento e da linguagem, num estilo incomparável; o rigor e nitidez do desenho, com a pintura mais colorida e opulenta; a mais escrupulosa notação dos pormenores e a visão sintética empolgante, e, dominando tudo, a valorosa propulsão da energia vibrante para a realização formal: — pela fôrça do cabouqueiro, aliada à perícia do arquitecto, êle lembra certos artistas da Renascença, que, como Miguel Angelo, podiam carregar aos seus ombros os blocos de pedra, talhar rudemente o mármore, e, pelo desbaste, esquadria e lavôr de perfeição suprema, arrancar, a cinzel e escopro, a vida e a própria imortalidade, da bruta inércia da matéria.

Li, por fim, as obras menores — *Histórias Côr de Rosa* e *Em Paris*, — em que, sem dúvida, há revoadas de ideias; sob a forma preciosista da *bluette*, sob a ligeireza do folhetim, transparece, aqui e além, o pensamento inquieto, que, um tanto constrangido na prosa vernácula em que se educara, procura novos rumos, utilização mais larga e fecunda; sente-se que alguma coisa poderá passar-se além da névoa indecisa daquele diletantismo de imaginação, alguma coisa de decisivo que se ilumine e surja do limbo misterioso da inteligência, da actividade abscôndita da cerebração, a um choque inesperado, neste espírito todo em movimento, reagindo sobre um temperamento rico de energias másculas, e em que a impressionabilidade estética se adivinha alada, e a razão ensaia já a sua grande voz.

Mas tôdas estas possibilidades, entrevistas embora, não elevam êsses livros muito acima da mediocridade; e à crítica êles só servirão para demonstrar a exactidão do paradoxo de Eça — que "*As Farpas* são autoras de Ramalho Ortigão"...

O famoso grupo de «Os Vencidos da Vida» — Sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Conde de Ficalho e Antonio Cândido. — Em pé: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Lobo de Avila, Oliveira Martins, Marquês do Soveral, Guerra Junqueiro e Conde de Arnoso

Seria para longos rodeios o interpretar-se êste assêrto: de facto, há dois Ramalhos, um antes e outro depois do seu encontro com Eça: e o ponto crucial do seu destino literário está precisamente, na íntima colaboração que produziu *O Mistério da Estrada de Sintra*.

Foi, na verdade, a sua Estrada de Damasco!

Ramalho tem 33 anos, e vem das fatigantes lides do professorado e do jornalismo profissional; Eça tem apenas 24, entregue ainda a uma formação precária de vagabundagem mental...

Ramalho é um homem forte e sereno; possui a língua e maneja a pena com a facilidade de quem a não larga nunca, como um cavador, que sob pena de morte, não pode abandonar a sua enxada.

Eça é um débil de corpo, um feixe de nervos: aos 20 anos trouxera à luz alguns folhetins, tão singulares, tão insólitos no nosso meio, que não é de extranhar o fizessem passar por doido. Os seus amigos sabiam que, depois, redigira em Évora, sósinho, um semanário político de oposição, durante meses; que tentara, vagamente, a advocacia em Lisboa; que fizera uma viagem ao Oriente com o Conde de Rezende; que, neste momento mesmo, se supunha administrando Leiria, a preparar-se para consul... Mas ninguém sabia se viria mais a escrever!

Pois bem: encontram-se um dia em S. Pedro de Alcântara, conversam num banco do Passeio Público, descem à Baixa, admiram juntos as mulheres elegantes do Chiado, riem ambos dos conselheiros do Terreiro do Paço, e ei-los tão transfigurados como se fôssem seres diferentes dos que haviam estado, há horas, em casa de Batalha Reis, fazendo alardes de discussão com Oliveira Martins e paciências de dialéctica com Antero!

Ramalho vai fazer de Eça um Escritor; Eça vai fazer de Ramalho um Artista; e serão êles os maiores escritores-artistas do último quartel do século XIX, em Portugal.

Estudar, criticamente, êste concerto de qualidades, esta transfusão espiritual, esta assunção vertiginosa de faculdades que tocam a genialidade, o assombroso prodígio que o Trabalho, o Talento e o Entusiasmo realizam magnìficamente, não é para as minhas fôrças...

Evidentemente, e já o acentuei, que antes de 1870 Ramalho era — *alguem:* desde o seu opúsculo — *Literatura de Hoje* — publicado em 1866, a propósito da *Questão coimbrã*, se evidenciara prosador de mérito, com sagacidade de argumentação e vigor de polemista; mas creio bem que não seria quem foi, se a camaradagem do Cenáculo, e, principalmente, a fraterna aliança com Eça de Queiroz, não houvessem suscitado a eclosão de novas virtualidades no seu intenso labor e o apuramento estético das qualidades reveladas. E como foi sempre generosa a seiva da personalidade neste homem, são de corpo e alma — ao contacto do apostolado de Antero, do proselitismo de Manuel de Arriaga, e, mais tarde, do doutrinarismo batalhante de Teófilo, se desatou a sua ardente cordialidade, no combate pela justiça, em florações morais que trazem à sua obra, sempre trespassada de enternecida devoção pelos humildes, de dedicação pelos perseguidos, de amor pelos fracos e pelos pobres, um tal tumulto de revolta incontida, uma tal fremência de paixão reformadora, que a sulcam relâmpagos de cólera sagrada.

Opinarei, todavia, que tomar Ramalho como um ajuramentado revolucionário seria grande ilusão, e grave êrro também julgá-lo pelo prisma político. Ainda que através d'*As Farpas* se fira um rijo prélio contra as instituïções monárquicas vigentes, êle não é travado a benefício de partido; ataca o mal onde o vê imperando, e não o inspira senão um indignado e profundo patriotismo.

O seu estudo sôbre *Luís de Camões, a Renascença e os Lusíadas*, publicado em 1880, que encerra algumas das suas mais luminosas páginas, dará bem o quilate do seu acendrado amor da Grei.

Êste amor, não raras vezes, tem a simplicidade de um sentimento de candura; torna-se quási instintivo, de tangibilidade física, — é um amor todo ligado à terra, que estremece, no seu coração, filialmente.

Para o compreender, bastará folhear os seus *Banhos de Caldas* e *As Praias*, ajuntando-se-lhes o 1.º volume d'*As Farpas — A Vida Provincial;* os seus olhos contemplam montanhas, vales, planícies, costas do mar, searas, florestas e povoados, no mesmo embevecimento, como se não só plantas e animais, mas as próprias gentes, brotassem do solo, da mesma emanação telúrica: Portugal é bem, para êle, o materno torrão.

Por isso ouve, como um fragor de cataclismo, o desmoronar dos monumentos do passado: o desmantelamento dos velhos castelos, onde se pelejou a defêsa heróica dos nossos lares; a destruïção das muralhas, onde se alçou o pendão da nossa independência; a ruína das nossas catedrais, que ostentaram, por gerações e gerações, a signa da nossa fé. Todo o abandono das construções vetustas, onde se marcou, quotidianamente, no decorrer dos séculos, o ritmo da nossa existência, da nossa vida cívica e militar, da nossa vida religiosa e até da nossa vida doméstica, conturba o seu coração mais do que como um crime, como um pecado, pelo qual cairemos em perdição, se não nos penitenciamos pelo inteiro resgate do que nos resta — memória das liberdades, padrão das glórias da Pátria.

Êste sentimento de solidariedade com o passado, cuja perspectiva alcança as mais fundas raizes da nacionalidade, torna-se para Ramalho, aos 60 anos, dominante; e, quando o consideramos, parece ter o carácter excessivo duma paixão absorvente.

As restaurações dos Jerónimos, da Madre de Deus e da Batalha, então intentadas pelo Estado, são-no de modo que a exaltação de Ramalho só encontra, para as definir, uma palavra — assassínio! Já não é o abandono, que degrada; é mais que aviltamento, porque se trata de sacrilégio...

A Ramalho, face a face com a afronta sem par — "de lesa magestade nacional„ — não o abala só a indignação, constringe-o, asfixiante, a angústia!

Assim, o *Culto da Arte em Portugal*, publicado em 1896, é, simultaneamente, um veemente protesto, um grito de amor e um clamor desesperado de alarme.

Gomes Monteiro, eu não resisto a transcrever as belas palavras finais desse livro, que sintetisam o alto desígnio que o inspirou:

"...Se para cada povo a arte é a segurança da tradição, o refúgio das consciências, o mais puro reflexo da imagem benigna da pátria, a fonte mais caudal de

todos os progressos morais, económicos e até políticos — para cada homem, na tortura de tantas incertezas morais, na mágoa e na ruína de tantas crenças extintas, de tantos ideais desfeitos no melancólico decurso da nossa idade, a arte é ainda — como diz Schopenhauer — a *única flôr da vida*».

Desde 1896 até 1908 quási mais nada escreve que não traga o sêlo desta cruzada em prol do nosso património artístico, e em que não avulte a sua defesa como o supremo interesse nacional.

É por êste caminho, no qual o culto do passado se lhe afervora na contemplação da nossa remota grandeza imperial, que Ramalho vai tornar-se reacionário? A serena visão da sua vida e da sua obra não dá lugar a que se oponha um Ramalho monárquico da decadência a um Ramalho republicano, nimbado do esplendor da glória: nenhum dêsses Ramalhos é verdadeiro.

Ha, sem contestação, fases na sua vida e obra; mas nunca êle renegou *As Farpas*, nem rasgou, com execração, qualquer das páginas que houvesse escrito.

O pêso dos anos e a acção do novo meio em que veio a encontrar-se, a influência de relações sociais, desde as convivências do Paço ás da própria família, contribuiriam para a alteração de certos conceitos sociais e políticos, como de quem olha prismàticamente o mundo, por diferentes facêtas; mas a lucidez da sua razão não se alterou, nem a sua consciência sofreu em transacções deprimentes; a sua personalidade é a mesma. Em toda a sua vida não traçou uma linha que rebaixasse o seu carácter; a unidade moral da sua obra é perfeita, acrisolada sempre na sinceridade do homem a dignidade do escritôr: acima dos interesses mesquinhos, transitórios, acha-se colocada a verdadeira magistratura de pensamento que entre nós exerceu.

Mas que tivesse mudado? A bondade é o traço mais saliente do carácter de Ramalho: a ironia mesmo é nêle toda impregnada de enternecimento. Aos seus desfalecimentos na luta, às suas variações acidentais de opinião, a bondade só bastaria a explicá-los, compreendendo como as suas atitudes não se desintegram da sua personalidade, sob a pressão de factores morais que, longe de diminuir a veneração que lhe devemos como nosso educador, mais a engrandecerão.

D. Carlos, o Martirisado e as *Ultimas Farpas* resultaram da sua emotividade inexaurível, e tanto da sua piedade como da intrepidez da sua alma.

Desde 1896 a 1908 não publica nenhum livro.

Todavia êle não cessou de escrever. Continuam as suas correspondências para a *Gazeta de Notícias?* Sabemos que abunda a sua colaboração nos jornais e revistas: no *Brasil-Portugal*, na *Tradição*, nos *Serões*, na *Ilustração Portuguesa*, o seu estilo continua flamejando. E ha muito, disperso: lembro *O Ocidente*, a revista de Saragga, e, sobretudo, o *António Maria*, que redigiu quasi dois anos.

A publicação integral da sua obra seria a condigna homenagem a prestar-lhe, no seu Centenário.

Página de Rafael Bordalo Pinheiro publicada nos Pontos nos i i *por ocasião do aparecimento de* A Holanda

Não sei se na família de Ramalho Ortigão ha, como na de Eça de Queiroz, reservas a êste respeito...

Acodem-me sempre um rôr de comentários acerbos, quando medito nas razões que a família do autor da *Relíquia* — a qual promoveu a publicação de obras que não lh'a mereceram nunca, algumas informes, outras incompletas, sem sequer o fazer em *edição crítica* — encontra, especiosamente, para não consentir na publicação das *Cartas de Londres*, que saíram em 1877-78 na *Actualidade*, do Porto, quando êle já era um grande escritor.

Bem haja o Gomes Monteiro por ter trazido a lume, n'*A Ilustração*, três magníficas cartas dessas!

Oferecer-me-ia para coligir todos os esparsos de Ramalho, sem outra paga que não fôsse o desvanecedor contentamento de tomar parte na sua glorificação.

É bizantinismo deplorável querer descarregar, dos ombros largos dos dois escritores, responsabilidades que tomaram e que nunca engeitaram, tratando-se de assuntos mais especialmente políticos, sociais ou religiosos; creiam que daqui a meio século será a todos indiferente o averiguar se fôram monárquicos ou republicanos, católicos ou anti-católicos, socialistas ou não: já hoje mesmo quem se preocupa com isso?

O que todos procurarão na sua obra é aquela porção de beleza e de ideal que lhes cabe em partilha no nosso património espiritual; as suas opiniões não são dogmas nem inspiram proselitismo, e, se ligamos a sua vida à sua obra, o que nos interessa é sòmente a sinceridade com que se manifestaram sôbre os factos da sua época, o amor da verdade que os inspirou nas suas atitudes, quer a hajam ou não alcançado.

A admiração da posteridade pelos artistas e pelos pensadores é sempre livre do espírito de partido, sempre isenta de todo o entrave político ou confessional.

Porventura alguém pretende que Camões seja um democrata? Alguém inquire se comungava mais de uma vez cada ano? Desce êle no nosso conceito por ter sido, ao pôr o fecho aos *Lusiadas*, da intimidade dos dominicanos?

Gil Vicente deixaria de ser o fundador do Teatro Português, por supormos que a Inquisição o teria queimado vivo, se tivesse chegado alguns anos antes?

Herculano não é o grande historiador, por ter morrido inconciliado com a Igreja?

Se eu fôsse ateu, deixaria para mim de ser Antero o altíssimo poeta, só por ter coroado a sua obra com o soneto — *Na mão de Deus, na sua mão direita...?*

Há aí quem desconheça o génio de Junqueiro, só porque foi republicano, e alguém baixou a sua admiração pelo autor da *Velhice do Padre Eterno*, por ter presidido ao seu funeral o Cardeal Patriarca?

Gomes Monteiro, sente Você quesília, por o maior prosador da nossa língua, António Vieira, ser da Companhia de Jesus?

Valha-os Nossa Senhora! Por Júpiter — que são coisas bem mesquinhas!...

Quanto a Ramalho, se é lícito, no

«Visto que o sr. D. Pedro, quando vem para a Europa, se dá ares de literato, justo é que o sr. Ramalho Ortigão, partindo para o Brasil, dê ares de imperador». Página dos Pontos nos i i, *em 1887*

ponto de vista restricto que estamos tratando, marcar três fases na evolução do seu espírito — até 1870, de 1870 a 1890, e de 1890 até à sua morte, em 1915, como pôr em dúvida que tôda a sua vida tenha unidade, pelo domínio do seu caracter, pela boa fé absoluta dos seus juizos, pela independência exemplar, que é o supremo apanágio das suas virtudes, e que, quer na vida social, quer na vida familial, quer na sua prodigiosa actividade mental o tornam — uma grande figura literária, um homem íntegro e um nobilíssimo cidadão?

Ramalho é um grande escritor. É um pensador e um artista; como pensador, é um moralista; como artista, é um pintor. É o que nos interessa.

Assim o julgamos hoje; creio que, dentro dêste quadro, o julgarão os vindouros.

Como o julgaram os seus contemporâneos, os seus próprios camaradas?

Imagine agora, Gomes Monteiro, o que havia de responder-me Guerra Junqueiro, quando um dia, na sua casa de Vila do Conde (era em 1903) lhe preguntei, depois de o ter ouvido sôbre outros *Vencidos da Vida*, o que pensava de Ramalho... Pelas barbas apostólicas do poeta de *Os Simples*, que acabava de recitar-me a *Oração à Luz*, ainda inédita, pairou um sorriso de ironia, e, pegando da cadeira mais próxima, e sustendo-a erguida, disse assim: — "Repare que o bom do Ramalho vê sempre esta cadeira com quatro pernas!..." Poisou em mim o seu olhar, de lucidez magnética... Mas logo, esmorecido o sorriso, inclinando a cabeça e abaixando a voz, acrescentou: — "É certo que também isso me acontece às vezes. Mas creia que me sinto, então, muito infeliz..."

Fiquei indignado: se um crente ouvisse silvar uma blasfémia monstruosa sôbre o resplendor do orago da sua freguesia, não estremeceria mais do desacato!

E, nesse dia, ao terrível fundibulário, eu não preguntei mais nada...

Contudo, o que queria Junqueiro exprimir naquela irrespeitosa *charge?* Que Ramalho não era mais que um pintor; e não decerto da natureza dum Rembrandt, mas antes da exactidão minuciosa dum Teniers. E, nem por sombras, que não fôsse um grande artista.

O processo de composição preferido por Junqueiro era, na verdade, bem diverso do do autor de *A Holanda*. Daí a pouco, dissertando, definia: — "Um grande quadro, um grande poema, uma grande partitura, veja, Lopes de Oliveira (e erguia o punho fechado) veja — uma grande obra... mas são sete punhaladas de luz!"

Em Novembro de 1910, no eléctrico, que subia a rampa de Santos, veio sentar-se a meu lado um homem forte, espadaúdo, alto e aprumado, de peito saliente e cabeça erguida, bigode farto e arqueado, de correcção britânica no vestuário, e um tal ar de saüdável plenitude, que, se não fôssem os cabelos brancos, lhe daríamos pouco mais de cinqüenta anos. Mas ía nos 75 o velho que se sentava a meu lado...

Logo o reconheci; quem houvesse visto uma das suas fotografias — qualquer, dos últimos trinta anos — não podia ter hesitações: era Ramalho Ortigão.

No dia seguinte, no mesmo lugar, e à mesma hora, Ramalho voltou a entrar no carro. Eu devia apear-me na rua de S. João da Mata, onde então morava, mas deixei-me ir até Buenos Aires, só para o ver mais à minha vontade, para o admirar melhor!

Notei, porém, que Ramalho, continuando nos dias seguintes, a olhá-lo, embora não voltasse a segui-lo além da minha paragem costumada, não aceitava como de homenagem a insistência contempladora, antes se inquietava, como se eu fôsse um policia secreta que espionasse talassas impenitentes...

Só em Janeiro, vendo-me descer e caír nos braços de Vicente Arnoso, que estava à minha espera — o queridíssimo Vicente, que era muito da sua intimidade — se lhe desvaneceu o receio. Não é curioso que a um dos homens que eu mais amava, tivesse inspirado, durante meses, não só receio, mas, decerto, repugnância?

Vicente riu, a bom rir — porque conhecia de há muito, desde a nossa estreita camaradagem de Coimbra, o meu fanatismo pelo semi-deus — e quis logo levar-me a casa de Ramalho. Eu estava um pouco amuado: como é que Ramalho não tinha adivinhado a minha admiração por êle, como me confundia com o mais abjecto ser da criação?!

— Não, Vicente, depois, depois...

Assim, só lhe fui apresentado em 1914, em Setembro, no Buçaco pelo meu distincto colega e bom amigo dr. Alípio Camelo. Como me ocupasse então de várias averiguações acêrca das *Cartas* de Eça, publicadas na *Actualidade*, preguntei a Ramalho se se lembrava delas: que sim e que desejava vê-las. Fiquei de levar-lhas. Estava há uma semana no Grande Hotel, e esperava passar no Buçaco mais quinze dias.

Ramalho Ortigão - caricatura de Celso Hermínio

Eram quatro e meia da tarde. O dr. Camelo e eu acompanhámo-lo num breve passeio pela Mata, e deixámo-lo na Fonte do Carregal, com um rancho de senhoras e alguns cavalheiros, que iam tomar o *chá das cinco*...

Já o sol esmorecia no poente: até á Cruz Alta era um esplendor de oiro ofuscante sôbre a verdura marulhante da floresta!

Voltei no dia seguinte: o hospede do Grande Hotel tinha partido. Nunca mais vi Ramalho, que morria daí a um ano...

Concluamos. Êste Escritor-Artista, êste Mestre, é tão vigoroso e, ao mesmo tempo tão brando e terno, tão eloqüente e tão sóbrio, simultaneamente grave e jucundo; inspira tão bom-humor, tanto optimismo; enche o nosso coração de sentimentos tão puros e o nosso cérebro de tão lúcidos pensamentos; acorda na nossa vontade tanta energia e confiança; infunde na nossa alma tanto entusiasmo e tanta fé, que eu, quando estou triste ou aborrecido, picado por uma pontasinha de desesperança ou de cólera, atacado por algum vago rumor de desalento ou de descrença na fraternidade dos meus irmãos em Cristo — côrro logo à estante, abro um livro de Ramalho, qualquer ao acaso, e um quarto de hora depois, estou confortado, equilibrado, restabelecido. Uso desta receita há mais de trinta anos: não há melhor terapêutica!

Para casos urgentes, quando o mal me surpreende longe de casa, tenho de cór alguns dos mais belos trechos das *Farpas* e d'*A Holanda*: — se estou só, recito-os em voz alta, e, se não posso livrar-me de companhia, recito-os mentalmente; mas há ocasiões em que, irreprimivelmente, me vão acudindo aos lábios, e murmuro-os. Então não é raro que o observem circunstantes:

— Que está Você a rezar?

— Estou a rezar Ramalho, por mais profano que o julgueis...

Também recorro a Camões, ao Camões épico; mas êsse é para momentos de mais grave crise psíquica: para quando se está na cadeia ou no exílio...

Olhe que eu, Gomes Monteiro, estou falando a sério, ainda que não pareça.

Mas o que decerto lhe parecerá — e não se engana — é que nunca aturou maior maçador do que êste seu amigo, que, aliás, tão cordealmente lhe quer, e que mil perdões lhe está pedindo.

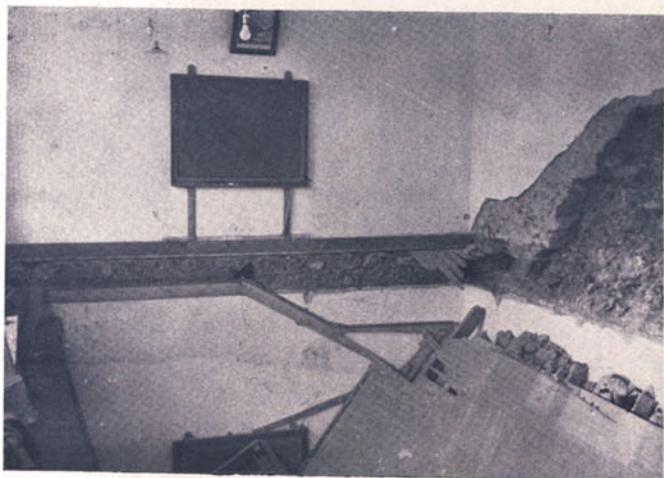
Lopes d'Oliveira.

Júlio Cesar Machado, Manuel Roussado e Ramalho Ortigão — caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro

A CATÁSTROFE DE PORTO DE MOZ

A multidão em frente do edifício da escola de Porto de Moz, onde se deu o desastre, aguardando a hora do funeral das vítimas. A tremenda fatalidade que enlutou a formosa vila servirá, de futuro, para evitar outras desgraças, visto que as construções serão sujeitas a fiscalização rigorosa.

A vila de Porto de Moz acaba de ser ferida por uma espantosa catástrofe: abatendo a sala da escola quando se realizava ali uma conferência, morreram 44 pessoas, ficando feridas umas 300. A nossa gravura mostra os srs. ministros da Educação Nacional e o bispo de Leiria que foram ali manifestar o seu profundo pesar.

Um aspecto do cortejo fúnebre em que se incorporaram pessoas de tôdas as classes sociais, levadas ali pelo coração e pungindo com a tremenda desgraça que tão cruelmente feriu a formosíssima região — uma das mais risonhas dêste Portugal que tanto amamos. Luto pesado nas vestes e nos corações.

A sala em que se deu a catástrofe, vendo-se ainda a frágil consistência das vigas em que o sobrado abatido se apoiava, em face do que o sr. ministro da Educação Nacional ordenou um rigoroso inquérito. — Em baixo: a saída de um dos féretros à porta da igreja da vila.

As famílias das vítimas, aguardam a hora do funeral. — Em baixo: a condução de um féretro para o cemitério. Dentro dêsse pequeno caixão vai o cadáver de uma criança que o povo, resguardado na sua fé, afirma ser mais um anginho qne Deus chamou para o céu. Resta essa consolação às pobres mães que viram acabar tão tristemente as suas mais ridentes esperanças neste mundo de tristezas e desenganos. Se assim não fôsse, a vida seria árida como um deserto e triste como a alma de um escravo. Entre tantos prantos de dôr, continua a florir a mais santa resignação que felizmente ainda tem as mais profundas raízes no coração do nosso povo. A existência desta gente simples resume-se em sofrer, amar e trabalhar, sol a sol. E assim se vive e morre nessas paragens abençoadas! Resta a essas pobres almas torturadas esse escudo contra as grandes fatalidades.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Juventude Católica — Inauguração do novo ano Sócial Jecista, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, vendo-se em cima, o sr. Cardial Patriarca presidindo. Em baixo: um aspecto da assistência. No final da cerimónia, o sr. Cardial Patriarca foi muito ovacionado, sendo cantado em côro o hino de Cristo Rei.

■

Um chá na Embaixada do Brasil — Em honra do sr. dr. Augusto de Lima Junior, delegado do Govêrno brasileiro, que veio a Portugal tratar da remoção de cinzas dos «inconfidentes» mi-

neiros, percursores da independência da grande Nação Irmã, o sr. dr. Araujo Jorge, ilustre embaixador do Brasil ofereceu um chá que se realizou no palácio da Embaixada, a que assistiram numerosas famílias ligadas por laços de sangue e espiritualidade á gloriosa Pátria brasileira. Foi uma festa encantadora que decorreu num ambiente de grande distinção. O homenageado, que havia sido forçado a retardar a sua partida, aproveitou o momento para apresentar as suas despedidas á Terra Portuguesa, da qual levava tantas saudades que decerto o farão voltar muitas vezes mais. A gravura que acima publicamos dá um aspecto da selecta assistência.

Récitas de caridade na Ericeira — No Casino desta formosa estância realizaram-se duas récitas a favor da Sopa dos Pobres, que decorreram com verdadeiro entusiasmo e alegria, subindo á cena por um grupo de amadores uma revista escrita expressamente para êsse fim. Foram duas noites em que o Casino da Ericeira viveu horas dum extraordinário prazer espiritual que dificilmente se apagarão da memória daqueles que a elas assistiram.

DUAS VIDAS IGUAIS—DUAS MULHERES DIFERENTES

UMA, todos a conhecem, é baixa, quási loira, elegante. Duas peles de raposa acariciando-lhe o pescoço; entre os lábios, unidos, dois finos traços de *batton*, côr de tangerina, um sorriso malicioso, equívoco, um sorriso habituado ao convívio estroina dos *bars* noturnos. Tem vinte e dois anos esta garota. Aos dezoito, vão passados quatro anos, saiu de casa e nunca mais voltou. Habituada a coleccionar galanteios, sorriso malicioso esteriotipado nos lábios, resolveu coleccionar galanteadores. No primeiro ano, dois: um oficial de marinha e um aspirante das alfândegas. Hoje, trepada a escala, duas raposas acariciando-lhe o pescoço, é amante de um banqueiro. Guia automóveis, joga nos clubes elegantes; entretem vários admiradores ao telefone; faz o Estoril na época indicada para os banhos de sol; é uma das mulheres mais elegantes de Lisboa. Todos a conhecem, é baixa, quási loira, olhos gaiatos, expressivos, habituados a prometer e a enganar, dois olhos que esmagaram há muito o coração.

* * *

A outra, poucos a conhecem, raramente se exibe em público. Não freqüenta *bars* elegantes, nunca foi ao Estoril. É alta, bonita, linhas correctas, olhos tristes, macios, voltados para dentro, auscultando sempre a vida, o drama que a envolveu e esfarrapou. É muito simples a vestir. Tem só dois vestidos esta garota: um preto, e o outro cinzento, ambos saia e casaco. Conservou, a-pesar-da vida de Lisboa, da sua vida nocturna, o ar e a timidez provincianos. Poucos a conhecem. Tem quási vinte anos e uma filha, uma linda garota de vinte e seis meses. Vivia tranqüila na província, agasalhada no canto de um lar burguês. A mãi é mestra de uma escola; o pai trabalha a soldo na quinta que pertenceu a um avô materno, o qual ficou pelo Brasil, roendo saüdades, envergonhado da sua posição de emigrante que a sorte não fez triunfar.

Certo dia perdeu-se: encheram-lhe a cabeça tonta de sonhos lindos. Abandonou a casa, a aldeia distante, o pequeno jardim, a fonte, o castanheiro acolhedor que a viu nascer. Era numa tarde de outono fria, doente, cheia de febre, quási sem luz, uma tarde amaldiçoada pelo feitiço! Dez meses depois, uma filha — uma garota de olhos azues, tranqüilos, felizes.

Quando deu por si, após um louco sofrimento, encontrou-se internada numa enfermaria da maternidade. A garota tinha oito dias. O pai um vago empregado habituado a uma vida crapulosa, abjecta, duas vezes preso por desfalque e duas vezes indultado, internada a mulher que tinha seduzido, desapareceu, esquecendo tôdas as promessas de amor, algumas contadas em noites de luar, num canto da província, junto dum pinheiro manso, sentinela de um ribeiro enfeitiçador e poético.

Fui um dia chamado, altas horas da noite, para ver esta criança. Ardia em febre.

Foi uma velhota, cabelos brancos, sorriso bondoso, quem me chamou e recebeu. À porta segredou-me: a mãi está a chegar. Emquanto observava a garota, olhos azues que a febre tornara mais expressivos, a velhota, bom tipo de velha portuguesa, oasis provinciano na vida cosmopolita da cidade, contou-me a história desta mulher.

Tagarelou durante meia hora, o tempo suficiente para a mãi da garota chegar, os olhos negros rasos de lágrimas.

Foi uma visita que nunca mais esqueço, uma visita que se prolongou até manhã dentro.

A velhota faz-nos café. Era uma noite de inverno fria, pouco acolhedora, agreste,

vento norte a soprar impiedosamente de todos os lados. É difícil para mim soërguer o quadro: lembrar essa noite.

Esta mulher tem nome: — chama-se Maria de Lourdes. Lembro-me de que estava exageradamente pintada e vestia um fato de seda negro, sem peito e sem costas, uma saia suspensa por duas alças doiradas, um trajo de noite. Tremia de frio. A velhota ofereceu-lhe um chaile e ela aceitou. Quando a tranqüilizei, quando lhe disse que a filha dentro de alguns dias estaria boa e que a doença não tinha gravidade alguma, serenou, parou de chorar. Enquanto dava um banho à garota, a Maria de Lourdes, foi ao toucador, lavou a cara, tirou as pinturas, desfez os vestígios que o seu rosto denunciava, envolveu-se no chaile, estendeu-se na cama a acariciar a filha, único presente que a vida lhe oferecera.

Enquanto a velha, falando sempre, me segurava habilmente, junto da criança, temendo novo ataque de convulsões, fitei involuntariamente a Maria de Lourdes, cuja vida o meu cérebro tinha composto com exactidão matemática.

Quando saí, manhã dentro, alguns raios de sol a acariciarem o dia, ouvi a Maria de Lourdes, gritar para a velha de cabelos brancos e sorriso bondoso: — Telefona para a governanta e diz que só volto quando a minha filha estiver boa. Telefona já, para a sossegar. Não volto...

Oito dias após o nosso encontro, naquela madrugada fria e agreste de inverno, despedi-me da Maria de Lourdes. Estava contente, radiante, olhos negros agradecidos, sem um vislumbre de pintura no rosto. Vestia saia cinzenta, casaco de lã apertado até ao pescoço, um casaco de lã verde, elegante, sóbrio, bem desenhado. Que diferença entre a Maria de Lourdes, apagada, vestida singelamente, e a do vestido de noite, uma saia negra pendurada por duas alças doiradas.

A garota, olhos azues, felizes, agarrou-se-me ao pescoço e beijou-me, saldando as nossas contas.

* * *

Nunca mais vi a Maria de Lourdes. Sei dela, da sua vida, pela velhota que acompanha todos os meses a garota ao meu consultório. Nunca me procurou, nunca mais a vi. Às vezes, em certo dia do mês, envia-me flores, recordando com uma grande sensibilidade a noite que perdi junto da filha. Que mãi extraordinária, a Maria de Lourdes! Uma tarde, enquanto brincava com a garota, a Maria Rosa, a tal velhota de cabelos brancos e sorriso bondoso, segredou-me: — Tem vergonha de lhe aparecer. Ela não queria que a visse com o vestido de noite. Ela fala muito de você. Gosta tanto de você como da filha... Tem sido tão bom para a garota!

* * *

Porque razão me apeteceu escrever sôbre estas duas mulheres? Focar a um passo estas duas vidas, símbolos de tantas outras que Lisboa esconde, oculta e devora? Porque razão? A filha da Lourdes, uma garota que ràpidamente conquistou a minha ternura, esteve hoje no meu consultório. Brinquei com ela, sentei-a no meu colo, conversamos, ouvi e respondi às suas preguntas inocentes, senti a carícia dos seus beijos.

Ontem, quando subia o Chiado, eram três horas, vi a outra, a dos cabelos quási loiros, enroscada num lindo casaco de peles.

Institivamente, uni a vida destas duas mulheres, puz em confronto estas duas vidas despedaçadas, lápidas partidas; uma, símbolo do triunfo fácil, isenta de cuidados e de afectos; a outra, a pobre Maria de Lourdes, apegada à vida por um único traço de união — a filha.

Estes dois encontros, quási simultâneos, fundiram no meu cérebro estas duas mulheres.

Muitas vezes, quando num dos *bars* de Lisboa encontro a dos cabelos loiros, a da vida mundana, elegante, boémia, penso no meu encontro com a Maria de Lourdes naquela noite fria de inverno. A-pesar-da distância que as separa, o meu cérebro uniu as duas, juntou as duas para sempre. A dos cabelos quási loiros é o símbolo da amorável por cálculo, afável, sem ternura ou afeição; a Maria de Lourdes é a agonia sentimental, a mulher que o amor, por certa fatídica-inclinação, lançou na rua — fôlha que o vento atira ao acaso.

João d'Alpains.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Cavalaria moira ao serviço do general Franco num posto de observação da frente norte de Madrid, enquanto aguarda ordens para a grande ofensiva que se desencadiará no momento oportuno

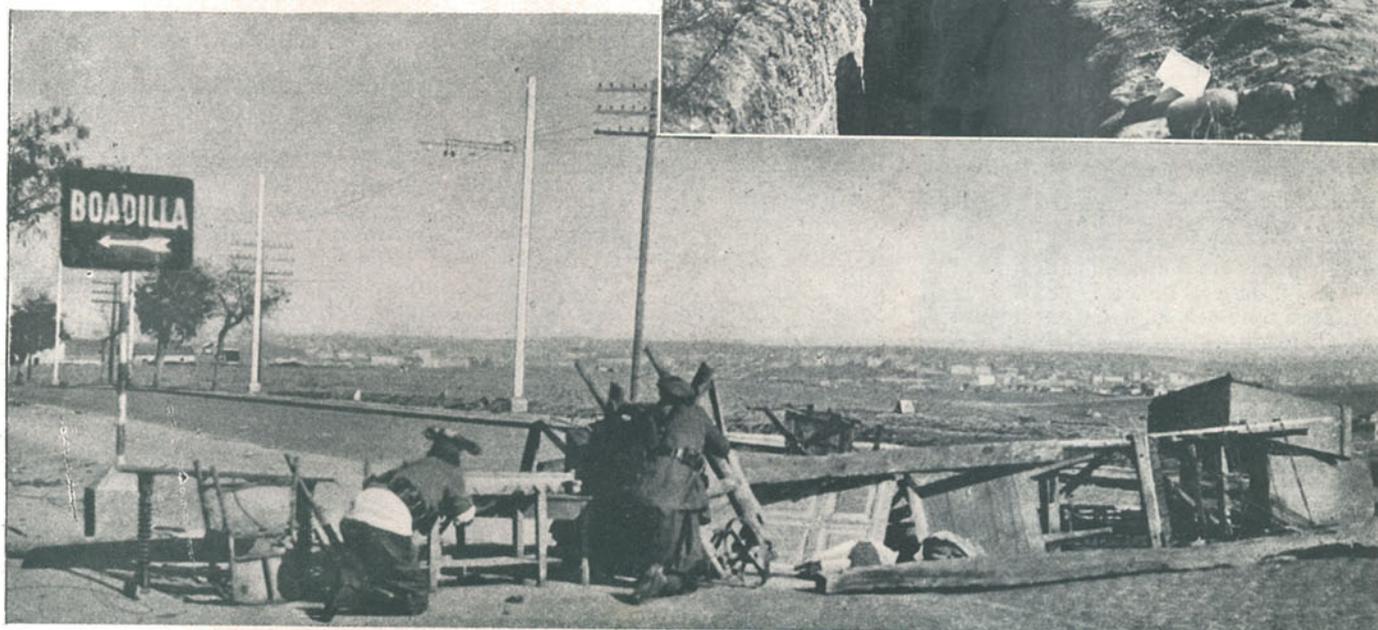
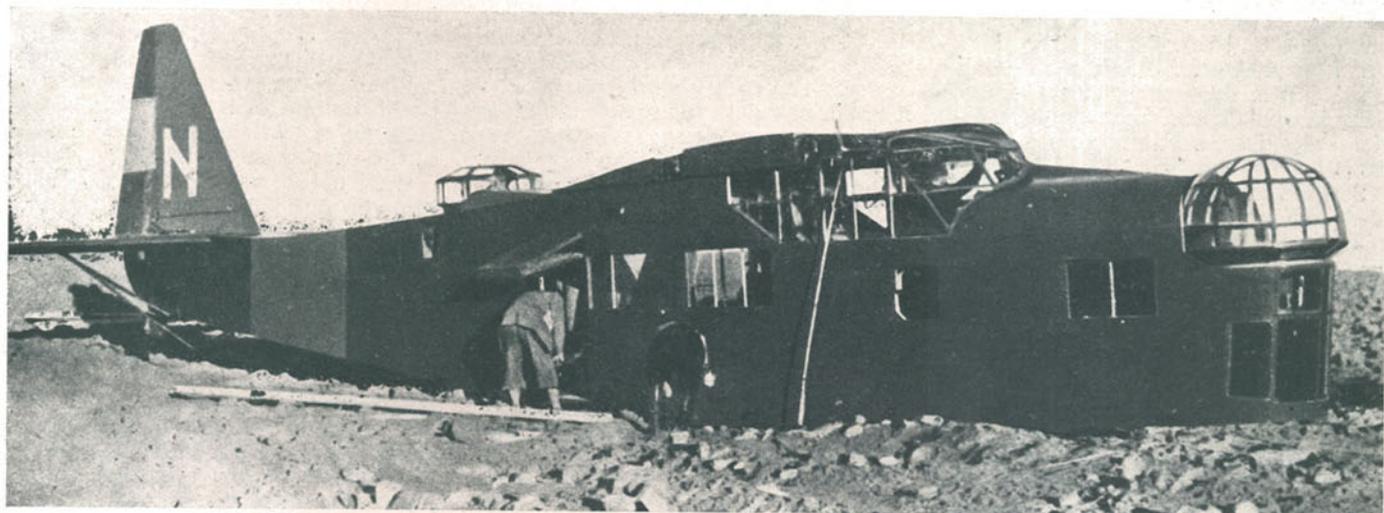
Posições abandonadas pelos marxistas, vendo-se ainda as munições que não tiveram tempo de levar consigo, na precipitação da fuga. As fôrças nacionalistas completamente na posse do campo procedem à construção de abrigos, desbravando o terreno como se fôssem fazer uma sementeira. Com efeito, esses bravos andam semeando a liberdade de Espanha com todo o afinco da sua alma, e prontos a regá-la com o seu sangue até o derradeiro alento

Um dos estafetas moiros que as tropas nacionalistas estão utilizando com vantagens, visto serem também ótimos esclarecedores

Tropas marroquinas avançando através duma floresta, a-fim-de darem caça a um posto marxista que se abrigava nas proximidades, espalhando o terror na região. Ao cabo de tanto tempo de luta, as fôrças do general Franco mantem o moral do primeiro dia

A residencia do professor Taboado, após a passagem dos marxistas: após terem levado a cabo o saque, incendiaram-na para que não houvesse dúvidas ácerca da fúria selvática que os anima. Com efeito o lastimoso aspecto da casa que a nossa gravura apresenta é uma prova flagrante da selvajaria marxista que as tropas nacionalistas estão combatendo. A' direita: um destacamento avançando numa aldeia após terem expulsado os milicianos. É árdua a luta, mas chegará a bom termo porque quem se bate pela pátria ha de conseguir os triunfos a que legitimamente tem direito

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

As tropas nacionalistas avançando nas proximidades de Madrid com a certeza do próximo triunfo. Nada dêste mundo as poderá deter na sua marcha libertadora. — *A' direita:* as tropas nacionalistas batendo-se heròicamente no parapeito da sua trincheira com a tenacidade que dá origem às grandes vitórias

As tropas nacionalistas construindo barricadas ligeiras às portas de Madrid que os vão protegendo no seu constante avanço. Nesta luta, quási a descoberto é que se avalia a grande heroicidade daqueles que para redimir a pátria não vacilam em sacrificar a vida, e derramar o seu sangue até à derradeira gota

Após um violento ataque aéreo sôbre Madrid, os aviões nacionalistas abateram uma aeronave marxistta que se supõe ser construida em França. A nossa gravura apresenta o avantajado mastodonte, derribado como uma fera bravia, a bem da segurança do povo. Esta, pelo menos não voltará a descer ao povoado a espalhar vítimas e destruïção

O FIM DA BONECA

A janela, faceiramente toucada de rosas trepadeiras, tão perfumada e vistosa que chegava a parecer — a toleirona! — que abria as vidraças para sorrir num jeito ufano aos reduzidos — e muitos eram — da sua fresca gracilidade, não era mais bonita que a carinha formosa, infantil, cândida, que espreitava logo de manhã por entre a outra beldade, e chegava a confundir quem as via, sem bem saber se tudo eram rozinhas, botões, os rostos lindos!

Teria inveja da pequena a roseira? Não parecia, porquanto a sua folhagem tranqüila parecia afagá-la com ternura, se os reduzidos — que muitos eram — dividiam suas admirações entre a moldura e a emoldurada.

A dona da carinha... e da roseira, era a filha dos proprietarios da residência, a travêssa Julieta, dezasseis anos incompletos, onde se anunciavam já as deliciosas gentilesas da mulher, uma candura de virgem e pensar de bébé.

Era ela quem, logo de manhã, à janela da trepadeira, acordava a vizinhança com a sua vòzinha cristalina, qual alegre cotovia em requebros pelo espaço, e a via, mal disperta, sonolenta, chegada aos vidros, a contemplar a cantarina, que embalava nos braços uma bonéquinha de louça, cuidada em mil carinhos de mamã!

— A Julieta e a boneca! — dizia-se já com sorriso de gracejadora simpatia pela juvenil madrugadora, tão afastada das senhorinhas da sua idade.

— A Julieta e a boneca!...

— E já o pai dizia, a fingir-se zangado:

— Mas... não terás vergonha, Julieta? ...de boneca, ainda?

As irmãs, com sorrisos de desdem, comentavam:

— Hás-de ser mulher... quando fôres velha!

Só a mamã, alma toda num sorriso semelhante á candura admirável do seu benjamin, intercedia, carinhosa:

— Deixai-a ser criança!... É tão pequena a infância... Deixai-a! Pobre filha! Tens tempo para cuidados, para pensar na troca dessa bonequita de louça por outra de carne! Deixai-a ser criança!

E feliz, imensamente feliz, a mamã via a sua Julieta descuidada, alegre, ditosa, deixando pulsar em cantos seu coraçãozinho afectuoso, a brincar com a boneca...

Se lhe falavam, as senhorinhas da sua idade, em amor e namôro coisas que não entendia, tão complicadas eram, ficava-se com os seus grandes olhos ingénuos muito abertos, sem curiosidade, e depois em segrêdo, beijando a boneca, confidenciava: — Somos tão felizes!

As outras, — as senhorinhas — sorriam com superior desdem, e murmuravam:

— Que palerminha!

Elas também não sabiam que ser criança é tão bom... tão bom... que passa depressa como os dias felizes passam...

E, no entanto, Julieta não temia os rapazes! Ria, brincava, como se tôdos fôssem uns excelentes camaradas de folguêdos, e se algum cuidava de lhe dizer por equívoco — pobre dêle! — dois olhos espantados o fitavam, uma gargalhada estrepitava e soava um — que dizes tu? — que o deixava desarmado e confuso.

Demais era já o pequeno gabado, discutiam-se os futuros encantos de tão lindo mocinho, mas tudo era debalde ante tão singela inocência.

E os despeitados, diziam com sorriso escarninho:

— A Julieta não tem coração.

Mas isso... isso não!

Julieta tinha coração, e um coração adorável... Bastava vê-la a beijar apaixonadamente as faces gélidas da boneca — a sua querida boneca — para se compreender como era meiga e terna, e como seria capaz de amar!

Um dia, pela manhã, uma manhã subtil e doirada, deliciosamente enfeitada com

respigos de primavera, Julieta cantava como de costume, na janela das trepadeiras, afagando carinhosamente a boneca.

Os seus olhos azuis pareciam dois pedacinhos de céu, sua boca uma rosinha da trepadeira, seus cabelos, raios de sol que o astro-rei generosamente ofertasse... E a vòzinha pura ia-se perdendo no ar perfumado por estranhos aromas, em notas cristalinas de suavíssimo garganteio.

Pela rua, à hora matutina, passavam os primeiros transeuntes que o trabalho chamava, e iam rápidos, distraídos, tão afadigados já, que nem ouviam a canção que o vento levava e fazia perder ao longe. Ou — quem sabe? — talvez pensassem que se tratasse de mágico passarinho...

Julieta, debruçada na janela, embalando a boneca, cantava, olhava, e sorria...

Passou então um mancebo, alto, esbelto, olhar desiludido da vida, — tanto desconhecia o dia, por só viver de noite — boca escarnecente do amor — tanto amor recebera...

Ia distraído? Decerto! Anda sempre distraído o tresnoitado... Mas a canção de Julieta fê-lo erguer curioso a cabeça pálida e o seu olhar desiludido e triste ergueu-se num relâmpago em os dois inocentes e cândidos bocadinhos de céu que espreitavam através da trepadeira.

Que disseram então? Que misteriosa linguagem trocaram que o mancebo se sentiu preso de desconhecida emoção que o remoçava e lhe fazia achar mil vezes mais linda que as luzes cintilantes dos "dancings„ modelos, a claridade rosada da manhã, e a pobre pequenita, empalidecendo e còrando, não terminou o garganteio da canção e a boneca, a sua querida boneca, soltou-se-lhe dos braços e veiu cair na rua, aos pés do extático admirador!

Quem o poderá explicar...

Enfim!

O jóvem, por momentos quedo e estupefacto, sem cuidar do que fizera, não sabia como proceder! Depois, inclinou se para o chão; juntou piedosamente no chapéu os restos da boneca, e subindo a escada, bateu à porta...

Surgiu um rostozinho ruborizado e humedecido de lágrimas, a fitar com grandes olhos interrogadores a fisionomia alterada do mancebo, que titubiava como volvendo aos tempos infantis dos seus primeiros amores.

E finalmente, a medo, balbuciou, sem ousar encarar a criança que o rejuvenescia: — A boneca... da menina!

Julieta estendeu as mãozinhas. Os seus deditos febris tomaram entre si os cacos, inconscientemente, e... uma lágrima rubra cingiu a brancura da pele.

Um gemido...

Alguma coisa de novo surgia para ela no horisonte da sua curta existência, tão pequena que cabia tôda na pequenina janela tão faceiramente toucada de rosas trepadeiras. Erguia-se um sol mais vivo que iluminava mais intensamente, fazendo-lhe vêr mais longe, muito mais longe... Por isso, é que lhe brotou aos lábios êsse murmúrio que nem ela própria sabia traduzir.

Num movimento impossível de reprimir, o mancebo deixou caír o chapéu, e pegando na mãozinha sofredora, levou-a aos lábios... e bebeu a gotinha vermelha num beijo ardente...

Julieta còrou, recuou, estremeceu... e não chorou mais!

Pegou cautelosa nos restos da boneca, sorriu, e fechou-se em casa!

E foi um formoso romance... Rui, o mancebo que julgava ter vivido da vida tudo quanto ela podia dar a um rapaz rico, formoso e inteligente, voltou quási a ser criança, tão ardentemente cria no amor e dele esperava as mais perturbadoras felicidades...

E Julieta... palpitava enfim, como mulher que era.

Casaram...

...e Julieta tem, já... uma boneca de carne, um amor, um querubim, que Rui declarou ser a paga dessa cujos restos Julieta guarda religiosamente, porque o fim dela, foi o nascimento da sua ventura.

Odette Passos de Saint-Maurice.

Simões de Almeida inédito

Se não tivesse existido Soares dos Reis — o génio que, em plena mocidade e pujança, se afastou da vida por não acreditar na sua eficácia — Simões de Almeida, tio, poderia ser considerado o primeiro escultor português.

Os seus trabalhos impregnados d'um classissismo sempre novo e sempre atraente — quer sejam *O Saltimbanco,* ou a *Sapho, A Superstição* ou o *Jovem grego nas corridas olímpicas;* a imagem do Santo Cristo para o túmulo de Alexandre Herculano, ou a estátua do Duque de Terceira; as estátuas de Camões ou do Infante D. Henrique, de Vasco da Gama ou de Pedro Alvares Cabral que figuram no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, — continuam a impôr-se pela vitalidade surpreendente que o seu criador, à semelhança dum Prometeu sedento de beleza, soube dar-lhes em lampejos de inspiração genial.

È que em Simões de Almeida havia mais do que *isso* que para aí póde ser considerado o talento de um bom canteiro. Criava — e daí os seus triunfos.

Quando, aos doze anos de idade, entrou para a Academia de Belas Artes, mereceu logo a simpatia dos seus mestres, que logo adivinharam nêsse rapazito tímido, ainda aferrado aos velhos usos da sua terra de Figueiró dos Vinhos, um artista que havia de ir longe.

E foi. Acabado o seu curso em 1865, sentiu a ânsia de correr mundo, numa peregrinação artística, pelos centros mais importantes da Europa. Em Paris tornou-se discípulo do escultor Jouffroy, conquistando, a breve trecho, cinco medalhas de oiro e dois prémios pecuniários em vários certames e exposições. Era alguma coisa já para quem, levando a alma povoada de sonhos e aspirações, vencia os tremendos obstáculos duma enorme concorrência.

Em Roma, enfileirando entre os discípulos dilectos do professor Monteverde, tornou-se querido e respeitado.

Dando por finda a sua digressão artística, Portugal recebeu-o indiferentemente, escolhendo-o para professor de desenho da Escola de Belas Artes.

Assim foi arrastando a vida que Soares dos Reis regeitara, e lutou, embora muitas vezes, tocado no seu amor próprio, manifestasse vontade de atirar com os cinzeis ao Tejo, e voltar à vida sossegada e anónima do seu querido torrão natal de Figueiró dos Vinhos.

Reagiu, apesar de tudo. Á sua sensibilidade de artista aliava-se a tenacidade dum lutador.

Tendo realizado a estátua do Duque da Terceira, quizeram condecorá-lo com o hábito de Santiago, calculando talvez que assim o compensariam das muitas injustiças sofridas. Não aceitou.

No entanto, enterneceu-o o gesto dos portugueses no Rio de Janeiro que, deslumbrados com a formosa estátua de *A Superstição,* enviaram ao artista insigne uma medalha de oiro como preito ao seu nome glorioso que tão altamente honrava o seu país.

Esta homenagem calou dentro da alma de Simões de Almeida pela sinceridade que a revestiu.

Bem lhe importavam a êle honrarias como um favor, senão uma esmola, quando levara o melhor da sua longa existência a distribuir prodigamente ensinamentos que não se pagariam nem com oiro, e a criar maravilhas ao pé das quais uma comenda se tornaria ridícula.

Havia fel na sua alma, mas o seu orgulho nobilíssimo impediam-no de descer a catequizar ímpios e ingratos.

O seu valor deveria ser reconhecido expontaneamente por todos os que sinceramente amassem a verdadeira arte. Se não o reconheceram, por inveja ou incompetência, que competia fazer ao Mestre? O que fez. Esboçar um rictus de desprêzo que, se não foi compreendido imediatamente, começa a mostrar-se agora em tôda a sua grandeza.

Assim viveu durante setenta e dois anos, até que, um dia — fez agora dez anos em 13 do corrente — se decidiu a deixar êste mundo que tanto asco causara a Soares dos Reis.

Os desenhos que ilustram esta página — inéditos até agora — vieram parar à nossa mão, por um feliz acaso. Que os artistas de hoje os admirem, e reconheçam que têm sido duma ingratidão imperdoavel em esquecerem tão depressa o seu ilustre mestre.

Isto refere-se apenas, como se calcula, àqueles que, movidos não sabemos porque estranha irritação, se afoitam petulantemente a desdenhar da obra do grande escultor. Sim, porque alguns conhecemos nós que continuam a manter bem viva a chama da sua admiração por Simões de Almeida — o artista clássico sempre moderno e sempre grandioso.

Felizmente ainda há artistas em Portugal!

Sergio de Montemor.

TRADIÇÕES PERENES

A FESTA DO NATAL

há quatro séculos e há cinqüenta anos

A adoração dos Reis Magos, por Gregório Lopes

A festa do Natal está tão profundamente radicada em todos os países do Mundo que, mesmo aqueles que não seguem o cristianismo, solenizam a data do nascimento de Jesus com o fervor dos primitivos cristãos no escondido refúgio das catacumbas romanas.

Em Portugal, quando foi proclamada a República, esta festa nimbada pela mais deliciosa tradição manteve-se no calendário e nos corações, tal como sempre foi, tomando a designação de Festa da Família. *Ninguém ousou tocar-lhe, nem diminuir-lhe fôsse o que fôsse da sua solenidade augusta que muitos séculos memoráveis tinham enraïzado no coração do nosso povo.*

Pois poderia surgir um iconoclasta tão repugnantemente boçal, tão estupidamente feroz e tão ridiculamente ignorante que se lembrasse de abater uma tradição tão bela que sempre se ergueu no horizonte da nossa ansiedade como um sol acariciante e aureolado de bondade?

O Natal subsistiu e há-de subsistir enquanto existir Portugal.

Vem a propósito citar a evocação que Alberto Pimentel faz do Natal popular e animado da Lisboa manuelina.

Onde isso vai, e como tudo se mantém! Eis o que o fecundo escritor nos conta:

As duas maiores solenidades do calendário eclesiástico, o Natal e a Páscoa, tiveram sempre, a par do seu carácter religioso, uma feição mundana, de gastronomia e folgança que ainda hoje conservam.

Quinze dias antes do Natal começava a venda extraordinária das gulodices que eram peculiares a essa festa.

Pela ribeira adiante, fora da muralha, e no largo do Pelourinho, que ficava dentro da cêrca, ao oriente, na convergência da Rua Nova dos Ferros e da Rua da Confeitaria, uma chusma de vendedeiras ambulantes, como as que habitualmente concorriam uma vez por semana à feira do Rossio, armavam, em renque, mesas cobertas de manteis muito alvos, sôbre as quais expunham à tentação gulosa dos transeuntes várias conservas de dôce e frutas de sequeiro, próprias da estação. Entre as rumas de pinhões e de figos, entre os coscorões e a marmelada, entre o gergelim e os fartens, entre as garrafas de cidra e vinhete, entre montões de boleima, que era uma lambarice barata e grosseira, de grande consumo, aparecia uma fressura, a que se dava o nome de *verdes*, feita com sangue de porco ou de boi e temperada com vários adubos gordurosos.

Logo por êsse tempo abicavam à ribeira, em frente de Alfama, os barcos que vinham de Alcacer do Sal, carregados de junco branco, porque era do estilo esteirar com êle, festivamente, os pavimentos das casas por ocasião do Natal.

Um aspecto da Rua Nova dos Ferros, no século XVI, desenho de Alberto Souza

O poeta Chiado deixou-nos notícia dêste tradicional costume num dos seus autos, em que a descrição da vida popular de Lisboa toma maior relêvo:

> *Homem ao junco no cais*
> *era todo Portugal,*
> *e não parece Natal*
> *sem junco...*

A missa do galo era já, como hoje, um pretexto religioso para a folia mundana.

Esperava-se pela meia noite, tangendo ou sapatiando, cantando e bailando, jogando jogos de prendas, alguns muito chistosos, como o das *Mentiras*, por exemplo, em que a pessoa menos inventiva em fabular sofria a pena de ser mascarrada na face com um tição ou açoitada nas mãos com uma palmatória.

Retiniam as gargalhadas quando os jogadores ficavam engraxados no rosto como se fôssem pretos da Guiné, sobretudo se uma carinha de tauxia de bisboeta graciosa se metamorfosiava de repente num sol com manchas, semelhando uma negrinha linda de Manicongo.

E os esgares cómicos dos parceiros que procuravam furtar a mão aos golpes da férula, as evoluções acrobáticas, que êles exageravam, para evitar cada palmatoada faziam redobrar o riso, estalar as costelas nas convulsões da hilaridade.

Mas os sinos repicavam, tangendo à missa do galo, e logo se lavavam as mascarras, e as mulheres cobriam suas beatilhas e manteus, e os homens punham as gôrras e sombreiros, caminhando todos em galhofeiro rancho para a igreja mais próxima.

À volta da missa, era também do estilo que o apetite madrugasse. Tratava-se de preparar o almôço de lingüiça, porque os piteus de fumeiro, sendo os próprios da estação, tinham primeiro lugar nas refeições suculentas.

E como se o estômago, em respeito à tradição, fôsse maior naqueles dias de festiva consoada, vinham pela tarde as merendas de castanhas assadas, os magustos, que eram uma diversão cheia de alegres incidentes, porque ou apetecia saltar as fogueiras como na véspera de S. João, ou, à roda do brasido, recomeçavam os jogos de prendas que, como o das *Mentiras*, e o *Dou-te-lo-vivo*, tinham por essêncial instrumento de risota uma brasa ou tição acêso.

O frio de Dezembro apertava pelo Natal, e a visinhança da fogueira sabia bem. Em largo círculo, rodiando as chamas, sentava-se o folgado rancho, e o tição acêso ia passando de mão em mão, soprando-lhe cada parceiro para reanimá-lo, e dizendo ao outro a quem o passava: «Dou-te-lo-vivo». E quando, por mais que lhe assoprassem, o tição se apagava, quando a chamasinha, já ténue, morria nas mãos de alguma pessoa, essa pessoa, no meio da alacridade geral, pagava a prenda.

Visitavam-se, pelo Natal adiante, umas às outras, as famílias conhecidas e amigas, costume que chegou até nós e em nós parece perder-se com a invenção recente das felicitações em comum pelos jornais.

Página do Livro de Horas de D. Manuel

Há meio século, o grande escritor Ramalho Ortigão, ao traçar a sua página magistral sôbre o Natal minhoto *que ainda o encantava e atraía, quis dar uma ideia do que vinha a ser esta festa tradicional em plena Lisboa já pretensiosa e modernizada.*

Eis o que êle diz:

É dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das igrejas repicam festivamente. As salchicharias, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do tecto com a cabeça para baixo, as salchichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitela, de uma palidez linfática, rodiadas de agriões; os perús gordos como ventres de cónegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as *galantines* marmoreadas; as louras perdizes postas em pirâmide; as costeletas; as geleias de reflexos côr de topázio; as verduras de salsa picada; os grossos molhos opulentos dos espargos; os bolos do Natal: os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, os *christmas-kacks*, os *puddings*, os *bombons glacés*.

E a profusão destas exposições dá às ruas o aspecto culinário da abundância, da plenitude.

O Natal, por Frei Carlos, pintor quinhentista

Os ramalhetes de violetas com o seu colarinho feito de duas malvas, estendem-se de todos os lados para as casas dos *paletots*, e perfumam o ambiente com uma frescura orvalhada. Os cabazes das camélias cintilam como grandes esmaltes. As lojas de bijouterias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desabrocham em cartuchos de amêndoas, em cartonagens douradas, em animais de quási tôdas as espécies recolhidas na Arca, em *cabriolets* de lata, em cavalos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos e em lindas bonecas vestidas de setim com os seus *pufs*, os seus *chignons* e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol. Os homens trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande *toilette*, frescas como lilazes, com os seus narizinhos rosados pelo nordeste, dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão de um teatro por uma associação de senhoras, em favor de um estabelecimento de beneficência.

....

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo — há bem tempo! — aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferença é que, nessa remota idade e no obscuro canto da província em que êle nasceu, a *Árvore do Natal* era ainda uma instituïção desconhecida. Era uma terra bárbara aquela em que êste pai-avô veio à luz e que tantas vezes êle percorreu, já periclitante na imperial de trémulas e arrastadas diligências, já a cavalo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!

OS NOSSOS AMORES

As crianças — anjos da Terra

que são irmãzinhas do Menino Jesus

A o festejarmos o Natal de Jesus, não podemos deixar de recordar os pequeninos mártires que a sanha do rei Herodes arrebatou do colo das mães para os degolar.

Em cada uma dessas criancinhas encontramos um menino Jesus que, muito antes do verdadeiro, haveria de sofrer um suplício atroz.

Cristo teve mãe a acompanhá-lo pela vida fóra até à idade em que julgou ser chegada a hora de prègar as suas doutrinas de redenção. Teve uma infância acarinhada, gosou as delícias do seu lar tão humilde como humilde deveria ser tôda a sua existência, ao passo que os pobres inocentes degolados tiveram o seu Calvário no próprio regaço materno.

Eis a razão de classificarmos Herodes o maior bárbaro de todos os tempos. Nem mesmo o desastrado exemplo do Faraó que, séculos antes, tivera idêntico assomo de selvajaria para esmagar à nascença o perigo de Moisés que o ameaçava, fez vacilar o sanguinário tetrarca galileu. Tolhido de entendimento, o perverso Herodes não sabia compreender que nem por se encerrar na mais escura masmôrra do seu palácio, evitaria o nascer do sol à hora do costume.

A sua ambição cegava-o — e daí

o desenrolar das suas monstruosidades requintadas.

Já lá vão quási dois mil anos, e a satânica proeza continua a manter-se em tôda a sua hediondez. Nem o rolar corrosivo do tempo conseguiu desvanecer esta inqualificável maldade.

Herodes ficará maldito por todos os séculos sem fim.

Se outros crimes não tivesse a pesar-lhe na consciência, bastaria a inconcebivel degolação dos inocentes para o atirar sem remissão nem agravo à perpétua execração dos homens.

Que, cioso do seu poderio, movesse legiões contra os seus adversários políticos, que perseguisse profetas e açoitasse visionários, que se revoltasse, em suma, contra o próprio Cesar romano, tudo encontraria talvez certa desculpa. Mas que, na ânsia de eliminar o Messias recem-nascido, mandasse matar tôdas as crianças de tenra idade, convencido de que, assim, aquele não poderia escapar-lhe, constitui um crime tão repugnante, tão nefando, tão monstruoso que nem Deus seria capaz de lhe conceder perdão, apesar da sua infinita misericórdia.

E, no entanto, esta figura sinistra do Novo Testamento dilui-se tão vagamente que quási se não dá por ela! Os ódios concentram-se todos em volta de Anás e Caifás que defendiam a lei mosaica, vigente durante séculos naquelas paragens, e visavam especialmente o Judas Iscariotes que, para cumprimento das Escrituras, fôra indicado pelo Destino para traír o seu Divino Mestre. Pilatos, apesar de ter feito tudo quanto ao seu alcance estava para salvar o Cristo condenado à morte, sofreu também os ódios das gerações futuras.

De Herodes é que mal se fala, e, todavia, é o piór de todos.

Pois que poderia justificar a hedionda crueldade de mandar degolar milhares de crianças? Nem mesmo que dum tal sacrifício pudesse surgir a reconstrução de um império que um terramoto esfacelasse, não deixando pedra sôbre pedra; nem mesmo que com uma tal monstruosidade pudesse tornar-se possível a ressureição de milhares de herois que tivessem tombado no campo da batalha, batendo-se por um ideal sublime; nem mesmo que do sangue das criancinhas imoladas podesse brotar a felicidade plena e completa dêste Mundo mesquinho e mísero, se justificaria uma tão hedionda monstruosidade.

Se olharmos bem para dentro de nós, verificaremos que muitas e muitas vezes temos visto fazer mal a um nosso semelhante sem que tal acção nos enervasse ou afligisse e só porque ao malfeitor nos ligavam quaisquer laços de parentesco ou amizade.

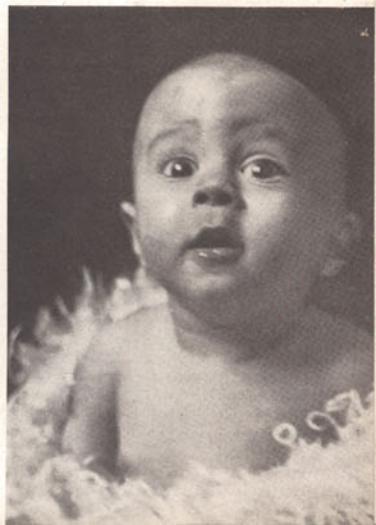
Mas vêr maltratar uma criancinha é que ninguém poderia tolerar, nem que ela fôsse filha do nosso piór inimigo.

Que culpa teria o pobre anginho de ter vindo a êste Mundo miserável e mau?

Amai, pois, as crianças, que são irmãzinhas do Menino Jesus.

Gomes Monteiro.

A FISIONOMIA DO MAR ALGARVIO

A Praia Formosa de Lagos

O Algarve, cujo renome paisagístico corre mundo, é uma província ao mesmo tempo agrícola e marinheira. Os seus campos de rega, conhecidos geralmente por *hortas*, são extensas dimensões cultivadas, geomètricamente divididas em canteiros onde as forragens e os legumes se instalam, e por onde, arrìtmicamente, amendoeiras a êsmo e figueiras derreadas se espalham. O mar algarvio, porém, é a melhor imagem da paisagem da província: águas mansas e verdes, tranqüilamente adormecidas, onde a candura imaculada do céu se reflecte. Nunca senti, em minha vida, impressão de beleza maior que a que me deu a baía de Lagos, observada do caramanchão da Ponta da Piedade. Foi numa tarde de Outubro, de luz aperolada e doce, quando por sôbre o lençol das águas voavam azas de gaivotas. Ao longe, bem definida, a linha de Portimão, dava, ao espectáculo, um limite lógico e natural. Lembrei-me do mar violento que a costa nortenha tornara meu conhecido, e comparei a tranqüila mansidão das águas da baía, silenciosas e verdes, com as ondas revoltas, cheias de espuma e de ódio, que são tão belo espectáculo fotográfico. O mar algarvio é já mediterrâneo: daí a razão porque, pelas manhãs, parece um topázio em seu noivado com o sol, e, pelas tardes, uma grande esmeralda liquefeita.

Muito largo, o horizonte que se disfruta da Ponte da Piedade e em que meus olhos marinheiros deliciosamente vogaram. O sol aproximava-se do seu ninho de lilazes crepuscular. Nem uma vela cortava a serenidade lírica: o mar parecia que desmaiara e só era verde e azul-safira, conforme as distâncias. Na manhã seguinte, fui surpreender, num gazolina, a madrugada colorida dêsse oceano que, se não fôra o voluptuoso murmúrio das suas mensagens à terra, se julgaria de papel de sêda. Às sete e meia da manhã, lembrado de Manuel Teixeira Gomes e da sua descrição dos *Regressos* e do *Agosto azul*, fiz-me peregrino lírico e fui de longada à descoberta do sol. Não tardou muito a laranja matinal. O mar recebeu os bons dias do astro-rei, desfiando, ante meus olhos, diversas e perfulgentes indumentárias. Primeiro, o anil esmaecido, medroso, que logo é sangue vermelho e dá ao mar a tragédia dos incêndios. Depois o verde translúcido, espécie de luar condensado, pelo qual se pode penetrar até longa profundidade, na intimidade das águas. Por último, e indistintamente, o amarelo, o fulvo, o doirado, o verde carregado e as diferentes modalidades do azul.

A Costa de Oiro em Lagos

Cortei o mar de tôda a baía, no pequenino barco automóvel que, de longe, deveria parecer uma gaivota, e surpreendi-me a verificar a sumptuosidade do colorido e o autêntico *travestismo* das diferentes paisagens luminosas. Ao verde sucedia-se o loiro, ao vermelho o azul e ao azul um outro azul diferente: série infinita de retalhos policromos, desbobinada numa perfeita toalha que nenhuma viração agitava.

A costa é constituida ou pelas rochas com feitios extravagantes cujas sombras traçam figurinhas que a crendice popular considera religiosas, ou por areias largas, doces, semelhantes às de tôdas as costas. Em Lagos, há sete ou oito praias, das quais a mais freqüentada, e a que melhores condições possui, é a de D. Ana, metida entre paredes carcomidas de pedra, e para onde se vai atravessando um corredor de rochas. Vista do mar, a costa dá a impressão de uma dentadura de serra, tal a simetria das saliências e a agressividade das suas expressões.

A Praia da Rocha, a dois quilómetros de Portimão, é uma imagem dessa teoria marinha que consiste em mar voluptuoso e em umbelas de pedra trabalhadas pelo tempo e pelas águas. São doces as manhãs, observadas do alto da povoação, pelo seu tom translúcido e magnânimo, e as próprias tardes têm nostalgia doirada e meditativa. Já Sagres é uma excepção. O mar ruge, violento, e despedaça-se de encontro às rochas como gigante enraivecido. Um vento permanente fustiga as vegetações próximas e bem me recordo de ter regressado de lá, a primeira vez que visitei Sagres, com a impressão de que seria bem difícil, pelas suas condições mesológicas, transformar êsse histórico penedo da meditação do Infante, em Meca portuguesa de romarias tradicionalistas. A paisagem não parece algarvia: terreno sêco, escalavrado, montículos dispersos e quási marroquinos, terra vermelha, congestionada e aflita. As figueiras, tombadas para o chão, não na santa maternidade dos seus frutos mas no cansaço de uma luta aspérrima contra o vento, semelhavam espectros que Ibsen afugentara. Voltei lá, porém, num meio dia de sol meridional, e renovei os meus juizos. Sagres é, de facto, o promontório que a fé nacionalista nos faz admirar e depois compreender. O Infante revelou-se na sua luz diáfana, crua, redolente. É na verdade uma paisagem sem retórica de nenhuma espécie: e até o mar, convicto da grandeza heróica das tradições do Cabo de S. Vicente, ergue aos céus uma juba imponente de espumas claras, indómitas e bravias sem esquecer, porém, a doce canção marinheira que dá perfume às flores da terra.

Vista parcial da Costa de Oiro

Cabo de S. Vicente em Sagres

Rochedos da Ponta da Piedade em Lagos

É largo o espectáculo dêsse mar que ruge e que vai gritando sempre até desaparecer ao longe: e, ainda há pouco, quando me decidi a ir lá, propositadamente, a presenciar um pôr de sol, fiquei maravilhado com a temperatura dramática das águas revoltas e murmulhantes onde o incêndio do sol agonisante espalhara ansiedades de fogo. Lembrei-me de outro poente a que assisti, em Sevilha, vai fazer dois anos. Sôbre as águas líricas do Guadalquivir começara a cinematografia dos arrebois doirados e ígneos, mas foi, adiante, no oceano crivadinho de barcos e de vasos de guerra, que o astro em chamas se sumiu, deslumbrante em seus setins de fogo como uma aparição de Mefistófeles nesse revolto cenário de águas agitadas e coléricas.

Mas Sagres é, afinal, uma excepção. Ferragudo é um recorte catalão nesta costa essencialmente andaluza. Terra de pescadores, como a Nazaré, há-de ser amanhã uma grande praia internacional, embora pequena e sem as dimensões de Monte Gordo. Mas há no seu ar tam perfulgentes claridades e tantas essências dispersas, e é tam pitoresca a sua enseada onde o mar é permanentemente azul como nos contos de fadas, que em breve, quando fôr descoberta pelos turistas ingleses e alemães, será digna de corpos perturbantes e do bulício sensual dos perfumes caros.

E quem poderia impedir que assim fôsse? Em frente desta paisagem vivificante ficamos com a convicção de que o pecado original não atingiu a terra algarvia, embora a serpente nisso se empenhasse...

Êste Algarve é, afinal, um pedaço de terra florida e perfumada cuja conclusão lógica é o mar. Em Janeiro, quando troveja no Minho e o Porto é um permanente aguaceiro, esta costa enche-se de perfumes, vestem-se de noivas as amendoeiras e os medronheiros, o ar recolhe as colorações dos lilazes e espalha essências de jasmim, e os seus espectáculos marítimos são suntuosos de colorido e de emoção. Tudo isso se deve a um clima invulgarmente tépido, dizem-me que semelhante ao da Madeira, e à grande realização de beleza de uma paisagem sinfónica e policroma como não há igual no país e no mundo...

Outro aspecto dos rochedos da Ponta da Piedade

Manuel Anselmo

NOTAS DA QUINZENA

Aniversário do sr. Cardial Patriarca. — Passando o seu aniversário natalício, o sr. Cardial Patriarca deu recepção aos fiéis, instituições católicas, seminaristas e clero do Patriarcado. Os visitantes aproveitaram o ensejo para o cumprimentar pelo 7.º aniversário da sua ascensão ao sólio patriarcal. A nossa gravura apresenta o sr. Cardial Patriarca com as crianças das escolas católicas que o foram saüdar.

1.º de Dezembro. — O desfile militar na Praça dos Restauradores, comemorando a libertação da Pátria que durante sessenta anos estivera sob o domínio de Castela. Mais que nunca a nossa alma vibrou.

Colégio Militar. — Os actuais e antigos alunos confraternizaram numa grande festa a que assistiu o Chefe do Estado. A nossa gravura da esquerda apresenta o elemento oficial assistindo à missa celebrada na igreja de S. Domingos por alma dos alunos mortos. À direita, vê-se o Chefe do Estado, ladeado pelos srs. generais Vieira da Rocha, Craveiro Lopes e Ferreira Martins e almirantes Ivens Ferraz, Coutinho Garrido e Sales Henriques, presidindo à sessão. O director do Colégio Militar, brigadeiro Magalhães Correia proferiu um brilhante discurso referindo-se aos altos valores que dêste estabelecimento de ensino têm saído para honrar todos os sectores da vida portuguesa.

Assembleia Nacional. — Começando o terceiro período legislativo, a Assembleia Nacional manifestou por aclamação a sua inteira solidariedade com o Govêrno. A gravura que acima damos apresenta a mesa da presidência durante a contagem dos deputados presentes. À direita: O sr. Presidente da República com os membros do Govêrno que foram à Cidadela de Cascais apresentar-lhe cumprimentos pelo seu aniversário natalício. Além destas individualidades estiveram ali também o Corpo Diplomático, representantes das Juntas de Freguesia e muitas outras entidades que assim quizeram patentear ao Chefe de Estado a sua estima, o seu carinho e a sua alta consideração.

DEUS SEJA CONNOSCO

A cada ano que passa, a vida nos vai abrindo mais os olhos, para que possamos ver em tôda a sua clareza, os nossos êrros, que consistem muitas vezes na ingenuidade com que acreditamos nos charlatãis do ideal, que com palavras mentirosas, mascaradas de entusiástica sinceridade, procuram impingir-nos os seus frasquinhos do elixir da felicidade e os sabões capazes de tirar completamente os vestígios de qualquer hesitação na nossa parte a tomar no cortejo que só pode levar-nos à morte de mais uma ilusão.

E' preciso boa vista espiritual e bom ouvido crítico, para sabermos distinguir o oiro do latão dourado, e as palavras sãs que conduzem a um pôrto abrigado e seguro, das falaciosas promessas que nos levam a um paraíso artificial, onde a serpente do desengano, a breve trecho, vem apertar-nos nos seus anéis.

■

A nossa felicidade reside em nós mesmos.

Trazemo-la connosco e, doídos, não a sentimos, e pomo-nos em sua procura, por caminhos tortuosos, guarnecidos de espinhos, onde vamos rasgando o corpo e a alma, nesse anciar constante por um bem que nunca chega, porque não é dêsse lado que êle está.

A ventura de cada um é a sua própria obra — obra simples e fácil, que consiste em contentar-se com a sua sorte.

A ambição de riquezas, para o usofruto de luxo, comodidades e estravagantes distracções, é a causa de todo o mal que aflige a humanidade.

Se tôda a gente se limitasse a viver consoante os seus haveres, mas resignada e contente assim mesmo com o poucochinho que tivesse, só haveria felizes neste mundo.

Quem não pode ter na sua mesa acepes raros, tem o pãozinho que lhe pode dar o seu trabalho e um conduto barato, que comido de consciência tranqüila tomará o sabor do mais delicioso maná celestial.

E se para vestidos de sêda não há pecúnia que chegue, um vestidinho modesto e limpo, também faz uma linda vista.

E que nos importa o que os outros pensem da nossa modéstia?

O principal é a satisfação íntima do dever cumprido gostosamente, e a certeza de termos sabido aceitar a nossa parte de felicidade — uma felicidade pobrezinha e simples, mas risonha e sem preocupações ambiciosas.

■

Para chegarmos a esta perfeição, precisamos de preparar a nossa alma, educá-la nos bons princípios, e essa escola só é possível amparada pela Religião, pela crença em Deus.

Agnus Dei — Quadro de Murillo

Sem ter qualquer coisa que a alimente, que a socorra, em transes de dúvida, a nossa alma perde-se, estonteada por mil solicitações diabólicas, disfarçadas lindamente, mas que no fundo só escondem torpezas.

Da crença em Deus, vem o respeito e o amor da família, vem a resignação no sofrimento e na desgraça.

Pensarmos que esta vida só deve consistir em devertimento e riquezas, é um êrro crasso, um êrro que merece castigo.

Acreditar que tudo é para todos e que os nossos quinhões devem ser iguais é não conhecer a vida, é não saber viver.

Há-de haver sempre ricos e pobres, felizes e desgraçados.

O que consegue tornar o balanço de contas menos duro é a bondade dos que podem com a sua generosidade minorar males alheios, e é a fé dos humildes em melhores dias.

Êste resultado é ainda um produto da Religião, que é a base do bem estar de qualquer povo.

E a história está cheia de exemplos que não desmentem quem fizer esta afirmação.

A falta de crença em Deus gera a maldade e leva a todos os crimes.

Quem crê em Deus respeita os seus mandamentos e, para agradar-lhe e merecer a sua divina graça, procurará eliminar a parte ruim que por ventura atavismos cruéis tenham implatado na sua alma.

■

Vem aí o Natal, a festa tradicional da família, época propícia para um exame de consciência feito escrupulosamente, e com vontade forte de não continuar caindo nas mesmas faltas antigas.

Vem aí o dia da glorificação do Menino Jesus — essa criança a quem o destino reservava tão horríveis tormentos.

Quem diria à Virgem-Mãi, quando o aconchegava ao seu seio, que o seu filhinho havia de tombar-lhe nos braços, todo chagado, descido da cruz até ali suplício de assassinos e ladrões?!

E quando em Jerusalém tapetaram de palmas e flores o caminho do Homem Deus, quem suporia que essa mesma gente o abandonaria à sua sorte de sacrificado inocente às torvas ambições e receios de vis magnates? Nem Pôncio Pilatos teve a coragem da sua opinião.

■

Vem aí o Natal. Que pais e fillhos, irmãos e irmãs se liguem com mais estreitos laços.

Que o ódio desapareça de cada peito, que os homens se dêem as mãos, numa tácita promessa de amizade e cooperação leal, na sua luta pelas encruzilhadas da vida.

Mercedes Blasco.

D. Sebastião

Acaba de aparecer um novo romance de Aquilino Ribeiro, o escritor insigne que em cada um dos seus numerosos leitores pode contar com um admirador sincero e fervoroso.

Desta vez, o prosador inimitável, escolheu a lenda do Encoberto, e sôbre ela traçou as mais belas páginas que só um espirito cintilante como o seu saberia urdir.

Para que entrar em mais pormenores? A transcrição que abaixo damos dum trecho da nova obra do excelso escritor, dirá por si só muito mais do quatro páginas coalhadas de adjèctivos laudatórios, armados em lâmpadas mortiças para alumiar o Sol em tôda a altura do seu esplendor.

UMA JÓIA LITERARIA

A AVENTURA MARAVILHOSA DE EL-REI D. SEBASTIÃO

romanceada pelo insigne escritor Aquilino Ribeiro

— Que terra é esta? — preguntou Frei Salvador, erguendo a cabeça para os fantasmas que se debruçavam sôbre êle.

Não lhe souberam responder e foi repetindo a pregunta nos idiomas que conhecia. Por cima dêle, com timbre igual e intimativo de sineta, uma voz pusera-se a badalar:

— *Hagion-Oros! Hagion-Oros!!!*

Recolhendo-se um minuto, desceu o frade no poço dos seus conhecimentos. *Hagion-Oros* não era Atos, o monte sagrado, coberto de colmeias de monges de S. Basilio? Tornou a erguer a cabeça e já a praia, à sua volta, se povoava de vultos negros, todos mais negros do que a noite, com as suas cogulas de mangas em tulipa e barretes altos, telescópicos. E das bandas da terra acudiam mais e mais, silenciosos e despachados, os cabelos e as barbas de prata dando-lhes à luz do quarto minguante um ar ao mesmo tempo burlesco e venerável. E, sombras ennoveladas, iam orla do mar fora pesquisando.

Sim, ali, onde a galé, batida pela borrasca, acabara de se fazer em estilhaços com perda quási total de vidas, era de-certo o promontório da Calcídica. Os livores do crepúsculo tinham-se apagado de todo e terra e mar sossobravam na penumbra; apenas a baça claridade lunar acendia nas cristas das ondas, ao arremeter para a borda, fosforescências duma poalha mais ténue que as zodiacais.

Dois monges, amparando cada um de sua banda, levaram D. Sebastião. Iam a fazer-lhe o mesmo, mas recusou-se. Erguendo-se por esfôrço próprio, esticou os tendões a experimentá-los; os tendões agüentaram bem a arquitectura pesada do corpo. Esboçou, em seguida, dois passos; e, vacilantes de começo, os passos encontraram o ritmo locomotor. Sentia-se contuso como se tivesse sido apaleado, porém a máquina obedecia à vontade do maquinista.

Não longe, D. Sebastião esperava por êle, encostado a um rochedo. E juntos, no enxame dos vultos negros, se puseram a subir uma escada íngreme, levemente inflexa, talhada na rocha viva, que nunca mais tinha fim. Diante dêles acabaram por avultar na opacidade do céu perfis tôrvos de torreões e revelins com suas cortinas e suas ameias à volta, tal um burgo da Idade-Média. E na muralha maciça, de grossos silhares, abriu-se uma porta baixa, como de poterna, para êles entrarem. Seguiram um corredor de abóbada e de lage, cortado por sucessivas portas de ferro, e foram dar a um claustro com cedros altíssimos no meio, repuxos melopaicos e pequenas construções cobertas de coruchéus bizantinos lembrando uma colónia de cogumelos. E após claustro corredor, após corredor claustro, assim de seguida, quer em linha recta, quer em torcicolo, tiveram a impressão de se achar num dédalo tão confuso como fantástico.

Sem dúvida estavam na cidade celeste do Monte Atos — *polin ouranion* — indiferente ao gume do tempo e à paixão dos homens. Só ali se podia conceber aquele velho, alto, magro e diáfano, que lhes saía ao caminho, precedido de dois monges com velas acesas a alumiar-lhe. Desciam-lhe pelos ombros, ossudos e erectos como se neles estivessem a crescer asas, fartos cabelos de neve. Cobria-lhe o peito, semelhante a corselete de aço, uma barba fluvial, também alvíssima. E da sua pessoa exalava-se tal sobre naturalidade que Frei Salvador um instante se supôs na presença do Padre Eterno que ao desfastio peregrinasse pela terra.

Era o higomene, devia ser o higomene da comunidade o ancião solene, que em voz branca e baixa, todavia cheia de império, interrogava os monges. E, depois de os interrogar, voltando-se para Frei Salvador, dirigiu-lhe a palavra em grego. E êle lhe respondeu também no grego usual, aprendido com a malta das galés, matizado aqui e além, com manifesta surpresa sua, do oiro puro de Homero e Xenofonte.

. . . .

O superior acabou de ouvir de rosto compungido a narrativa de Frei Salvador. E como a verdade verdadeira transluzia nas suas palavras, deu instruções para que, além do socorro devido a pobres náufragos, fôssem tratados como irmãos, dos mais dilectos, da família cristã.

Conduziram-nos para uma cela, pedra por baixo, pedra por cima, pedra por todos os lados, como poderia ser alvéolo cavado por bôlha de ar no cerne dum penedo. Mas pelo balcão vinha-lhe luz do Nascente, luz, ao que estavam de alto, que as nuvens iam peneirando, ao mesmo tempo que deixavam por ameias e guaritas uma fímbria preguiçosa. E da culminância em que se achavam respondia ainda o mar que se ouvia bramir em baixo, em seu fundão, como fera em subterrâneo.

Os caloiros, que assim se chamam os religiosos destas comunidades, prepararam-lhes o *xenodion* para dormir e trouxeram-lhes roupas para se mudar. Um dêles, prático em medicinas, lavou a ferida que D. Sebastião recebera ao dar à costa e aplicou-lhe um ungüento de virtude universal. Havia-lhe de doer que gemia e chamava baixinho a Nossa Senhora. E que tinha febre viu-se na sofreguidão com que engoliu a tisana que lhe apresentaram.

Os monges retiraram-se, dando as santas noites, chamados a matinas pelas matracas. Frei Salvador correu a palpar o cós das calças em que cosera os brilhantes que Lela Bianca lhe dera. Lá estavam, e sentiu grande refrigério, pois significava permitir-lhes Deus que em sua altura regressassem a Sião do cativeiro de Babilónia. E de joelhos no catre deu graças.

D. Sebastião caíu logo no sono, prostrado pela fadiga e o abalo que sofrera. E, um migalho decorrido, pareceu a Frei Salvador, ainda enlevado na oração, ouvir uma voz. Prestou o ouvido... Emmudecera. Mas breve recomeçava:

— Portugal e Santiago!... Portugal!

Era êle que proferia em sônho as palavras que mais gratas lhe tinham sido: senha de guerra, invocação. E o arrábido foi ajoelhar-se-lhe à beira da cama, nem êle sabia se movido pela curiosidade, se interessado em perscrutar para lá da parede craniana a marcha errática e caprichosa do pensamento. Como sempre, divagava com a lucidez hipnótica que lhe era peculiar, acentuada pelo estado febril:

«Oh meu Deus, que trágico destino fazer chorar! Choraram por mim antes de eu nascer; choraram depois; nunca mais houve olhos enxutos em Portugal!... Não chorem mais que me retalham o coração, não chorem mais!... Porque choram...? Por eu ser o flagelo de Deus... Ah, e porque é que eu sou o flagelo de Deus...?! Quero-o saber! Quero o saber! Lá porque os navegantes e os soldados da Índia e da África, desde o vizo-rei ao grumete, pecaram nas Cinco Chagas e atolaram as mãos na rapina e no sangue, não é razão Não, senhor, não é razão! Disse ou não disse o Deus dos Exércitos: *Ceifai, ceifai no inimigo à foice larga, mulheres, velhos e meninos, e não deixeis pedra sôbre pedra...?!* Ou é porque a nação, como diz Frei Salvador, se converteu numa casa da malta, uma reles casa da malta, atulhada de ladrões, de devassos, de soberbos e arrogantes...? Ah, mas se é essa a causa porque o Senhor me arvorou em flagelo do meu povo, dêstes lábios não ouvirá êle: *seja feita a vossa vontade!* Ah, não! Não!... *Voga e proa!?* Lá vai, comitre, lá vai! Eu mais alento não posso dar. Se me bates, as mãos te sequem vilão! Bates no ungido do Senhor... Lá vai, comitre, lá vai!... Virgem Santa Maria, as lágrimas dos portugueses têm sido tantas, tantas, que se corressem para o Tejo, o Tejo sairia da madre! E não hão de conjurar a má sorte?... Heim, não a hão de conjurar...? Frade, explicai-me lá: como é que Deus é a infinita bondade?»

— Senhor, por quem sois...! — gritou-lhe o arrábido. sacudindo-o pelo braço.

— O quê? E' o comitre? E' o comitre...? — regougou êle, abrindo os olhos, crispados de angústia.

— Não é o comitre, sou eu, Frei Salvador da Tôrre, indigno filho de S. Francisco. Mas que horror de pesadelo! Vossa Alteza até blasfemava...

— Pode lá ser! Eu sou o rei ortodoxo... fidelíssimo! Fi...de... líssi...mo...

Um instante e reatava o sono irregular e agitado. Outro instante e os lábios moviam-se e balbuciavam; primeiro, sons ininteligíveis; depois, palavras, embora inteiras, espalhadas. E começavam a agrupar-se e a modelar o pensamento:

«Carrasco... carrasco do meu povo... sinistro papel! *Rema enxuto?!* Não sou eu que chapinho, comitre, não sou eu. Olha bem, o meu remo corta na água como andorinha no céu. Malvado, não trouxesse eu à perna êste pêso de quarenta libras e não vias mais terra! Oxalá que a azorragada que me deste caia em teus filhos até a sétima geração! Perro, raça de cão e lôbo!... Sou então bode expiatório!? Ah, deixar-me imolar às sete dores das mãis pretas, das mãis asiáticas, vá ainda! Mas se não sou mais que o látego com que são punidos os netos dos conquistadores, flibusteiros nas horas vagas, maldito seja o dia em que nasci! Maldito seja, e já que êsse dia não pode ser riscado do tempo — se é certo que segundo a teologia nem Deus o poderia fazer — que fique pelos séculos a vir data negra, data cadavérica; diga-se: *nasceu D. Sebastião* com horror e cuspindo para o lado».

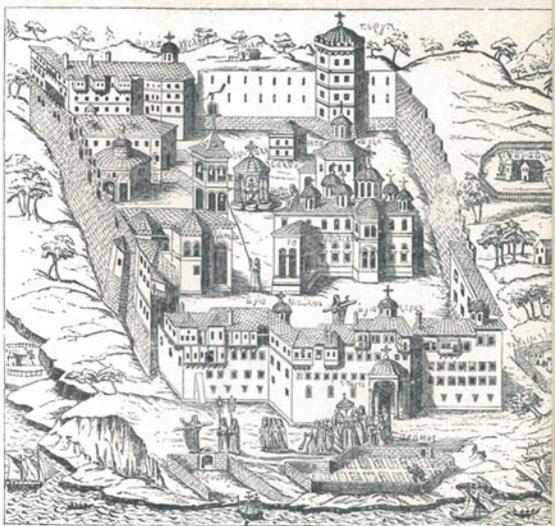
E tão convulsivamente se debatia debaixo da garra do pesadelo que Frei Salvador, condoído, despertou-o de novo. D. Sebastião sentou-se na cama e, depois de limpar o suor que lhe escorria pela testa, respirou. E permaneceu quieto, o olhar em alvo. Mas não tardou que escorregasse para a enxêrga; e voltava a melopeia:

«*Safa cabos*, não é comigo, eu sou apenas vogavante... Também ando a expiar os pecados de meu pai...?! Estúpido fadário! É culpa minha que morresse a ranger os dentes, abrasado em sêde e desejo, a pedir água e amor, sêco como as palhas?! Sim, a árvore combalida só maus frutos pode dar. Mas de quem é a culpa?... *Guardião-baxi*, as ratazanas!... Sinto uma a trepar por mim acima e outra a roer-me um dedo do pé. Ui que quantidade! A espreitar dos buracos parecem freiras do Mocambo nos mirantes! *Guardião baxi!!!*»

Tinha dado um salto na cama e, depois de atirar a roupa fora, bracejava com impetuosa fúria. O frade agarrou-o:

— Senhor, senhor, reparai que já não estamos em Argel... Estamos no Monte Atos e somos hóspedes dos religiosos de S. Basílio. Reze Sua Alteza comigo para que Nossa Senhora lhe abrande a aflição... Ave-Maria...

— Pois sim, Frei Salvador, rezemos: *Ave-Maria, cheia de graça...*

Não foi até fim. A cabeça pendeu-lhe... esteve cabeceando, e tombou para o travesseiro. Assim quedou um bom pedaço, inerte, tão espapaçado que Frei Salvador julgou ter a pobre alma inquieta encontrado finalmente a misericordiosíssima serenidade. O seu anélito era tão brando que mal se ouvia. De súbito, porém, tornou a opressão. E mais uma vez a voz dolente encheu a cela:

«O Senhor não teria meio menos cruel de fazer chorar os portugueses sem ser por minha mão?! Sem ser eu o algoz! Que falta cometi eu, Frei Salvador?! Ah, sim, faltei ao meu voto, ao meu grande voto, tão secreto que só o soube o P.e Luiz Gonçalves da Câmara, meu confessor. É verdade, andei cismático com a Joaninha de Castro — olhos lânguidos os dela! — e com a prima Isabel Clara — mais *mona* e salerosa não havia! — e com certa mulher dum galeote, picante malagueta! Ninguém percebeu o meu drama. Mas está bem, sob êste aspecto, faltei ao meu voto, sim, faltei! Mas em que mais prevariquei contra vós, Senhor? Em mais nada, em mais nada!!! Como o donato que me meteu mêdo em pequenino, posso gritar: pureza, *tibi soli peccavi! Fôrça de remos?!* Estou derreado! Abre-se-me o peito; desprende-se-me a alma. Socôrro!!!»

A sua voz era como o trovão. O frade abanou-o com pressurosa ternura, exclamando:

— Jesus Senhor, como V. Alteza anda reloucado do entendimento! Desperte! Estamos muito longe de Argel... As galés acabou se!...

— Acabou-se? Melhor; já tinha sola nas mãos. Com mar picado, a pirataria não deixa de ter a sua graça... Mas não era para todos. *Salto às gáveas!* — não é comigo. *Pica a voga!* — isso sim. Mas cuidado, comitre, quando jogares o azorrague a alguém... Fugiu-te o golpe e fizeste-me um vergão no ombro. Outra vez, mato-te à dentada, já que não tenho outro meio de te matar. Mas tu açoutas-me...? Excomungado!...

De novo o sacudiu Frei Salvador. Tinha os olhos fora das órbitas e cada cabelo lhe suava como fonte. Ardia em febre. Frei Salvador acalmou-o, acariciou-o e, compondo lhe a roupa, só lhe faltou cantar por cima dêle uma cantiga de embalar. E com alma atribulada velou e rezou por êle. Sôbre a alba viu-o sossegado a dormir um sono reparador. Fechou então as janelas e também êle dormiu. Quando acordou, chegaram-lhe aos ouvidos cânticos vagos, quási esmorecentes, filtrados pela distância e o labirinto arquitectural. Deviam ser os monges a rezar as laudes diante da *Panaghia*, no *catholicon*, e as vozes, acompanhadas de órgão, reboavam plangentes e tão suaves que o silêncio parecia impregnar-se de respeito e escutar. Depois, quando a toada cessou, êsse mesmo silêncio pareceu ficar em levitação, mais substancial que o próprio ar, com mística personalidade. E Frei Salvador na paz que se sucedeu adivinhou, mais do que sentiu, o rumor da colmeia monacal a distribuir se pelos diferentes alvéolos. Entretanto, o tempo foi discorrendo mais imponderável do que asas de alcião. O frade ouviu o mar, o seu próprio pulso, a consciência. Com mão de veludo abriu um caloiro a porta da cela, espreitou... e ante a quietude imperturbável retirou com a mesma discreta cortesia.

D. Sebastião mexeu-se, a-final, na enxêrga, bocejou, e após um suspiro proferiu a mêdo:

Frei Salvador!...

— Meu senhor... — e, em simultaneidade, o frade correu a abrir as portas da varanda.

O sol irrompeu bulhento e ruïdoso como fanfarra e o rei disse, depois de vencer a ofuscação que lhe causava a luz:

— Estamos então no Monte Atos...! Fartei-me de sonhar, de andar em bolandas por perigos e maus lugares...

— Sim, Vossa Alteza passou grande parte da noite em agitação, mas a manhãzinha já a dormiu dum sôpro. Um pouco de febre... a eterna luta, dentro de nós, de Jacó e do anjo. E olhai, meu Senhor, à parte o que de molesto há nos pesadelos, consolei-me de assistir à luta. A consciência de Vossa Alteza trabalhava a descoberto como um relógio. E notei que Vossa Alteza acutila tão bem nos inimigos da alma como nos mouriscos. Grande reformação se está operando nela!

Êle dobrou a cabeça para o chão em jeito de modéstia ou de enfado e, erguendo os olhos repentinamente, proferiu:

— Quando acabarão as provas?

— E' a Divina Providência que no-lo há de dizer, Senhor. Por agora, afasta-nos da nossa querida pátria.

Acabou Frei Salvador de escancarar a porta que deitava para o balcão, suspenso como ninho centenas de metros acima do mar. A água cintilava na mais irisada e mansa das tremulinas. Nem uma vela no seu verde glauco imaculado. Ao longe, como nenúfares à flor duma laguna, lobrigavam-se Lemnos, a ilha voluptuosa de Afrodita, e Samotrácia, berço de Arsinoé. E eram tão pacificadores os longes, tão encantados os silêncios, tão fraterno aquele vago bulício da colmeia monástica, que lágrimas agradecidas borbulharam nos olhos dos desterrados.

Aquilino Ribeiro.

Vista do mosteiro do Monte Atos

O sultão Amurate III

FIGURAS E FACTOS

Dr. Samuel Maia

À semelhança das mais famosas fábulas de Esopo que Fedro e La Fontaine vulgarizaram como suas para ensinamentos das futuras gerações, surgiu o romance «Dona sem Dono» do dr. Samuel Maia, que póde ser considerado, não só belo e atraente, mas profundamente moral.

Houve quem o combatesse, talvez por inveja e despeito, visto que uma obra de tal realce viria aumentar a glória já conquistada pelo feliz autor da «Luz perpetua», da «Mudança de ares», e outras obras primas.

Mas que importava? O dr. Samuel Maia, sendo o autor do «Sexo forte», o romance em que pontifica a alma vigorosa dum apóstolo da verdade; do «Braz Cadunha», a mais bela peça regional, deveria ser o criador da «Dona sem Dono» que, constituindo o perfeito e profundo estudo dum grande psicólogo, é também o mais apreciado romance dos últimos tempos.

Sempre assim o pensamos, e, finalmente, a Academia das Ciências veio dar-nos razão, concedendo à «Dona sem Dono», o prémio Ricardo Malheiro.

Ainda bem, não pelo autor que não carece de consagrações nem rèclamos, mas por todos os admiradores do escritor ilustre que não poderiam aspirar a mais sólido apoio. Por isso, a justissima deliberação da douta colectividade mereceu os gerais aplausos de todos os meios literários, não só porque sendo o último romance do dr. Samuel Maia escrito naquela prosa sugestiva e atraente de que só o seu autor conhece o segredo, é ainda um livro que consegue atingir, como nenhum outro, uma grande finalidade moral.

Deu-nos razão, portanto, a Academia das Ciências.

Se aparecer alguem que não entenda, ou não queira entender a «Dona sem Dono», isso nada influirá, visto que Esopo continúa ainda a ser incompreendido dalguns pobres de espírito para os quais nem sequer existe o valioso refúgio do reino dos ceus.

Sim, porque as suas vozes nem sequer lá chegam...

Dr. João de Barros

Da visita triunfal que o dr. João de Barros acaba de realizar ao Brasil quís o grande jornal brasileiro «A Noite» deixar imperecivel memória, reunindo em livro os discursos que o ilustre embaixador da intelectualidade portuguesa proferiu nessas paragens de sonho e encantamento. Enfeixando um elegante volume de cento e tantas páginas, que tem por título «Palavras ao Brasil», a redacção de «A Noite» prefacía-o com louvores às altissímas faculdades do grande escritor português e à sua valorosa acção em pról da aproximação luso-brasileira, e termina assim:

«Durante a sua visita ao nosso país, agora, por convite honroso das mais vivas expressões da inteligencia brasileira,

o escritor também sentiu a delicadeza com que entre nós se entendeu aquela sua constancia afectuosa. O reconhecimento dessa sensibilidade está em seus discursos — hinos de entusiasmo e de ternura, poemas em que a língua portuguesa, ferída no intimo da sua fonte, excele em sabor e claridade...»

Eis como o Brasil considera o nosso querido dr. João de Barros.

Luigi Pirandello

Com a morte dêste notável escritor italiano, ocorrida no dia 10 do corrente, a Itália perdeu um dos mais discutidos e representativos obreiros do seu teatro contemporâneo.

O nome de Luigi Pirandello ecoou no Mundo inteiro, graças à originalidade

bizarra que se decidiu pôr nas suas peças teatrais, desprezando as velhas fórmulas, a lógica e a verdade.

A nosso vêr, Luigi Pirandello, tendo gasto o melhor da sua vida a escrever novelas que ninguem soube apreciar, decidiu tornar-se autor dramático, mas de maneira que irritasse as plateias, que enfurecesse a crítica, e que désse, em suma, que falar de si.

E, assim, transpôs as fronteiras do seu país com a fama de renovador do teatro. Pelo seu engenho, pela sua tenacidade, bem mereceu o Prémio Nobel com que foi galardoado há dois anos.

Mas renovador?! Se hoje em dia nem os mais espirituosos revisteiros, tão engraçados e originais, conseguem saír dos moldes que há 25 séculos Aristófanes lhes marcou com a representação das *Nuvens!*

Portanto, «a Cesar o que é de Cesar». Com a morte do notável escritor Luigi Pirandello, a Itália perde um dos seus mais discutidos e representativos obreiros do seu teatro contemporâneo.

O GRANDIOSO COMICIO DE COIMBRA

Coímbra acaba de dar mais uma prova do seu acendrado patriotismo, realizando um grandioso cortejo cívico e um eloqüente comício em que se consagrou a independência nacional sendo combatidas as doutrinas marxistas. Muitos milhares de pessoas de todo o districto acorreram a manifestar a sua confiança nos destinos da Pátria. — Em cima: vê-se um aspecto da concentração na Avenida Navarro. — Em baixo: Um aspecto da assistência na Praça da República, vendo-se á frente a esperançosa mocidade das escolas donde sairão os grandes homens de ámanhã.

A QUINZENA DESPORTIVA

Desde que a aviação mecânica se transformou quási inteiramente em elemento militar, a única manifestação de verdadeiro desporto do ar é o vôo sem motor cada vez praticado por maior número de adeptos.

As semanas passam e, invariàvelmente, o desporto português mantem a mesma monotona e uniforme actividade, sem um facto saliente que nos permita desenvolver comentários de interêsse; tal é, desde há alguns meses o preâmbulo forçado das nossas crónicas na "Ilustração„.

Por tôda a parte, o football é só football, no ritmo fastidioso dos campeonatos regionais que à data do aparecimento dêste número ter concluído as suas competições. O público, cansado das mesmas lutas e da apresentação dos mesmos grupos, de técnica inferior e bastas vezes privados de brio desportivo, aflui aos campos em proporção decrescente, facto verificado ainda em Lisboa apezar da emoção excecional do torneio dêste ano que manteve até à última jornada a mais absoluta incerteza quanto ao provavel campeão.

O acontecimento dominante do meio footbalista foi porém, pelo seu significado e possíveis consequências, a anulação do projectado encontro Portugal-França, que as federações dos dois países haviam concertado para o passado dia 13 do corrente.

O sr. ministro da Educação Nacional negou consentimento para a saída do grupo representativo português, considerando não ser o momento oportuno para enviar uma equipa lusitana a jogar em França. Esta decisão criou aos dirigentes nacionais uma posição melindrosa que felizmente foi solucionada da forma mais lisonjeira; os federativos franceses, cuja atitude nos deixa a impressão de sentirem também os mesmos receios que motivaram a excusa portuguêsa, aceitaram sem melindre a nossa decisão e, conforme se verifica pela nota oficiosa publicada pelos jornais parisienses, resolveram transferir o encontro para o calendário da época próxima, comprometendo-se a Federação Portuguêsa a não firmar qualquer jogo fóra do país antes de satisfazerem qualquer compromisso com a França.

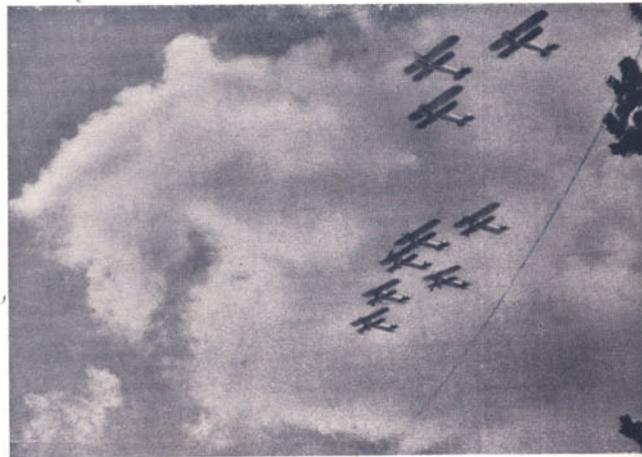
Êste contratempo, privando o grupo nacional duma agradável digressão, não comprometeu felizmente a sequência da nossa época internacional e anunciam-se como certas as visitas da Checo-Eslováquia e da Suiça em Janeiro e Fevereiro próximos.

Até lá, e para nos aguçar o apetite, teremos na quinzena festiva do Natal aos Reis uma série de jogos onde os nossos melhores grupas defrontarão as equipas do Ferencwaros, de Budapeste, e do Austria, de Viena.

Trata-se de agrupamentos que figuraram entre os mais fortes da Europa, constituídos por jogadores de fama consagrada e cujo contacto será, por certo, proveitoso para os footbalistas portuguêses dos quais esperamos comportamento que dignifique o desporto da nossa terra.

■

O diploma elaborado pelo sr. ministro da Educação Nacional para regulamentar a organização oficial da Mocidade Portuguêsa, dando preponderância no seu programa ao problema da preparação física, vem trazer a plano de actualidade uma questão que no País está ainda para resolver.

O Estado decreta, enfim, a primeira manifestação de interêsse prático pela educação física infantil e, num projecto inteligentemente concebido, com amplitude e equilibrio, inclui os rapazes de todo o território português na mesma instituição de assistência física e também moral. Trata-se da instalação duma obra grandiosa, utilissima para consolidação da consciência nacional e revigoramento da raça.

Orientado no sentido de estimular as faculdades activas e o vigor físico das crianças, organizado no mais evidente propósito duma generalização dos exercícios pré-militares, o estatuto da Mocidade Portuguêsa apresenta-se em flagrânte e louvavel antagonismo com os preceitos do métodos oficial de ginàstica decretado para uso dos alunos dos estabelecimentos de ensino primário e secundário.

Acontece, porém, que o mais importante recrutamento de rapazes para as fileiras da Mocidade é feito nas escolas e liceus, cujos matriculados se encontram na obrigatoriedade de alistamento até aos catorze anos. Daqui resulta uma situação parodoxal, pois essas crianças recebem em duas instituições do Estado, elementos de educação física subordinados a critérios diametralmente opostos.

Infelizmente a execução prática dos preceitos físico-educativos da Mocidade Portuguêsa é muito mais difícil do que o estabelecimento teórico das respectivas bases; para ministrar a meio milhão de crianças, espalhadas por todo o País, uma cultura física regular e metódica é necessária a cooperação de muitos milhares de professores que em Portugal não existem, nem é viável preparar em curto espaço de tempo.

A importância patriótica da organização da Mocidade Portuguesa é de molde a impor-se a todos os espíritos sensatos e presando a sua terra, e nenhum haverá, entre êles, que se negue a prestar-lhe a colaboração solicitada.

Fazemos votos para que, ante os sagrados interêsses da Raça e da Nação, cessem divergências, rivalidades, orgulhos e ambições; estabelecidos já os princípios orientadores, oxalá as pessoas encarregadas de os tornar realidade consigam agir com a independência de espírito indispensável para captar as simpatias dispersas.

■

O objectivo actual dos construtores de aviões é apenas êste: produzir máquinas de guerra que sulquem o espaço em formações cerradas

O Salão da Aviação em Paris, que constitui um dos mais importantes certames anuais da aeronáutica, abriu recentemente as suas portas patenteando na exposição dos modêlos de aparelhos voadores um claro reflexo da evolução da época.

A fazer excepção encontram-se apenas dois aparelhos comerciais de transporte, um para quarenta passageiros, outro apenas para seis. Os enormes progressos obtidos pelos construtores de barcos do ar, estão sendo explorados para efeitos militares, no anseio tresloucado de fornecer os exércitos com elementos de destruição cada vez mais poderosos. O aumento da velocidade permite hoje criar aviões de caça marchando a 450 Km. horários, aviões de reconhecimento que atingem os 400 Km. e aviões de bombardeamento ultrapassando os 350 Km.

Depois do completo fracasso da corrida aérea Paris-Saigão-Paris, cujos quatro aparelhos concorrentes haviam abandonado ou sofrido desastre antes de meia prova percorrida, a aviação francesa rejubila com a proeza dum dos seus novos pilotos, André Japy que voou da capital ao Japão em 75 horas e 44 minutos.

XI. Olympiade Berlin 1936
Oberleitung Leichtathletik (I.A.A.F.)

Zehnkampf

Name: Morris, Glenn E.
Nation: U.S.A.
Start-Nr.: 801

Lfd. Nr.	Wettbewerb	Leistung	Punkte	Platz
1	100-m-Lauf	11.1 Sek.	[illegible]	
2	Weitsprung	6.97	[illegible]	3
3	Kugelstoß	14.10 m	[illegible]	2
4	Hochsprung	1.85 m	[illegible]	2
5	400-m-Lauf	49.4 Sek.	[illegible]	6
6	110 m Hürdenlauf	14.9 Sek.	[illegible]	1
7	Diskuswurf	43.02 m	[illegible]	1
8	Stabhochsprung	3.50 m	[illegible]	1
9	Speerwurf	54.52 m	[illegible]	1
10	1500-m-Lauf	4:33.2 Min.	[illegible]	1

Berlin, den 8. August 1936

Berechnet: [illegible] Nachgeprüft: [illegible] Obmann: [illegible]

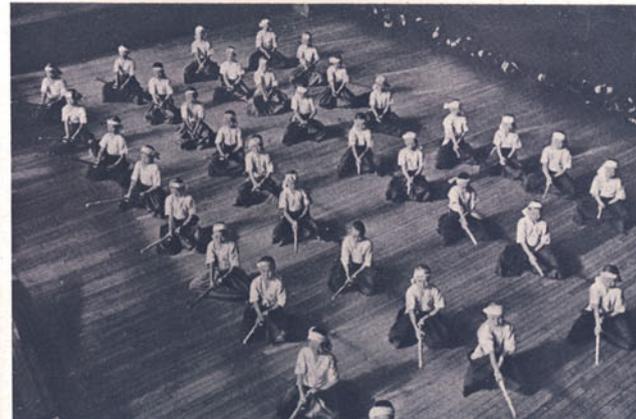
Eis um documento histórico, que consagra a proeza do maior atleta do mundo; é a fôlha onde os juizes registaram os resultados do americano Morris nas provas do Decathlon olímpico de Berlim.

Depois da passagem ao profissionalismo da célebre Sónia Henie, parece esta garota insinuamente inglêsa Cecilia Colledge a rainha das patinadoras artísticas.

Dando prova de resistência física excepcional, lutando contra condições atmosféricas desfavoráveis, o nóvel aviador, 32 anos apenas, propunha-se alcançar Tóquio em menos de três dias e meio; quando podia considerar alcançado o seu propósito, um desastre ocasional destrui-lhe o aparelho. Procurando descer no aerodromo da ilha de Kion-Sion, foi esbarrar de encontro a uma colina que o nevoeiro escondia e acabou na cama dum hospital, com as pernas partidas, a sua maravilhosa aventura.

André Japy merece ser considerado como um dos mais valorosos pilotos do seu país, arrastado por decidida vocação para os riscos do ar e dos vôos de longa distância. Filho dum dos maiores industriais da França, não quis aceitar o cómodo cargo de administrador das suas fábricas de motores, manifestando o firme desejo de aproveitar os prazeres duma liberdade aventurosa. Tirara há cinco anos a carta de piloto e logo se salientou em diversos "raids„ audaciosos, sendo detentor dos records de velocidade nas viagens Paris-Saigão em 3 dias, 14 horas e 53 minutos num aparelho de turismo de 100 cavalos de fôrça motriz, e agora de Paris a Hanoi 11.200 Km. em 2 dias e 3 horas e de França ao Japão em 75 horas e 44 minutos com um avião de desporto de 220 c. v.

Belo exemplo de energia, o dêste homem que despreza as facilidades duma vida de capitalista sedentário, para arriscar a vida ao serviço do progresso e do bom nome da sua Pátria.

Salazar Carreira.

Os japoneses, cada vez mais preocupados com os problemas desportivos e da educação física, não esquecem os ritos tradicionais promovendo com freqüência exibições de ginástica típica aos velhos samoerais.

UMA rapariga a quem os pais preparam um casamento de conveniência, reage com tôdas as veras da sua alma apaixonada por outro.

— Bem sei que o noivo é estúpido — diz-lhe a mãi — que é feio, que é uma nulidade... mas, enfim, não são motivos para o recusar... Bem vês que também casei com teu pai!

■

Um examinador, interrogando um aluno do curso comercial:

— Queira dizer-me o que vem a ser uma raiz quadrada.

— Peço licença para lembrar a V. Ex.ª — replica o aluno — que o meu exame é sôbre comércio, e não sôbre agricultura.

■

Num restaurante, o cliente que tomou lugar na mesa mais próxima do balcão, mete conversa com o dono da casa, elogiando o vinho que lhe foi servido.

Quando o cliente se retirou, o dono do

— Há já três semanas que não fumo.
— Isso é que é ter fôrça de vontade.
— Aqui a fôrça de vontade é de minha mulher. Ela é que não quere que eu fume.

restaurante, que conhece bem a peste do vinho que põe na mesa, resmunga desconfiado:

— Das duas, uma: ou é um pateta, que nada entende de vinhos, ou então é o maroto que mos fornece...

■

Uma mulher acusada de tentar envenenar o marido, comparece perante os juizes, mostrando grande serenidade. O marido, restabelecido completamente, assiste ao julgamento, ansioso pela condenação.

Em dado momento, o juiz pregunta à ré:

— Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

— Tenho, sim, senhor juiz. Requeiro a autópsia do meu marido.

■

Um rapaz tímido como uma gazela apresenta-se em casa da mãi da noiva, na disposição de formular o seu pedido.

A futura sogra tem todo o aspecto duma megera capaz de espatifar o rapaz enquanto o diabo esfrega um ôlho.

— Então o cavalheiro deseja ser meu genro, não é assim? — pregunta ela ao assustado pretendente.

— Não é isso precisamente... — gagueja êle, deitando o olhar para a porta salvadora.

— Não é isso?!... — rouqueja a fúria assanhada como um cão *bull-dog*.

— Eu explico-me, se V. Ex.ª me dá licença — titubia o rapaz cada vez mais atrapalhado — não é bem isso precisamente... Em todo o caso, já se vê que não poderei evitar ser seu genro, uma vez que tenha a honra de casar com a filha de V. Ex.ª.

■

O dono da casa a um convidado:

— Então que tal lhe parece a minha casa de jantar?

— O jantar o ha-de dizer — respondeu o convidado com a maior naturalidade.

■

Entre advogados:

— Aquele meu cliente de Évora é o tipo mais teimoso que tenho encontrado. Como aquilo nunca vi outro.

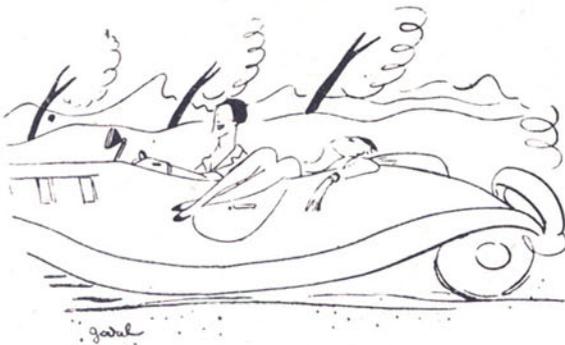
— Então que faz êle?

— Calcula que não é capaz de seguir um conselho meu, nem mesmo depois de mo pagar!

■

Duas porteiras esmiuçam, como de costume, as suas vidas e as alheias.

— E quem foi o médico que tratou o seu pobre marido?

— Não foi preciso médico. O pobrezinho morreu por si mesmo.

— Não me sinto bem, Alfredo. Abre a janela, fazes favor.

No Coliseu, um petiz para o avô que ri a bandeiras despregadas:

— Não ria dêsse modo, avô. Olhe que são capazes de imaginar que é esta a primeira vez que o trazem aos cavalinhos.

■

Num exame:

— O que vem a ser património?

— A herança que recebemos por parte do nosso pai.

— E matrimónio?

— A que recebemos por parte da nossa mãi.

■

Um indivíduo que nunca primara pelo aceio, decidiu-se a tomar um banho. Nessa intenção dirigiu-se a um estabelecimento que lhe indicaram e preguntou:

— Quanto custa um banho?

— Cinco escudos.

— Não faz abatimento?

— Para um banho só, não, senhor. Mas

— Chegamos! O símbolo da Liberdade espera-nos!
— Não a mim. Tenho minha mulher à espera no cais.

se tomar uma assinatura para doze banhos, posso fazer-lhe 20 por cento.

— Doze banhos?! E como é que o senhor sabe que eu posso viver ainda doze anos?

■

— Bons dias, Artur. Então como passas? E tua mulher?

— Eu bem, como vês. Minha mulher é que está passando muito e não vejo jeito de melhorar.

— Mas o que tem ela? Nevralgias?

— Não. Diz que precisa absolutamente dum vestido novo.

■

A senhora para a criada:

— O seu namorado esteve ontem á noite, outra vez, consigo na cozinha, até ás 10 horas da noite. Isto assim não pode continuar.

— Eu jà me lembrei duma solução — alvitra a criada — talvez se pudesse jantar um bocadinho mais cedo.

O NATAL DE JESUS

Mais um Natal se aproxima e mais uma vez a humanidade festeja o nascimento, há 19 séculos, de Jesus Cristo em Belem.

Crentes e ateus todos os festejam. Uns vendo nesta data bendita a nascença do Filho de Deus, que se fez homem para salvar os homens, que nasceu numa gruta, numa manjedoura de animais, sôbre humildes palhas, na condição de homem tão humilhante para Deus, para nos ensinar a viver, a sofrer, a morrer. Para nos ensinar a amar-nos com caridade e a amar e servir a Deus.

Outros vendo apenas a data que dêsde crianças estão habituados a festejar, divertindo-se, na inconsciencia da sua ignorancia ou no ódio da sua perseguição, mas quere num ou noutro caso prestando lhe apesar de tudo, o culto da tradição, tão arreigado no espírito dos habitantes da Europa e até do mundo.

Mesmo aqueles que o não amam prestam a Jesus Cristo, o Galileu, nascido em Belém, o preito da sua homenagem, festejando segundo as normas da sua vida e data do seu nascimento.

E hoje mais do que nunca devemos festejar o Natal de Jesus, que é sinónimo do Natal da Bondade, da Caridade, do Amor, que veio inundar o mundo com o seu facho de luz sobrenatural. Hoje que nós vemos e bem perto de nós, o que são os homens que não crêem em Deus, quantos louvores não devemos a quem trouxe à terra o bem!

Agora mais do que nunca nos devemos refugiar no amor de Deus e compreender quanto é grande a maldade humana, quando lhe falta a centelha divina do amor de Deus, da Fé redentora.

Os homens que negam Deus, que o não amam mostram-se horrendos na visinha Espanha. Incendeiam egrejas, praticam desacatos. Matam torturando os homens, violam e desgraçam mulheres que depois matam. Massacram crianças. Nada respeitam e nada amam. Dizem que querem fazer a felicidade dos proletarios, mas quando apanham o mando são verdadeiros tiranos.

A par disto nós mesmos os cristãos, os católicos, êsses padres que odeiam e querem desacreditar perante a humanidade, fazem missionarios, partem para os climas mais inhospitos e para quê? Para salvar as almas dos indigenas, que são nossos irmãos e a quem êles querem levar o conhecimento da religião, para que êles possam ser cristãos e filhos de Deus, gozar da felicidade eterna.

Vemos as irmãs de caridade, as freiras, aquelas que vivem para o amor de Deus e do próximo tratar os doentes, as mais repugnantes e contagiosas doenças, sem inquirir quais os sentimentos religiosos daqueles por quem se sacrificam. Não sabem se êles as odeiam, elas amam-nos, porque são seus irmãos, como Jesus o doce Jesus lhes ensinou, que o fizessem. Amam-nos por caridade cristã com ternura e afecto.

O amor a caridade, o perdão das ofensas e por fim o perdão dos pecados e a vida eterna, foi o que Jesus ao nascer nas tôscas palhas da gruta de Belem numa fria noite de Dezembro, veio trazer aos homens, que viviam na ignorancia das virtudes divinas.

O tumulo estava debaixo da dominação romana. Cruel e pesada, a caridade era completamente desconhecida daqueles que governavam, o amor e o respeito eram desconhecidos aos que eram governados. Ao desprezo e à indiferença dos de cima correspondiam com o ódio e a traição.

A crueldade expandia-se ás claras; como distração os jogos mais brutais, os combates ferozes, num desprezo absoluto da vida humana que nenhum valor tinha, eram a distração dos povos.

O luxo dos de cima era feito da tortura dos de baixo. Os senhores tinham direito de vida ou de morte sôbre os escravos.

O escravo não era gente, era uma arma para engrandecer o senhor, era um animal que não contava e pelo qual ninguem se interessava.

O homem era mais forte, quanto mais cruel se mostrava, se era justo era inflexivel, o bem não existia. Um escravo que adoecia, que se aleijava, deixava-se morrer. Era um ente inutil, que já nada produzia e que não valia o menor gesto de interêsse.

Numa fria noite de Dezembro, numa gruta da Palestina à meia noite, nasceu uma criança. Filho duma virgem e de Deus. Trazia nas suas suas pequeninas mãos a redenção do mundo, e, a felicidade dos homens.

A resignação e a conformação ao sofrimento, condição da humanidade a que ninguêm póde fugir.

A Virgem e o Menino — Quadro de Baldovinetti

Essa criança que os profetas anunciaram, o Messias esperado, trazia ao mundo as mais lindas idéas, que iluminam desde então o mundo como cintilantes estrelas de singular beleza.

Jesus trouxe ao mundo a Bondade, a Caridade. Instituiu a lei do Amor, a lei da Caridade. «Amai-vos uns aos outros como a nós mesmos».

Que linda lei esta, que abolindo escravos e senhores, tornou a humanidade melhor e consciente.

Com Jesus nasceu o cristianismo. Os senhores deixaram de ser tiranos, os escravos não fôram mais inimigos, os homens eram todos irmãos.

Não há maior beleza do que esta.

A fraternidade por amor de Deus. Os homens filhos do mesmo Pae, irmãos pela ternura e pela caridade.

E' esta a verdadeira igualdade, aquela que nenhuma outra poderá modificar. A igualdade não dos bens, porque essa é impossível, mas sim das almas. Nós vemos os filhos dos mesmos paes, que nunca têem os mesmos bens. Se não os bens de fortuna, pelo menos os outros bens, que fazem a felicidade da humanidade. A saude, a inteligência, a alegria e a bondade.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, os convertidos de ha pouco, observantes como nunca outros houve das leis de Deus, tinham a máxima caridade uns para os outros. Essa caridade que nasceu com Jesus e que é necessaria a todos os homens essa linda caridade, que não é só dar esmolas aos pobres.

Pobres, remediados, ricos, todos precisamos da caridade do próximo, todos precisamos uns dos outros. E' uma lágrima, que acompanha a nossa dor, uma alegria, que se una aquela que sentimos, um tratamento que nos minore uma dôr física, tudo isso é caridade tudo isso é amor de Deus.

Esses pequenos actos de piedade, que até os pobres podem ter com os ricos é a fraternidade humana, que nasceu ha desanove séculos com o Natal de Jesus.

Nunca poderão ser sinceras as teorias de fraternidade, que se querem impôr pela violência e pela brutalidade. Não é assassinando, torturando, destruindo que se mostra amor e a fraternidade tem de ser amor.

Esse amor que nos trouxe a creança Deus, êsse amor feito de perdão e de indulgência, tanto mais para admirar, que veio com Aquele que logo á nascença foi perseguido pelo odio; que inspirou a Herodes, a matança dos inocentes, esse Amor de essência Divina, que tudo santifica e purifica. Para que procuram os homens outros ideais de beleza e de elevação moral, de Caridade e de Fraternidade?

Porque estes não são bons? Não; é porque o espírito do mal, que hoje sopra do Oriente, como do Oriente nos veio o bem, quer destruir o bem que ha e em vez de o tornar mais extensivo a todos, quer esmaga-lo.

E a culpa não é só daqueles que possuidos do espírito do mal em nada creêm, é tambem dos que se dizem cristãos e esquecem a lei de Cristo. E' de aqueles que dizem amar a Jesus e não querem compreender o que Ele veio trazer ao mundo, é daqueles que esquecem que a Caridade é uma lei Divina e que não basta atirar com uma esmola a um pobre, é preciso dar-lha com amor com ternura, com espírito cristão.

E a esmola não é só de bem materiais é também a de ensinar aos ignorantes a palavra de Christo, os seus ensinamentos. E todos temos de o glorificar exercendo com amor esse apostolado do bem, que é feito do amor ao próximo.

E todos devemos em união festejar o Natal de Jesus, o maior acontecimento do Mundo, e por qualquer forma o reverenciar. Já que não podemos como esses pintores primitivos e da Renascença, como Baldovinetti, de cujo belo quadro fazemos em gravura uma reprodução; homenagear o Natal de Jesus representando-o e a Sua Santíssima Mãe com ingénuo espírito cristão, dediquemo-nos nesta época a fazer o bem, a melhor homenagem Aquele que veio á terra, trazê lo aos homens.

Que o bem seja feito em reparação do mal, que ao ódio e ao exterminio se corresponda com a Caridade e o bem e que o Natal de Jesus seja o Natal da Caridade, da Bondade.

Acabemos com o ódio que aterrorisa e não prende e tenhamos uns aos outros o amor que enleia e eleva almas e corações.

Foi Jesus que nos deixou a máxima sublime do: «Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei!» No seu cumprimento integral estaria solucionado o terrível problema que aflige a humanidade desde que o mundo é mundo.

Adentro do principio cristão, seguindo o que o Evangelho nos ensina, devemos tornar-nos dignos, tanto quanto possível, do Redentor que se deixou sacrificar para nos dar o exemplo.

Ponhamos de parte os ódios mesquinhos, e, se não podemos ser tão perfeitos como anjos, atendendo à nossa mísera condição humana, façamos o que estiver ao nosso alcance para nos aproximarmos da Imitação de Cristo.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

ESTAMOS na época do ano em que mais se apertam os laços de família, em que mais os corações se unem na terna amisade daqueles que sentem nas veias o mesmo sangue a uni-los e os mesmos interesses a liga-los.

A festa da família, é a festa do ano que mais simpática se torna a todos é a festa do Natal, que é a festa das crianças, que como jóias adornam as famílias com a sua alegria exuberante e com a sua vida que começa.

A família é a mais sagrada e a mais santa instituição da vida humana. Abençoada por Deus a união de dois entes; é a fundação da família, que se forma para na agremiação humana constituir a sociedade.

A festa da família é aquela que aperta os laços que a unem em convivência afectuosa, reünem-se as famílias e todos se presenteiam com pequenas lembrancas, insignificantes muitas vezes, mas que muito valem pelo que significam de amor e de ternura entre as pessôas duma família, que enternecidamente se estimam.

Este ano mais do que nunca se devem as famílias reunir, para celebrar o Natal, essa linda festa tão grata aos corações dos cristãos, e daqueles que defendem a tradição tão interessante na humanidade, porque a tradição liga sempre a vida dos países através dos séculos.

Mais do que nunca a afeição mútua se deve fazer sentir nessas reuniões tão agradáveis como simpáticas como é natural acontecer áqueles que um perigo ameaça.

As ideias bolchevistas e comunistas com que os sovietes russos tentam, gastando rios de dinheiro numa maléfica propaganda, submergir a família, no seu ódio a tudo o que há de são e e de bom na sociedade, é o perigo que ameaça o mundo.

A família é em especial o alvo dos ódios dessas hordas infames, que a querem destruir espezinhando a honra das mulheres, desunindo as crianças daqueles que são o seu natural amparo e fazendo ruir todos os belos sentimentos, que elevam a sociedade humana acima dos animais irracionais.

A família perseguida pelo ódio comunista, tem de se defender, na união cada vez mais profunda daqueles que a compõem, a união da família é a barreira para entrabalançar e não deixar germinar e produzir a sementeira de ideias nocivas e destruidoras, que os propagandistas a soldo dos sovietes espalham pelo mundo inteiro.

E uma das maneiras de obstar a que se desenvolvam essas teorias nefastas é voltarmos aos antigos costumes nacionais e familiares, festejando o Natal como antigamente se festejava na união familiar de sagrados afectos.

Acabemos com êsses costumes dissolventes de festejar o Natal por hoteis e «cabarets», que nos dão a impressão que o lar familiar é uma coisa que já não existe.

A verdadeira festa do Natal é aquela que reune uma numerosa família em volta da mesa coberta por fina toalho de linho, herdada de seus maiores, e, que tem visto reunidas em festas idênticas, gerações sucessivas da mesma família.

E o apetite com que se come o gordo perú recheiado e se fazem saudes alegres, entre aqueles que verdadeiramente se estimam, tendo por música as gargalhadas das crianças.

Não é ceia interrompida pela dança ao som arrepiante de desafinados «jazz-bands», que crispam os nervos delicados. Esses hábitos que pouco a pouco se infiltraram na vida moderna, docemente e a pouco e pouco têm sido a causa dessa dissolução das famílias, dêsse anarquismo do sentimento, que tão bem prepara o terreno às sangrentas reevindicações, daqueles que não hesitam em destruir um país inteiro pelo fogo, afogando-o em sangue e lama infecta.

Que a festa da família volte a ser entre nós o que era e que na província conservadora continua a ser, a reunião daqueles que se estimam e que vivem na união dos laços de parentesco e que comemoram com alegria simples a vinda ao mundo do Salvador dos homens, que lhes veio trazer as mais belas leis de fraternidade e união fazendo desabrochar a deslumbrante flor da caridade, até aí desconhecida, e que nesta festa tão bela nos deve estar sempre presente, fazendo com que não esqueçamos os desprotegidos da sorte.

Maria de Eça.

A moda

ESTAMOS na época das festas. O Natal o dia de Ano Bom, oferecem-nos ensejo para mostrar as lindas «toilettes» de inverno, quer nas festas particulares e de família, quer nos «reveillons» e ceias dos restaurantes elegantes, dos casinos e de outros pontos de reünião

E' a época de começar a freqüentar chás e diversões. Depois da chegada a azafama de modistas, chapeleiros, sapateiros e agora é a ocasião de mais socegadamente escolher uma «toilette» para uma festa, em que se deseje brilhar, para um chá em que a vaidade tão natural na mulher, que deseja agradar e impor a sua elegância, lhe sugira a ideia de se mostrar em todo o seu encanto de mulher «chic».

E' também a época em que se fazem muitos casamentos e as noivas esperam anciosas o modêlo que as tornará mais belas nesse dia em que, mais que nunca, desejam agradar.

O cortejo de casamento é também ocasião para «toilettes» e desfile de elegâncias.

Como modêlo de vestido de noiva damos a interessantíssima «toilette» usada pela simpática «estrêla» do cinema Maureen O' Sullivan a mais recente noiva do cinema que contraiu matrimónio com John Villiers Farrow.

No clássico setim branco o vestido da encantadora artista da Metro-Goldwyn-Mayer, mantem-se na sua correção, nos limites do clássico vestido de noiva, o que só prova o seu bom gôsto. O ramo que leva guarnecido, por fitas de setim branco, é lindíssimo e com a sua frescura e arte, faz realçar a beleza da artista e a sua resplandecente mocidade.

Para vestido de tarde temos um lindo «deux piéces» em pano setim verde amêndoa do mais elegante e lindo corte.

De feitio princesa a parte superior do corpo é em setim do mesmo tom, marca o decote um lindo «clip» em metal doirado. O casaco curto tem a moderna forma da aba a «godets» e a gola que o enfeita é em «caracul» verdadeiro. O casaco é forrado do mesmo setim que forma a parte superior do corpo do vestido. E' um conjunto da maior elegância e que realça a beleza de Una Merkel a galante «estrêla» da Metro-Goldwyn-Mayer.

Como casaco de abafo, um dos mais recentes modêlos da Casa Patou. Em pano preto do melhor, ajustado ao corpo que modela com a maior elegância, o seu corte «à godets» dá-lhe em baixo bastante roda, que larga tira de raposa preta sublinha, subindo na frente rodeando o pescoço, como a mais bela gola.

E' um gracioso modêlo, que é completado pelo pequeno chapéu em fêltro, de forma original e que é guarnecido por um penacho de penas de galo que faz lembrar as que usam os «bersaglieri» soldados italianos. «toilette chic» e do melhor gôsto.

Como abafo para a noite, uma linda capa em raposa branca. Forrada de setim branco é do melhor gôsto e dum luxo que nem tôdas podem atingir, porque é caríssima a raposa branca.

Como guarnição de vestidos de noite, veem-se muito êste ano as plumas. A nossa gravura mostra como a linda e elegantíssima marquesa de Dufferin and Ava, guarnece uma das suas «toilettes» que muito faz realçar a sua delicada beleza de loira.

E' para notar a elegância com que usa as suas pulseiras de brilhantes. A marquesa é célebre na sociedade inglesa pela beleza e quantidade das suas jóias e pela arte com que as escolhe «assorties» ao vestido.

Escola de pais

UMA das mais uteis e interessantes associações é a de escola de pais. Madame Cerine, a sua presidente, diz-nos o que ela é:

«A profissão de educador, não requer só ternura, mas também a arte de observar e compreender os pequeninos. Intuïção de higiénistas e de psicólogos, sem sentido nato ou adquirido da sugestão e da autoridade.

A escola de pais, é composta de pais e de mães conscientes das suas responsabilidades familiares, sociais e nacionais, decididas a usar e a propagar os métodos, que a experiência demonstra mais eficazes, para amar a juventude em vista do futuro. A ciência da moral e da autoridade são as mais importantes de tôdas. Delas dependem a grandeza e a vitalidade dos povos.

A criança nasce boa, mas com tendências para o mal e eis porque é preciso preparar e conduzir a criança com tôda a doçura e alegria para o esfôrço da vida e para a luta que é uma verdadeira lei vital.»

As teorias de madame Cerine que na prática têm dado o melhor resultado, inspiram-se nos célebres métodos de educação desde o de Jean Jacques Rousseem e Froebel até ao de Maria Montessori e de M.elle Mulot a fundadora do sistema francês educativo.

Esta escola pertence a todos os pais franceses. E' uma cooperativa de ideias e de boa vontade. E' para tôdas as fés, está acima de todos os partidos, querendo realizar a união sagrada em volta da família.

Era muito interessante que se fizesse em Portugal uma obra semelhante, porque entre nós a educação da criança resente-se muito do excesso de ternura dos pais, que se ocupam mais em amar os filhos e estraga-los com mimo, do que propriamente de as educar.

E aproveitando o esplêndido método João de Deus, que linda obra nacional, não seria essa escola de pais, que saberiam educar filhos bem portugueses e úteis cidadãos.

As mulheres no romantismo

AS mulheres do romantismo sofreram aos grandes homens da época muitas traições e egoismos. Os poetas que escreviam chorando eram tão egoistas como os desportivos de hoje.

Chateaubriand, Alfred de Viguy, Alfred de Musset, nas páginas em que desafogavam a alma falavam de amor eterno, derramavam lágrimas sôbre o sentimento, o que os não impedia de serem egoistas na vida prática.

Chateaubriand aproveitou para o seu «Génio do Cristianismo» a documentação trabalhosamente aumentada em Roma por M.me de Beaumont, que quando morreu já não tinha ilusões sôbre o seu apaixonado.

Alfred de Viguy dedicou todo um poema a Delfina Gay, o que o não impediu de casar com uma ingleza rica, para satisfazer a sua mãi e o seu egoismo. Alfred de Musset foi o mais infiel possível a George Sand e fez um barulho terrível, quando descobriu que ela o atraiçoara com um médico italiano.

Marceline Desbordes Valmore expande em verso a dôr da traição do seu poeta.

Só M.me de Stael escapou a essas torturas, porque o seu cérebro de homem dava-lhe um senso lógico, que a defendia. Os romanticos como os positivistas tinham qualidades e defeitos inerentes à humanidade.

Higiene e beleza

Manchas vermelhas: — As manchas vermelhas na pele são muito freqüentes nas mulheres louras, devem-se a um desarranjo da pigmentação, acentuado pelo ar quente e os raios solares.

Há quêm trate de as combater com as loções de lirios tão preconisadas como inuteis. Os únicos produtos que dão resultado são os ácidos, medicamentos irritantes que renovam a epiderme.

Uma loção que as peles delicadas toleram a seguinte: Clorato de soda, três gramas, borato de soda, 2 gramas, glicerina, 30 gramas, água de rosas, 170 gramas, alcool 10 gramas, essência de rosas 10 gramas.

Para as peles que suportam coisas mais fortes póde empregar-se esta outra receita: Sublimado 0,30, salol 0,10, essência de gerânio 10 gotas, alcool a 90°, 10 gramas, água de rosas, 100 gramas.

Se qualquer destas receitas não dá resultado, não há meio senão recorrer à electricidade. Este tratamento é radical e dá sempre resultado, o único defeito é ser caro. Mas, para ser bonita gasta-se dinheiro e sofre-se tudo.

Receitas de cozinha

Pudim de arroz com rim: — Coze-se primeiro o arroz em água e sal e uma cebola pequena na qual se espetam cravos de cabecinha. Quando estiver quási cosido e enxuto, acabe-se de coser com um pouco de leite e deita-se-lhe manteiga bastante, para a temperar.

Corta-se o rim ás rodas, depois de lavado e tirado o véu que lhe póde dar mau sabor. Salteia-se rápidamente em manteiga, tendo-o prèviamente passado por farinha de trigo.

Quando está quási pronto, deita-se um copinho de vinho Madeira, sal, pimenta, salsa picada e tapa-se a frigideira, para ferver um pouco.

Desenforma-se o arroz, pondo o pudim numa travessa ou prato redondo. Deita-se o rim no buraco do pudim, pois a forma deve ser das de buraco.

Em volta do pudim e por cima deita-se o môlho grosso.

Pode fazer-se êste prato substituindo o rim por crème de camarão.

Sonhos de camarão: Tomam-se cêrca de seiscentos gramas de farinha e põe-se em suspensão em seis decilitros de água; deitando a farinha a pouco e pouco, tempera se com sal e leva-se ao lume a coser numa caçarola.

Depois de cozida tira-se o caldo ou massa do do lume e deixa-se arrefecer. Estando fria, junta se-lhe um bocado de manteiga, uns trinta gramas, pimenta, salsa picada, sal e uma porção de camarão reduzido a polme.

Mistura-se tudo muito bem, em seguida vão-se deitando na massa ovos, um a um, uns cinco ou seis, e, batendo-a bem, não a deixando ficar rala.

Põe-se ao lume noutra caçarola azeite bom, e, quando êle ferve rdeitam-se-lhe dentro com uma colher, pedaços da massa, que devem enfolar ao cair no azeite, conservando-se dentro dêle até que estejam bem loiros, formando os sonhos.

Pode usar-se o mesmo processo para peixe cozido em vez de camarão, e assim aproveitar algum peixe que tenha ficado.

De mulher para mulher

Alda. — É um costume encantador êsse de dar uma pequena lembrança pelo Natal aos que nos são queridos.

É uma gentileza que é sempre muito apreciada. A seu marido ofereça-lhe um livro visto dizer-me que é o que êle verdadeiramente gosta. A sua filhinha um brinquedo é o que as crianças mais apreciam. Isto de dar coisas uteis é muito prático, mas nem sempre causa prazer.

Julieta. — É segundo o sitio e os costumes. No Norte uza-se cear antes da missa do galo. Em geral à hora a que agora jantamos e por êsse motivo a ceia é de peixe, visto a vespera de Natal ser dia de abstinencia, mas para o Sul aqui em Lisboa ceia se no fim da missa e portanto é já dia de Natal e festa, póde comer-se de tudo.

Curiosa. — É segundo o género de «Rèveillon» a que vai assistir. Se é em família com uma simples e elegante «toilette» estará muito bem. Se é uma dessas ceias em Casinos ou hoteis é em vestido de baile que se deve apresentar.

Alice: O veludo preto é sempre elegante e usa-se sempre. Faça o vestido de saia e casaco com uma blusa em «lamé» de prata ou em renda branca ou crua. Fica uma linda «toilette» para casamento e que depois poderá usar como «toilette» de cerimónia em chás e festas

Belita: Dedique-se às linguas e aproveite esse predisposição, nada há mais prático. Leia muito, nada melhor para instruir. Aconselho-lhe os livros de Antero de Figueiredo, espírito gentilíssimo, que cultiva a Arte com carinho e que pelo que vejo da sua carta ha de compreender e apreciar. Não faça o que me diz no fim da carta, arrepender-se-ia sempre.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«Chá Mah-jong»

Com uma enorme e selecta concorrência realizou-se na tarde do dia 3 do corrente nos magníficos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção desta elegante agremiação, a primeira festa de caridade dêste inverno, que constou de «Chá Mah-jong», havendo também mesas de «Bridge» e «Bluff», cujo produto se destinava a favor da Obra de Auxílio a Pobres Doentes e foi levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Berta Ortigão Ramos, D. Carmen Burnay de Vilhena, Condessa da Ponte, D. Gabriela Anjos de Vilhena, D. Isabel Brazão de Somer, D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Júlia Cardoso Castilho Santos Silva, D. Luísa Ulrich Pinto Basto, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria Burnay de Lancastre, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Emília de Bivar, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Pilar Soto Maior Pinto Basto e Viscondessa de Almeida Garrett.

O aspecto dos vastos salões do Club Tauromáquico, nessa tarde era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade que ali deram ponto de reunião.

Essa data é sem dúvida alguma feliz por que já o ano passado nesse mesmo dia se efectuou nesses mesmos salões uma festa idêntica, que também foi concorridíssima, devendo portanto a comissão organizadora ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Casamentos

Celebrou-se na paroquial de Santa Catarina, o casamento da sr.ª D. Ermelinda Ornelas Gomes, gentil filha da sr.ª D. Ermelinda Natália Ornelas Gomes e do sr. Francisco Paulo Gomes, já falecidos, com o sr. Abtínio Capelo de Carvalho Boavida, agente técnico de engenharia no Districto de Viana do Castelo, filho da sr.ª D. Ana Luísa Capelo de Carvalho Boavida e do sr. António Marques Boavida, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Gabriela Jervis Pereira e D. Carmo Capelo de Carvalho Boavida Lopes, irmã do noivo e de padrinhos os srs. António Jervis Pereira e dr. Guilherme Antunes Lopes, cunhado do noivo, presidindo ao acto o prior da freguesia, reverendo Bento Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do irmão da noiva, empregado superior da Companhia de Seguros Nacional, sr. Fernando Ornelas Gomes, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Viana do Castelo, onde foram fixar residência.

— Pela sr.ª D. Maria das Dores Melo da Silva Lelo, viuva do sr. José Pinto de Sousa Lelo, e por seu filho José, foi pedida em casamento para seu filho e irmão Edgar, a sr.ª D. Carolina Maria de Azevedo Mendes Pereira Campos, interessante filha da sr.ª D. Izolina Mendes Pereira Campos e do sr. Ezequiel de Campos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo mês de Janeiro.

— Em Estarreja, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Natália Marques Figueira, com o sr. Vasco Rodrigues Pais, chefe da Agência da Caixa Geral dos Depósitos, em Estarreja, servindo de madrinhas as sr.as D. Alzira da Costa Pais e D. Miquelina da Costa Pais, tias do noivo, e de padrinhos os srs. Manuel Marques Figueira, pai da noiva e dr. António da Costa Pais, tio do noivo.

Terminada a cerimónia, os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas partiram para a capital, onde vieram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Adelaide de Meireles Teixeira Coelho, para seu sobrinho o sr. dr. Alberto Ribeiro de Meireles, filho da sr.ª D. Maria Isabel Alvares Ribeiro de Meireles, já falecida e do sr. António Maria de Meireles, a sr.ª D. Maria Tereza de Meneses Pita e Castro Vieira Peixoto de Vilas Boas (Guilhomil), gentil filha dos srs. viscondes de Guilhomil, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na igreja de S. José, em Coimbra, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Alice Manuela Barbosa Leitão, interessante filha da sr.ª D. Alice Barbosa Leitão e do distinto advogado sr. dr. António Leitão, com o sr. dr. João Correia Vilares, filho da sr.ª D. Sofia de Vale Correia Vilares, já falecida e do sr. João Vilares, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Arminda da Vale Correia Vilares, e de padrinhos os pais dos noivos.

Casamento da sr.ª D. Ermelinda Ornelas Gomes, com o sr. Abtínio Capelo de Carvalho Boavida, celebrado na paroquial de Santa Catarina. Os noivos com os caudatários

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Para seu filho e enteado sr. dr. Eduardo de Brito e Cunha, foi pedida em casamento, pela sr.ª D. Eliza da Rocha Leão de Freitas, esposa do sr. António Domingues de Freitas, a sr.ª D. Maria Izabel Vilardebó Chaves, gentil filha da sr.ª D. Maria Inácia Braamcamp de Matos Vilardebó Chaves e do distinto engenheiro sr. Henrique Chaves, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

Nascimentos

Na praia da Granja, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria do Carmo Rebelo Valente Olazabal, esposa do sr. D. Jaime de Olazabal y Mendoça. Mãi e filha estão bem de saúde.

— A sr.ª D. Lídia da Conceição Paiva Simões, esposa do sr. Lino Simões, teve o seu bom sucesso, em Famalicão. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Luiza de Barros Vidal, esposa do sr. dr. Carlos Vidal. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Ivone Carvalho Santorum, esposa do sr. Rafael Santorum Júnior, teve o seu bom sucesso, tendo sido assistida pelo distincto cirurgião sr. dr. Joaquim Shearman de Macedo, interno da Maternidade Alfredo Costa, coadjuvado pela diplomada sr.ª D. Carmen Ferreira. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Genoveva Feio de Azevedo de Almeida d'Eça, esposa do sr. dr. Luiz de Moura Coutinho de Almeida d'Eça. Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— Na sua casa da Foz do Douro, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Sofia da Mota Marques de Sousa Pinto, esposa do segundo tenente da armada sr. Basílio de Sousa Pinto. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Inês Maria de Carvalho Pereira Cabral Viterbo Ferreira, esposa do sr. Jorge Viterbo Ferreira, teve, na praia da Granja, o seu bom sucesso. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— Num quarto particular da Maternidade Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Ernestina Miniz da Silva Botinos, esposa do distincto advogado sr. dr. João Botinos, sendo assistida pelo ilustre professor sr. dr. Costa Sacadura. Mãi e filha encontram se felizmente de saúde.

Baptisados

Em Cascais, celebrou-se na egreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, o baptisado da menina Luiza Maria, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Olímpia de Barros e Vasconcelos de Araujo Miranda e do sr. D. Eduardo de Castro e Távora de Araujo Miranda, tendo servido de madrinha sua tia a sr.ª D. Maria Carolina de Barros e Vasconcelos de Araujo Miranda e de padrinho o sr. João Formosinho Sanches Simões, presidindo ao acto o prior de Turcifal, reverendo Joaquim Lopes Seisal.

— No Porto, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora da Conceição, o baptisado do filhinho da sr.ª D. Ana dos Santos Gomes e do sr. Cândido Augusto Gomes, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Alexandrina Marques Pinto e de padrinho o sr. Alípio Teixeira Pinto.

— Celebrou-se na capela da Casa de Portas, o baptisado do menino Manuel Henrique, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Helena da Costa Soares Vilas Bôas e do sr. Abílio Cabral Peixoto de Vilas Bôas, servindo de madrinha sua tia a sr.ª D. Noémia Lídia da Costa Soares e de padrinho seu primo o sr. João Rodrigues da Costa (Aldão), presidindo ao acto o reverendo abade de Vila Fria.

— Em S. João de Lobrigos, celebrou-se o baptisado da menina Maria Luciana interessante filhinha da sr.ª D. Lúcia Leopoldina de Sousa Ferreira e do sr. Cândido de Sousa Ferreira, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Olívia Gonçalves Vaz de Carvalho e de padrinho o sr. Gil Alberto Vaz de Carvalho.

— Celebrou-se em Afife, na capela da Casa de Cabanas, o baptisado do gentil filhinho da sr.ª D. Maria Helena de Pamplona Homem de Melo, e do sr. dr. Pedro da Cunha Pimentel Homem de Melo, servindo de madrinha a avó paterna sr.ª D. Maria de Pilar da Cunha Pimentel Homem de Melo e de padrinho o avô materno sr. José Rangel Pamplona.

— Na capela da Quinta das Sete Fontes, celebrou-se o baptisado da menina Maria José, interessante filhinha dos srs. Viscondes de Fijô, tendo servido de padrinhos seus avós, os srs. Condes de Fijô, presidindo ao acto Sua Reverendíssima o sr. Bispo Conde D. António Antunes, que foi acolitado pelo reverendo Estrêla Ferraz, prior de Santo António dos Olivais.

D. Nuno.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 72

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; e Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha.

IMPRENSA

Publicações recebidas

Deca – do Rio de Janeiro. – Por intermédio da *Tertúlia Edípica* recebemos o n.º 13 desta revista litero-pansofista, órgão e propriedade do *Deca*, sociedade de propaganda e cultura charadística brasileira.

Do sumário desta interessante e bem elaborada publicação de confrades de além-mar consta: Secção literária; Pensamentos; Boato Falso; Secção de Palavras Cruzadas; Secção Charadística; Logogrifo a prémio; Honra ao Mérito; (secção-extra, de homenagem aos fortes); Noções sôbre charadismo; Xadrez e Salto de Cavalo.

O Charadista – de Lisboa. – Foi dado à estampa o n.º 68 desta esplêndida revista charadística, a mais antiga do género em Portugal, órgão e propriedade da *Tertúlia Edípica*, sociedade charadística para a difusão e propaganda da Arte.

Sumário:

Pelo Charadismo: O 1.º Congresso Português; Resultados de 1935; Carta de Lisboa, de *Jofralo;* Breves noções de poética, secção a cargo de *Ordisi;* Secção Charadística; Album de *O Charadista;* Notícias várias; Palavras Cruzadas, enigmáticas e Xadrez.

Agradecemos.

APURAMENTOS

N.º 63

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILVA LIMA
N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 1, Mad Ira

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 13 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, Rei Mora, Ti-Beado, X 505.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 10. — Salustiano, 10 — Rei Luso, 10. — Só-Na-Fer, 10. — Só Lemos, 10. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 10. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 9. — Lamas & Silva, 8. — Salustiano, 8.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 6. – D. Dina, 5. – Lisbon Syl, 5. – Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Fasto-tosa-fastosa. 2 — Ora-ração-oração. 3 — Ducado-imperial. 4 — Coitada. 5 — Veleiro-vero. 6 — Farelo-falo. 7 — Cifa (C (100) I (um) fá). 8 — *Atrofia*. 9 — Abra-braço-abraco. 10 — *Artemágico*. 11 — Largada. 12 — Càveira-cara. 13 — Lôbo não mata lôbo.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) O *demónio* do homem *brinca* sempre na *paragem* do eléctrico... (2-2) 3.

Lisboa — *Laura Ensa*

2) Aquele que *fala entre dentes* tem por *fim* conseguir algum *descrédito* para os outros. (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) *Persisto* em que uma pessoa *débil* não deve comer *galinha da Índia*. 2-2.

Lisboa — *S. Irene*

4) Eram dois *porcos* ou um *porco* que descia a *ladeira?* 2-1.

Lisboa — *Sepol*

5) Quem apanha uma *pilota* fica sempre com *pena* de ser *castigado*. 2-1.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

6) A *arte de nadar* é muito cultivada na nossa *pátria*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

7) És por mim tão *ternamente amado*, que — quando longe — meu coração não está *tranqüilo*. 3-2.

Lisboa — *Yzinha*

8) Uma *mulher feia* não é digna de *alimentação*. 3-2.

Lisboa — *Zé da Barra*

TRABALHOS EM VERSO

MEFISTOFÉLICA

9)
Temo as noites de invernia,
De tão *tenebroso* manto,
Em que a Lua branca e fria
Morre e perde o seu encanto!

Tremo quando principia
Horroroso *trovejar*...
Se é noite desejo o dia,
Se é dia fico a rezar.

Se de *trovejar* não cessa
E principia a chover,
Eu então perco a cabeça
E só desejo morrer! — (2-2) 3

Lisboa — *X 505*

NOVÍSSIMAS

10)
O Zèquinhas Malaquias,
Um cábula e mandrião,
Causa zangas e arrelias
Ao professor na lição.

«Ora diga, meu rapaz,
Mas pense nisso primeiro,
Como se chama quem faz
Cestos?» — Chama-se cesteiro!

«*Por* resposta tão bem dada — 1
Nesta lição, sem favor,
Vou dar-lhe nota elevada
Lindo rapaz, sim *senhor!*» — 1

«Veja agora se me explica,
Responda, porém, certeiro,
O nome de quem fabrica
Cordas?» — Deve ser *cordeiro!*

Lisboa — *Dama Negra*

SINCOPADAS

11)
És ingrata e fementida!
Tantas juras me fazias!
«Que era a luz da tua vida»...
Quando, afinal, só mentias!

Êsse nobre sentimento,
Que te atreveste a matar
Com a dor e o desalento,
Não soubeste apreciar!

Coração de pedra dura,
Olha o meu sonho onde vai!
Balão que vive na altura,
Mas que morre quando cai!

Tanta *generosidade*
Que dizias possuir!
Mas generosa, em verdade,
Tu só eras no mentir!

Simples alma assim ferida,
Não mais crê na boa sorte...
Há sómente um bem na vida:
Êsse bem chama-se MORTE! — 3-2.

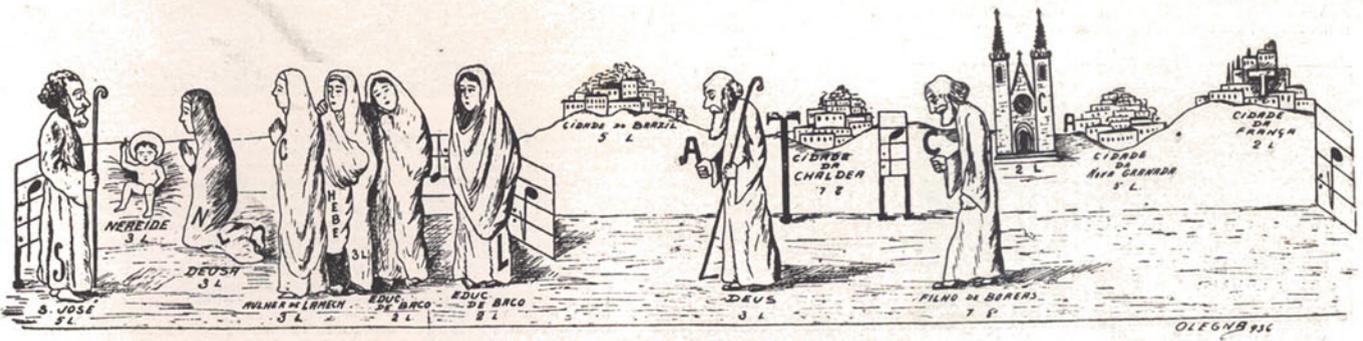
Lisboa — *Calaveras*

TRABALHOS DESENHADOS

12) ENIGMA FIGURADO

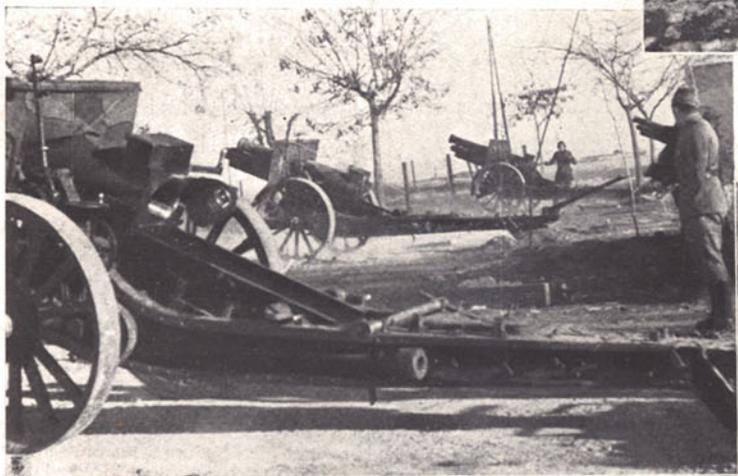
(Com os meus agradecimentos ao Ex.mo Directo e a todos os confrades)

Biscaia – Alb.-a-Velha

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa.

ASPECTOS DA REVOLUÇÃO NACIONALISTA EM ESPANHA

O coronel Rada, chefe dos Requetés, ostentando a sua boina vermelha que simboliza o tradicionalismo carl·sta, pelo qual combate com a sua fé inquebrantável de paladino. Segundo as suas últimas declarações, a luta há-de prosseguir até completa libertação da Espanha que seus avós lhe ensinaram a vêr una e indivisível

Os requetés de Salamanca prontos a marchar para a frente, hasteando o seu tradicional pendão que tem por legenda: «Deus, Pátria e Rei». Neste momento grave, não os preocupa o problema dinástico, mas a expulsão completa e imediata das hordas bárbaras que se empenham em despedaçar tudo o que de bom existe na Espanha

O lastimoso estado de uma rua de Madrid após um bombardeamento da aviação nacionalista. As próprias árvores não foram poupadas. Assim se explica que os libertadores da Espanha se tenham abstido de ataques mais violentos, visto ser-lhes penoso entrar em Madrid por entre montões de ruínas. Entrarão, mas entre as palmas festivas do triunfo

Uma bataria de 15 fazendo fogo sôbre a Cidade Universitária. Por aqui se vê o encarniçamento duma luta que terá a sua justa finalidade a-pesar-das ajudas moscovitas. E' duro o transe, corre muito sangue, são necessários sacrifícios... Mas que valor poderia ter a vitória sem tudo isso?

Esta gravura mostra a abnegação da benemérita Cruz Vermelha que, sob um fogo intenso, faz a condução dos feridos. É encantador verificar que, entre tanta ferocidade, ainda há almas nobres e puras, cheias de bondade e amor do seu semelhante, que sob todos os riscos e através de todos os sacrifícios, arrancam vidas a uma morte certa. No final, quando os heróis vitoriosos derem largas ao seu entusiasmo, quando lhes junquem a passagem de flores, quando os coroêm de louros, numa homenagem aliás merecida, não se esqueçam dos pioneiros da Cruz Vermelha que tantas e tantas vezes sacrificaram a vida para salvar a do pobre ferido em pleno campo de batalha. Lembrem-se deles, que, na sua modestia enternecedora, há de ser difícil encontrá-los. — À esquerda: uma barricada em Madrid, vendo-se indivíduos de várias nacionalidades que os seus trajos bizarros denunciam. Quando um perigo terrível, ameaçava subverter um país com todas as suas tradições gloriosas, não seria para admirar que os verdadeiros patriotas se erguessem a defender o torrão em que nasceram, sacrificando vida e haveres com a maior abnegação. Em volta do estandarte libertador da Espanha apertam-se, cada vez mais, milhares de corações valorosos.

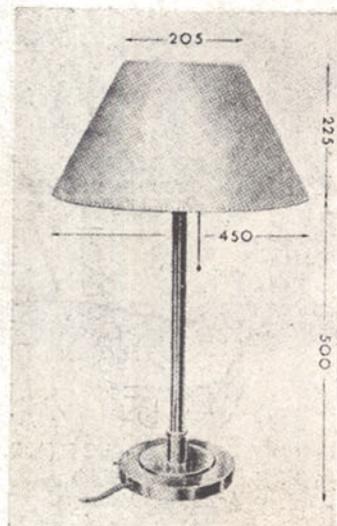
Empregando a nova lâmpada de trabalho

SABE tôda a gente que uma fraca iluminação pode gerar a miopia e que, quando os nossos filhos lêem a uma distancia menor de 0,30 cm. dos olhos estragam a vista. Para obviar a êste grave inconveniente só se conhecem dois meios, melhorar a iluminação ou utilisar oculos, não devendo oferecer a mais pequena dúvida a preferencia do primeiro.

O diâmetro da pupila diminue com a idade, portanto quanto mais esta se adianta de mais luz se necessita, de melhor iluminação, que constitue um maior alivio para quem vê com dificuldade do que para quem vê com regularidade.

Para se lêr o tipo vulgar dum jornal necessita-se de uma luz três veses superior à de que se carece para a leitura de um livro impresso. A costura é ainda mais prejudicial à vista do que a leitura e também para remediar êste inconveniente se deve aumentar a luz, deve ter-se ainda presente que a leitura de uma página interessante iluminada num quarto escuro fatiga a vista, aconselhando-se, portanto, a utilisação do candieiro de trabalho que ilumina uniformente todo o compartimento.

E apesar das numerosas vantagens desta racional iluminação torna-se tão pouco dispendiosa que o seu custo não ultrapassa o de meio maço de cigarros. Por isso para poupar os nossos olhos e o dos nossos filhos devemos empregar a nova lâmpada de trabalho que as Companhias Reünidas do Gaz e Electricidade em boa hora lançaram no mercado.

Este Candieiro de trabalho é composto de um pé de latão cromado ou niquelado, de um suporte de lâmpada com interruptor de corrente, dum reflector em vidro opalino e de um quebra-luz de papel crème. É equipado com 2,m50 de fio electrico maliavel e com uma tomada de corrente. A resistencia da sua fabricação e o

seu sóbrio estilo fazem com que êle seja adotado em todos os trabalhos em que se torne necessária uma iluminação intensa e uniforme, como, por exemplo, lêr, escrever, costurar, bordar, etc. É êste o Candieiro de trabalho que se pode vêr e apreciar nos Armazens de Exposição das Companhias Reünidas de Gaz e Electricidade, da Rua da Boa Vista 35, no seu Stand à Rua 1.º de Dezembro 138. (Av. Palace Hotel) e em muitas casas da especialidade.

Os vinhos do Porto «Sandeman»

NA quadra alegre e festiva que vamos iniciar não haverá mesa particular ou pública em que não figure, no lugar que legitimamente lhe compete, o vinho do Porto, o melhor vinho do mundo.

E quem fale ou pense no vinho do Porto ocorre-lhe imediatamente a afamada marca «Sandeman» que tem levado aos quatro cantos do mundo os seus apreciados vinhos que conseguiram conquistar, e bem justificadamente, um lugar de honroso destaque.

Porque constitue hoje «Sandeman» uma absoluta garantia, inspirando a maior confiança nos mais exigentes mercados do mundo inteiro?

Porque é êle o preferido pelos apreciadores do delicioso nectar?

Porque os tipos dos seus vinhos são uniformes, conservando permanentemente as suas excelentes qualidades.

Porque a sua preparação obedece á mesma rígida orientação que a tem caracterisado através os largos anos da sua existência e ainda porque, desejando manter a sua preponderância, só produz vinhos de primeira qualidade sem se preocupar com as vantagens comerciais dos vinhos inferiores.

A casa «Sandeman» possue as mais perfeitas e completas instalações, dispõe do mais importante «stock» de vinhos, em quantidade e qualidade, e cuida da sua preparação com o mais disvelado carinho.

Vamos passar o Natal, o Ano Novo e a Festa dos Reis e em todas as boas mesas tem de figurar o vinho do Porto. Escolhe-se o vinho «Sandeman» porque é incontestavelmente o melhor de entre os melhores. Dirijam, portanto os seus pedidos ao seu agente em Lisboa, Alvaro de Lacerda — Rua do Alecrim, 21, telefone 26 086.

NA quadra que estamos atravessando, como nas demais festivas de todo o ano, é do bom tom apresentar nas mesas escolhidas um bom vinho espumante. E quando dizemos espumante referimo-nos ao espumante natural, do tipo do clássico Champagne, que a lei, pelo decreto de 7 de Fevereiro de 1933, muito justamente distingue dos espumosos carregados de gaz artificial, com todos os defeitos que tecnicamente lhes são reconhecidos até mesmo sob o ponto de vista higiénico e sanitário.

De entre os espumantes naturais, que bem poucos são entre nós, destacam-se os das Caves da Raposeira, de Lamego, que datam de 1898 e que têm vindo aperfeiçoando de ano para ano a cultura das suas privilegiadas uvas.

Há portanto 38 anos trabalham os seus espumantes e nem uma vez só tentaram gasificar os seus vinhos o que lhes dá o prestígio de que sempre têm gosado. Para se fazer uma idéia da importância destas Caves basta saber que a média anual dos seus vinhos em stock é de 350.000 garrafas e que as suas caves e armazens ocupam cêrca de 5.500 metros quadrados.

**No Natal
No Ano Novo
Nos Reis
Em tôdas as festas
Nos Casinos
Nos Restaurantes
Nos Bars
Nos Hotéis
Em nossas casas
O primeiro logar é sempre das Caves da Raposeira.**

Xadrez

(Solução)

1. D — 3 B D	R — 3 C R (A, B, C)
2. D — 6 B R +	R ad lib.
3. D . . . . . . +	Mate
(A)	
1.	R — 5 C R
2. D — 5 R	R ad lib.
3. D . . . . . . +	Mate
(B)	
1.	R — 5 R
2. D — 2 B D +	R + C ou R — 6 R (a)
3. D — 2 R +	Mate
(a)	
2.	R — 4 D
3. C — 4 B R +	Mate
(C)	
1.	R — 3 R
2. D — 8 B D +	R — 2 B R (b)
3. C — 5 R +	Mate
(b)	
2.	R — 4 D
3 C — 6 B R +	Mate

Bridge

(Problema)

Espadas — D. 4, 3.
Copas — 7, 6, 5, 4, 3, 2.
Ouros — D. 5.
Paus — R. 2.

Espadas — 8, 7, 6, 5, 2.	N	Espadas — V. 10, 9.
Copas — 8.	O E	Copas — V. 10.
Ouros — — — —.		Ouros — R. 10, 9, 8, 7.
Paus — 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3.	S	Paus — D. V. 10.

Espadas — A. R.
Copas — A. R. D. 9.
Ouros — A. V. 6, 4, 3, 2.
Paus — A.

Sem trunfo. *O* joga 9 de paus. *N* e *S* dão meio chelem.

(Solução do número anterior)

S joga Rei de copas, *N* balda-se a 10 de ouros.

S joga 8 de ouros, *O* balda-se a paus ou espadas, *N* balda-se a 2 de paus. *E* ou entra do 9 de ouros ou cede.

Se entra do 9 de ouros e joga copas abona 3 vasas a *S*, — Ás de copas, Valete de copas e 7 de ouros — que obriga a 3 baldas de *O*. *N* conjugará as suas baldas com as de *O*, fazendo *N* e *S* tôdas as vasas.

Se joga ouros, *S* faz o 7 de ouros e joga o Ás de copas, obrigando *O* a baldar-se duas vezes, e joga depois o 6 de espadas, se *O* conservar carta de paus, aliás joga o Rei de paus e joga depois o 6 de espadas. *N* conjuga as suas baldas com as de *O* e fazem *N* e *S* tôdas as vasas.

Se *E* não entra do 9 de ouros: *S* joga o Ás de copas, *O* tem de perder a defeza em paus ou espadas, *N* balda-se a espadas ou paus.

S joga o 6 de espadas se *O* conservar carta de paus, aliás tira primeiro 9 de paus, fazendo *N* e *S* tôdas as vasas menos uma.

Divórcios curiosos

As estatísticas, na América do Norte, demonstram que, em 1934, houve ali 4.042 divórcios, o número mais alto de que há memória!

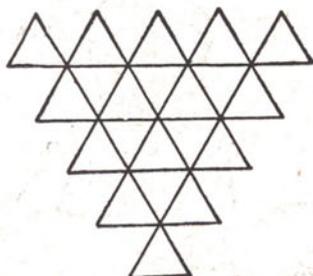
Os motivos de alguns dêles são extravagantes. Um marido americano fez ondulação permanente ao seu cabêlo; a mulher não aprovou semelhante cousa, requereu o divórcio, em S. Francisco da Califórnia, e alcançou-o.

Outra esposa americana conseguiu o divórcio, porque o marido ressonava.

Outro caso interessante é o de um homem de Chicago, que depois de vinte sete anos de felicidade conjugal, se referia a sua mulher sempre como «a senhora *fulana*» em vez de lhe dar um nome mais íntimo. Ela ofendeu-se, requereu o divórcio baseando-se em ser víctima de «crueldade moral» e adquiriu a sua liberdade.

Inspira, porém, mais simpatia dum honrado cidadão que obteve o divórcio pelo facto de sua mulher, habitualmente lhe deitar por cima, enquanto êle dormia, óleo de fígado de bacalhau e «embrocation».

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)

Desenho a executar sem levantar o lápis do papel e sem passar duas vezes pelo mesmo traço.

A maçã de Adão

Não há nada na Bíblia que indique ter sido uma macieira a «árvore no meio do paraíso terrestre», na qual Adão e Eva estavam proíbidos de tocar. A tradicional maçã pertence a muitos mitologistas, entre os quais grêgos e escandinávos. Mr. Lloyd Stark, uma autoridade na questão das origens dos frutos, julga que a tentadora fruta de Eden pode, muito bem, ter sido o pêcego, que está evidentemente associado às civilisações chinêsas, romanas, grêgas e persas. O pecegueiro era a «Árvore da sabedoria» para os chinêses e é significativo ter sido o pêcego, primitivamente, a maçã persa. Em todo o caso, as versões da sagrada Escritura são um tanto vagas na identificação de aves e de animais mencionados no original e idêntica incerteza se estende até aos frutos.

Os ratos e o queijo

(Passatempo)

Qual dêstes quatro ratos apanhará o queijo? Seguindo as linhas fàcilmente se desborira.

Origem das pias de água-benta

Nos primeiros séculos da Igreja Cristã, os fieis tinham uma tão grande preocupação da pureza com que se deviam apesentar aos olhos de Deus que, gostando de exteriorisar os seus pensamentos por meio de símbolos, estabeleceram o uso de colocar no exterior dos templos recipientes com água, nos quaes lavavam as mãos antes de penetrarem no recinto sagrado. Depois êsses recipientes fôram sendo reduzidos de tamanho. Mais tarde, a fim de impedir profanações dos irreverentes, recolheram-os aos pórticos e depois ao interior dos templos, mas sempre bem junto da porta de entrada, para que os fieis executassem ao menos, o gesto simbólico de molhar as pontas dos dedos.

O maior pedaço de oiro natural que se tem extraído da Terra pesava 80 quilos e foi encontrado embutido nas rochas, no Donnolly, Estado de Vitoria (Austrália), no ano de 1869. Em 1859, na região mineira Ménesota, próxima do Lago Superior, foi também encontrado um bloco de cobre natural, com o pêso de 420 toneladas, com 16 metros de comprimento por 4 metros e $1^{m},30$, em média, de largura e espessura.

Os tribunais ingleses são muito severos para com quem trata mal os animais. Ainda o ano passado, um operário de Londres foi condenado numa multa 1.500$00 por levar um pombo numa caixa demasiado estreita, e um caseiro de Middlesex foi condenado a três meses de trabalhos forçados por ter deixado morrer de fome alguns leitões cuja mãe era má criadeira.

A herdeira rica: — *Mas que maçada esta? Agora é outro idiota que se me está declarando pelo telefone.*

(De «London Opinion»)

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MUNDO NA MÃO
O mundo na mão
O mundo na mão
O mundo na mão
O MUNDO NA MÃO